

ANA LUIZA FERREIRA COELHO

# LANTEJOULAS AO VENTO

AUGE E DECADÊNCIA DO CARNAVAL DE  
GOVERNADOR VALADARES

Viçosa-MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

ANA LUIZA FERREIRA COELHO

# LANTEJOULAS AO VENTO

AUGE E DECADÊNCIA DO CARNAVAL DE  
GOVERNADOR VALADARES

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

Viçosa-MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

*"Quando absorvido pelas mídias, qualquer coisa, seja o que for, passa a ter caráter volátil:  
aparece para desaparecer".*

Lúcia Santaella

## DEDICATÓRIA

À minha mãe Angelina e minha tia Socorro, que ao longo da vida sempre criaram em mim a curiosidade sobre o carnaval valadarense.

Ao meu pai Tarciso, que me mostrou os caminhos do bom jornalismo.

Às minhas fontes, sem as quais o livro *Lantejoulas ao vento* não seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Depois de tantos anos e tantas lutas, gostaria de agradecer à minha família, que me deu suporte para trilhar os caminhos que nem sempre foram fáceis. Aos meus amigos da Elite, que mesmo longe sempre foram presença constante. Às Lulus, melhores amigas do mundo, e em especial à Fernanda Mendes e Carolina Reis, por terem estado do meu lado em todos os melhores e piores momentos, sempre com um sorriso e um abraço a oferecer. À Rafaela Najara de Sena, quase uma filha e quase uma mãe, simplesmente por ter aparecido em minha vida e tê-la tornado mais louca e divertida. E também à minha orientadora Mariana Procópio, que desde cedo ouviu minhas idéias e me ajudou a torná-las realidade.

## Resumo

A cidade de Governador Valadares iniciou sua expansão a partir de 1910, com a inauguração da Estação Ferroviária. Tendo uma ligação direta com o porto de Vitória, o desenvolvimento da então Figueira, distrito de Peçanha, se deu por meio dos forasteiros que rumaram para a cidade, levando consigo seus costumes e tradições, dentre eles, o carnaval. No início era apenas uma brincadeira, mas o carnaval valadarense foi adquirindo prestígio na região devido à disputa de carros alegóricos entre os dois clubes da cidade, além da participação da famosa zona boêmia. Nessa época, o período momesco de Valadares era conhecido como "o melhor de Minas Gerais". Porém, não houve investimento do poder público na festa, e ao longo das décadas de 70 e 80 ele foi perdendo elementos e brilho até se extinguir. Nesse contexto, a presente pesquisa trata do livro-reportagem *Lantejoulas ao vento – auge e decadência do carnaval de Governador Valadares*, o qual narra a trajetória desse carnaval, identificando as razões que causaram sua extinção. Mais do que apenas contar essa história, a pesquisa pretende utilizar e discutir a respeito do veículo livro-reportagem. Além de suas características principais, como a liberdade temática e linguagem mais leve, também pretende-se abordar este veículo como um instrumento capaz de fugir da agenda dos meios de comunicação tradicionais.

Palavras-chave: carnaval, Governador Valadares, agenda alternativa, livro-reportagem.

## Abstract

The city of Governador Valadares initiated its expansion from 1910, with the inauguration of the Railroad Station. Having a direct bonding with the port of Vitória, the development of the Figueira, district of Peçanha, gave by means of the outsiders who had headed for the city, leading with themselves its customs and traditions, amongst them, the carnival. At the beginning it was only one trick, but the valadarense carnival was acquiring prestige in the region due to dispute of allegoric cars between the two clubs of the city, beyond the participation of the famous zone bohemian. At this time, the momesc period of Valadares was known as "the best of Minas Gerais". However, he did not have investment of the public

power in this party, and throughout the decades of 70 and 80 it was losing elements and brightness until had its extinguishing. In this context, the present research deals with the *Lantejoulas ao vento – auge e decadência do carnaval de Governador Valadares*, which tells the trajectory of this carnival, identifying the reasons that had caused its extinguishing. More than what to only count this history, the research intends to use and to argue regarding the vehicle report-book article. Beyond its main characteristics, as the freedom thematic and lighter language, also it is intended to approach this vehicle as an instrument capable to run away from the agenda of the traditional medias.

Key-words: carnival, Governador Valadares, alternative agenda, report-book.

## SUMÁRIO

<b>1. AQUECENDO OS TAMBORES.....</b>	<b>9</b>
<b>2. DESFILE TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1- Parâmetros do jornalismo contemporâneo.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2- Livro-reportagem e agenda setting.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3- Livro-reportagem e memória .....</b>	<b>19</b>
<b>3. MÃOS NA BATERIA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1- Pré-produção.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2- Produção .....</b>	<b>24</b>
<b>3.3- Pós-produção.....</b>	<b>26</b>
<b>4. APURAÇÃO DO DESFILE.....</b>	<b>27</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>28</b>
<b>6. ANEXOS .....</b>	<b>30</b>



## 1. AQUECENDO OS TAMBORES

O objeto da pesquisa aqui tratado é o antigo carnaval de Governador Valadares. O carnaval, festa popular, tem sua origem na Grécia antiga, como cultos ao deus do vinho, Dionísio. Essas festas envolviam bebidas e orgias sexuais, e por isso a festa era repudiada aos olhos da Igreja Católica. Contudo, após esta tê-la aceitado, a data de sua realização, anterior à quaresma, período de sacrifícios, servia como um culto à liberdade antes de entrar num período religioso e de introspecção.

No Brasil, o carnaval chegou por volta do século XVII sob influência européia. Trazido pelos portugueses, realizava-se o entrudo, do latim *introitu*, de entrada ou princípio, uma espécie de brincadeira na qual participavam homens e mulheres, travando batalhas nas ruas. O clima de inversão da ordem social, ou até mesmo pura desordem social já estava presente. Com o decorrer do tempo, a festa sofreu algumas modificações no Brasil, surgindo o carnaval como o conhecemos, em suas diversas manifestações.

Em Governador Valadares, o carnaval já era brincado desde antes da emancipação política da cidade em 1938, quando era ainda distrito da cidade de Peçanha. Nessa época, caracterizava-se pelo uso de fantasias, batalhas de confete e, principalmente, pelo desfile do corso, no qual as famílias de mais posses desfilavam fantasiadas em seus carros, enquanto a população de menor poder aquisitivo se distraía e divertia vendo passar as bonitas fantasias. A formação de blocos também já se fazia presente, mesmo mobilizando menos pessoas e não recebendo tanto destaque. O surgimento dos clubes, *Minas* e, mais tarde, *Ilusão*, fez dos bailes carnavalescos de salão outra atração, voltada apenas para aqueles que pudessem pagar, ainda que também fizessem sua participação na rua.

Porém, no meio da década de 50, filhos da terra que haviam passado temporada no Rio de Janeiro, ou forasteiros que de lá vieram, trouxeram para a cidade outro jeito de se participar do carnaval: através de escolas de samba. Antônio Paulino criou em 1955 a primeira escola de samba valadarense, a Bate-Papo. Logo um dos integrantes da Bate-Papo que também já havia tido sua temporada no Rio fundou outra escola, a Milionários do Ritmo. O carnaval em Valadares tornou-se movimentado devido à competição entre os dois clubes e a disputa das escolas de samba, sendo considerado uma festa muito bonita e motivo de atração turística para a cidade, tendo, em alguns anos, lotação esgotada em todos seus hotéis e pensões.

O carnaval dessa época pode ser dividido em dois momentos diferentes. Havia o típico

carnaval de rua, com o desfile das escolas de samba e dos carros alegóricos dos dois clubes, considerados o brilho principal da festa. Ao mesmo tempo, os principais clubes da cidade promoviam bailes dançantes em suas sedes sociais. Cada clube tinha diversos blocos, e outros mais eram criados pelo resto da cidade.

Algumas pessoas independentes também elaboravam carros alegóricos vez ou outra enquanto as escolas de samba concorriam umas com as outras para ter o melhor enredo, as melhores alas, o melhor samba. Por esses motivos todos os valadarenses e turistas que lá festejavam consideravam o carnaval da cidade como “o melhor do interior de Minas”.

Porém, no meio da década de 60, por motivos econômicos os clubes interromperam suas atividades no carnaval de rua, não mais lançando carros alegóricos e disputando entre si somente com blocos, o que já é uma primeira perda para o famoso carnaval. As escolas de samba, vindas dos morros e muito aclamadas nos anos anteriores, cresceram muito e não tinham como se manterem sozinhas, necessitando de ajuda da administração pública, que é fraca em muitas vezes, e ausente em outras tantas. Assim, o carnaval foi perdendo o seu brilho com a diminuição das atividades das escolas de samba, dos blocos e dos clubes. No final da década de 80, o carnaval de Governador Valadares finalmente chegou ao fim.

Para resgatar a memória dessa festa popular que tanto movimentou a vida e a cultura do povo valadarense, a presente pesquisa pretende contar a história do carnaval de Governador Valadares, bem como identificar os motivos que levaram à extinção da festa popular de maior expressão cultural na citada cidade até a década de 80. Tal resgate se dá através do livro-reportagem, por ser um veículo que permite uma narrativa de fôlego, utilizando linguagem mais livre e leve, que adequa-se melhor à uma festa de expressão popular. Há que se ressaltar também o fato de essa festa estar tão comumente relacionada ao "ser brasileiro", como é possível se constatar no seguinte trecho:

Classifico o carnaval e as festividades do Dia da Independência (ou Dia da Pátria) como *rituais nacionais*. Isso porque ambos são ritos fundados na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes na nossa sociedade. (...) Isso quer dizer que, quando se realiza um ritual nacional, toda a sociedade deve estar orientada para o evento centralizador daquela ocasião, com a coletividade "parando" ou mudando radicalmente suas atividades. Um sinal típico dessa centralização e conseqüente sincronia das atividades é que os rituais nacionais implicam sempre um abandono ou "esquecimento" do trabalho, seus dias sendo *feriados nacionais*. (DAMATTA, 1997, p.46)

E esse "ser brasileiro" pode ser trazido aqui para o "ser valadarense", que era cultivado durante a época em que o carnaval atingiu o seu auge, fazendo Valadares ser considerada

como tendo o melhor carnaval do interior de Minas, ou ainda, o terceiro do Brasil, só ficando atrás do Rio e de Recife. Exageros à parte, tais afirmações demonstram o sentimento de envolvimento e bem-querer da cidade por sua festa, da qual hoje poucos se lembram.

Muitos dos que participaram dos anos áureos do carnaval valadarense já morreram, e dos que ainda estão vivos, nem todos sabem a importância que já tiveram, e o quanto contribuíram para a história e para a cultura da cidade. Há pouca informação sobre o assunto dentro da própria Valadares, e não é sem razão que as antigas gerações estejam deixando para trás essa história, e que as novas gerações, muitas vezes, sequer já tenham ouvido falar nela. Diante disso, a pesquisa foi guiada de forma a responder a seguinte pergunta: quais foram os motivos que levaram à decadência e conseqüente extinção do carnaval de Governador Valadares?

Ao transformar a resposta para essa pergunta em um livro-reportagem visa-se atingir a alguns objetivos. O primeiro, e o principal, é traçar a trajetória do antigo carnaval de Governador Valadares, suprimindo a carência de literatura a respeito. Além disso, o livro-reportagem ajudará a esclarecer as possíveis causas de tal festa tão popular na cidade ter se extinguido. É válido lembrar que, mesmo tendo vivenciado a decadência do carnaval, muitos não conseguem entender com facilidade os motivos que acarretaram tal decadência e conseqüente extinção, afinal nem sempre é fácil analisar o momento presente. Assim, através das pesquisas e entrevistas anteriores ao processo de escrita do livro, pudemos identificar várias causas que caminharam para o fim do carnaval valadarense.

Este processo de esclarecer por meio do livro-reportagem fatos passados aparece como um outro objetivo desta pesquisa, na qual se faz uma aproximação entre jornalismo e memória, sendo o primeiro um possível instrumento a favor do segundo. Tal aproximação se dá por meio da metodologia da História Oral que, assim como o jornalismo, também apoia-se nas técnicas de entrevista, como afirma o seguinte trecho:

A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir, documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados. A fronteira do mundo acadêmico já não são mais os volumes tão manuseados do velho catálogo bibliográfico. Os historiadores orais podem pensar agora como se eles próprios fossem editores: imaginar qual a evidência de que precisam, ir procurá-la e obtê-la. (THOMPSON, 2002, p.25)

Uma vez que o historiador pode pensar e agir como jornalista, também este pode assumir o posto de historiador. Utilizar do jornalismo e de suas técnicas, associadas às da História Oral, para esclarecer ou desvendar fatos passados.

Ainda observando-se os objetivos, propõe-se aqui a discussão de que a prática do livro-reportagem e da História Oral são altamente intercambiáveis, podendo gerar ótimos trabalhos se empregadas conjuntamente. Utilizando-as simultaneamente, cria-se uma possibilidade de ir além das tradicionais características do livro-reportagem, como liberdade temática, de angulação e de estilo de escrita. Este veículo passa a ser um possível instrumento de fuga das agendas dos meios de comunicação tradicionais. Ainda que Governador Valadares possua três emissoras de televisão, um jornal diário, fora outros semanais e diversas rádios AM e FM, o assunto do antigo carnaval, rico e amplo, não tem o costume de ser tratado como merece. Lembrado apenas na época do carnaval, nenhuma dessas mídias tradicionais possui espaço suficiente para tratá-lo em sua amplitude, o que não colabora para a efetiva memória dessa festa. Assim, o livro-reportagem vem, nesse caso, como uma possibilidade de extrapolar os limites da agenda tradicional da cidade, trazendo ao público uma versão mais completa do evento, em que se propõe a analisar o surgimento e a extinção do objeto de estudo em sua totalidade.

Para cumprir os objetivos aos quais este livro-reportagem se compromete, as técnicas da História Oral e da Entrevista em Profundidade se complementaram no processo de coleta de dados. Uma vez que a festa popular carnavalesca de Governador Valadares não possui grandes registros escritos, a forma de se buscar e aprofundar o passado teve de ser através de entrevistas feitas com as pessoas que participaram direta e ativamente da festa, transcrevendo os depoimentos e buscando analisar o conteúdo obtido de forma coerente.

Durante a pesquisa, algumas hipóteses foram traçadas e o processo de consulta aos arquivos do jornal *Diário do Rio Doce*, as entrevistas e o processo analítico posterior permitiram confirmá-las. A primeira hipótese, como resposta ao problema anteriormente citado, é que a administração municipal não investia na festa, o que contribuiu para o "empobrecimento" da mesma. Tanto através dos depoimentos das pessoas entrevistadas, quanto através da consulta aos arquivos dos jornais da época foi possível encontrar indícios que confirmam isso. Tanto é que nos anos em que interessava a prefeitura fazer com que o carnaval atingisse o máximo de beleza e brilho, como no jubileu de prata e de ouro da emancipação política de cidade, ela o conseguia investindo nas escolas de samba e na confecção de carros alegóricos. A questão é que em anos considerados normais pela prefeitura, o carnaval nunca era tratado como prioridade e o subsídio da festa passava a ser quase simbólico. Nesses anos, o povo e a imprensa sempre reclamava que o evento tinha sido aquém do que poderia ser.

Outra hipótese se baseia na idéia de que os particulares, aqui considerados como os clubes, blocos, escolas de sambas e foliões, não puderam manter financeiramente a festa, o que os levou a diminuir suas atividades, acarretando perda do brilho do carnaval até o momento em que ele se extinguiu. Pode-se confirmar isso uma vez que o surgimento do período momesco em Valadares se deu exatamente através desses particulares. Mas então o carnaval valadarense adquiriu um nome respeitado e, para não se perder isso, era preciso de que a cada ano se investisse mais. Durante anos os clubes Minas e Ilusão fizeram isso por conta própria apenas pela vontade de fazer um bom carnaval. Em 63, porém, o Minas fez reclamações de que apenas os clubes vinham promovendo o carnaval valadarense e requisitou verba da prefeitura para confeccionar seus carros alegóricos. Como não foi atendida, já em 64 estava fora do carnaval de rua. Não demorou muito e o Ilusão seguiu o mesmo caminho. Nos anos finais do carnaval, as escolas de samba, que já vinham há tempos requisitando verbas melhores e a doação de um local como sede para cada escola, também não puderam suportar os grandes encargos de promover a festa sem um subsídio significativo e também encerraram suas atividades.

Saindo um pouco do âmbito valadarense, a última hipótese também pôde ser confirmada. No Brasil inteiro um novo modelo de carnaval surgia, baseado nas músicas de axé e nos trios elétrico, e começava a se impor. Em 78 foi a primeira vez que esse modelo apareceu no carnaval valadarense, animando o público depois dos desfiles das escolas de samba. Aos poucos, o carnaval baseado em axé foi conquistando espaço em Valadares, ainda mais na medida em que as escolas de samba não conseguiam se sustentar e diminuía a qualidade de suas apresentações. Quando o carnaval baseado no samba acaba, o axé encontra caminho livre e até os dias de hoje predomina na cidade.

É necessário ressaltar que, além dessas três hipóteses confirmadas, outros motivos contribuíram ao longo dos anos para a decadência do carnaval, como a guerra entre fazendeiros e lavradores em 64, a enchente de 79 ou a dinamitação da ponte da Ilha em 86. Mas esses eventos, se fossem isolados, provavelmente afetariam menos a festa. Porém a associação do descaso público com esses incidentes e a simultânea melhoria das estradas para o litoral fizeram com que a população deixasse de se interessar pelo carnaval que tinham, uma vez que podiam encontrar opções melhores de lazer nas praias. A extinção do carnaval valadarense se dá por meio de todos esses fatores, já previstos nas hipóteses de pesquisa ou não.

A seguir, apresentamos os apontamentos teóricos nos quais essa pesquisa se amparou

e apresentamos a metodologia que possibilitou a escrita do livro-reportagem. Logo depois, as considerações finais farão as últimas ponderações sobre o trabalho realizado.

## **2. DESFILE TEÓRICO**

### **2.1- Parâmetros do jornalismo contemporâneo**

Ao longo do tempo, com o surgimento de novas mídias e processos de mudanças acontecidos na sociedade, o jornalismo foi se modificando para atender e se comunicar adequadamente com o seu público. Ainda que determinados elementos sejam amplamente utilizados em todo tipo de mídia informativa tradicional, como o uso da terceira pessoa do singular e tentativa de imparcialidade ao ouvir os dois lados de uma questão, cada tipo de veículo midiático desenvolve uma linguagem característica e adota seus critérios para definir o de tipo de informação a ser veiculada ou não.

Na dinâmica do jornalismo contemporâneo, critérios de noticiabilidade identificam aquilo que é notícia e como ela deve ser tratada, de forma a dar o maior número de informações no menor espaço possível. Os jornais impressos, dependentes de anunciantes para continuar a sobreviver, dedicam boa parcela de seus espaços nobres aos anúncios pagos e à propaganda, ficando a notícia muitas vezes relegada a um segundo plano.

Conseqüência direta desses modos de produção e veiculação da notícia, as informações muitas vezes são tratadas com superficialidade, sem uma reelaboração de assuntos semelhantes já abordados pelos mesmos veículos de comunicação. Um tiroteio no Rio de Janeiro entre policiais e traficantes é abordado como mais um caso isolado, sem a devida reflexão de porque há mais um tiroteio, quais são as áreas onde eles mais acontecem, quais os horários em que ocorrem, como começam, quais as possíveis soluções...

Dentro desse padrão de noticiar um fato, os veículos tradicionais de comunicação são pautados pela factualidade da notícia. Quanto mais recente, mais importante a notícia é. Cada veículo quer dar a informação antes do seu concorrente. Como afirma Ramonet (1999), essa concorrência pela factualidade é ainda mais acirrada quando entra em cena a Internet, com seu jornalismo instantâneo, sendo atualizado no momento em que o fato acontece. A imprensa passa a se guiar pela busca de uma informação nova e que nenhum concorrente tenha descoberto. Como afirma o autor: “De modo que a irrupção da notícia na esfera da Internet enlouqueceu a imprensa escrita que, para entrar na corrida, pôs-se a cercar por todos os lados os furos de reportagem como o único objetivo em mente: não se deixar distanciar pela Internet” (RAMONET, 1999, p.5-6).

Nessa perspectivas, é possível ver como os critérios de noticiabilidade podem ser mutáveis. Ramonet ainda traz à luz a discussão de que, com todo esse furor por ser factual, a

notícia passa a ser tratada como mercadoria e seu critério deixa de ser a verdade para passar a ser o interesse, que irá alavancar as vendas. Relacionar um novo tiroteio com outro passado poderia diminuir a factualidade da notícia. Não importa aprofundar a respeito dos tiroteios passados, mas quando morreram *neste* novo fato. Os números quantitativos da notícia poucas vezes estão a serviço de uma abordagem mais qualitativa.

O que queremos demonstrar aqui é que *notícia*, sempre factual, é diferente de *informação*, que não se prende ao tempo. A notícia é apenas um tipo de informação, uma factual, sendo a informação algo maior, que englobe mais aspectos além da factualidade, como a relevância social, as causas e conseqüências. Mas a falta de elaboração entre as notícias, faz com que as informações fiquem soltas, sem uma relação entre elas que possa fazer um sentido coerente. As mídias tradicionais trabalham com notícias, fatos novos, mas nem sempre trabalham com a reelaboração da informação, em transformar as notícias soltas, como a de um novo tiroteio, em informações concretas de uma situação real, como do porquê acontecem tantos tiroteios. O maior prejudicado é o público, que muitas vezes não consegue relacionar notícias semelhantes entre si, uma vez que tem em suas mãos notícias fragmentadas e sem aprofundamento. Por essas considerações, pode-se afirmar que

Ao organizar a pauta das reportagens atendo-se puramente aos fatos consumados, o jornalismo adota apenas uma postura passiva diante da realidade. Não assume uma desejável atitude pró-ativa, de antecipação e compreensão multidimensional da contemporaneidade. Desse modo, deixa de cumprir a missão nobre de verdadeiramente auxiliar o público a compreender globalmente o que acontece no mundo contemporâneo. Deixa de ver as interligações entre eventos e situações aparentemente díspares, as conexões múltiplas entre causas e conseqüências que explicam as aceleradas mudanças, nos planos individual, coletivo, nacional e internacional que afetam o homem deste final do século XX. (LIMA, 1998, p.22)

E é justamente para preencher as lacunas deixadas pelo jornalismo passivo, que somente divulga fatos novos e não pratica a compreensão do tempo contemporâneo, que outros tipos de mídia são buscados para refletir o tempo presente. Um deles pode ser a própria Internet, que abriga, em milhares de blogs, sites e fóruns, locais dedicados a debates ou a discussões consideradas importantes por aqueles que postam suas mensagens. Mas o veículo midiático aqui abordado como um local para tratar de assuntos que não têm espaço suficiente nas mídias tradicionais é o livro-reportagem.



## **2.2-Livro-reportagem e agenda setting**

No contexto de um jornalismo superficial e voltado apenas para o factual, o livro-reportagem surge como uma alternativa de tratar assuntos de interesse público e do público com mais profundidade. Por suas características inerentes, como a falta de periodicidade e a liberdade em relação ao factual, os jornalistas encontram no livro-reportagem um local apropriado para tratarem, com liberdade temática e de escrita, assuntos que consideram importantes de serem levados ao público, com as devidas reflexões feitas.

Assim sendo, o livro-reportagem é definido por Belo: “um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos” (BELO, 2006, p.41).

Através da liberdade temática, de angulação e de espaço dada pelo formato de livro-reportagem, o autor pode escolher o tema a ser tratado fugindo da “prisão” do factual. No formato de livro, temas considerados velhos podem adquirir novas abordagens, ou deslançar em novas conseqüências, ou ainda fazer relações com temas e situações atuais. Assim, um evento do passado, como o antigo carnaval de Governador Valadares, que não encontra espaço necessário para ser tratado nas mídias periódicas locais por não atender aos critérios de noticiabilidade, pode ser trabalhado numa narrativa de fôlego, abordando aspectos da festa pouco conhecidos do grande público.

Por essas razões, o critério da factualidade pode ser agora substituído pelo da atualidade, como se vê no seguinte trecho: “A atualidade não se refere ao fato, mas à forma como é transmitido, ou melhor, mediado. É o instante da mediação que realmente conta. (...) A atualidade refere-se ao tempo da veiculação e não da ocorrência do fato. Ou seja, nem sempre significa um fato novo.” (PENA, 2008, p.39-41). Nesse sentido, ainda que se pretenda esclarecer fatos considerados novos, pois não eram de conhecimento geral do grande público valadarense, o livro-reportagem aqui atua principalmente no sentido de aprofundamento de um evento cultural e histórico da cidade que, embora extinto há cerca de duas décadas, até hoje deixa marcas na sociedade.

Desta forma, uma vez que a atualidade é a capacidade de se relacionar com o atual, Lima complementa que o livro-reportagem pode ir

“trabalhando temas um pouco mais distantes no tempo, de modo que possa, a partir daí, trazer explicações para as origens, no passado, das realidades

contemporâneas; ou que aborda temas não atrelados a um fato nuclear específico, no sentido restrito do termo, e que mais se relacionam à explicação de uma situação mais ou menos perene.” (LIMA, 2004, p.36)

Perenidade. Atualidade. Temporalidade. Sobre essas questões Bulhões revela que:

“Um ponto essencial da confluência de gêneros do jornalismo e da literatura, sem dúvida, atende pelo nome de *narratividade*. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma seqüência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a *temporalidade*, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro. Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade”. (BULHÕES, 2007, p.40)

Assim, a atualidade e temporalidade estão no livro-reportagem a serviço do público que irá receber a informação, pois este veículo não terá que se ater somente ao que está acontecendo naquele momento, mas poderá compreender de forma mais abrangente como fatos passados afetaram e ainda podem afetar a sua sociedade contemporânea. E é justamente essa característica de abordagem que faz com que o livro-reportagem adquira um caráter de maior perenidade, pois não é periódico nem será substituído, a menos que surja uma nova edição mais completa ou que um outro livro aborde o assunto com maior profundidade. De modo contrário, a mídia cotidiana é pautada pelo efêmero, pois tão logo chega a edição seguinte, a anterior serve somente para “embrulhar peixe no mercado”.

Justamente por não se prender ao factual e por poder abordar temas que a grande mídia rejeita, o livro-reportagem promove um novo tipo de agenda e pode fomentar novas discussões na população. Se a mídia tradicional não pode “requentar” um assunto por muito tempo, pois o seu molde de produção e veiculação não permite fatos velhos, o livro-reportagem permite trazer a tona fatos talvez já conhecidos, mas com reflexões novas e que permitam ao público uma compreensão maior. Esse agendamento, ou a teoria da agenda setting, é definido por Pena:

A teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores da notícia tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. (PENA, 2008, p.142)

Dentro dessa perspectiva, um evento cultural extinto há mais de duas décadas não se

encaixará dentro dos critérios de noticiabilidade dos veículos periódicos locais e, conseqüentemente, deixará de ser levado ao conhecimento do grande público valadarense, que por sua vez não discutirá a respeito dele. O livro-reportagem, portanto, define-se nessa situação como possibilidade agenda alternativa, fazendo com que as pessoas de Governador Valadares conheçam, relembrem e discutam acerca de um marco cultural da história da cidade.

Nesse processo de agendamento por parte da mídia, acaba-se por reunir eventos distintos num mesmo tema, na chamada *tematização*. Dessa forma, assuntos semelhantes são agrupados e reunidos como se todos fossem parte de um único assunto. Essa tematização geralmente é dada aos assuntos de maior noticiabilidade, conferindo a eles uma evidência maior ainda. Desvios de verbas, tráfico de influência, nepotismo e etc. são enquadrados dentro do tema corrupção, que será tema corrente nas discussões cotidianas da população. É o que diz Wolf:

Por esse termo [tematização] entende-se a transformação e o desenvolvimento de um certo número de acontecimento e fatos distintos, num único âmbito de relevância, que justamente acaba sendo tematizado. A tematização é um procedimento informativo que faz parte da hipótese do *agenda setting*, representando uma modalidade que lhe é particular: tematizar um problema significa colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe a importância adequada, salientar sua centralidade e sua significatividade em relação ao fluxo normal da informação não tematizada. (WOLF, 2005, p.165)

Mas se eventos culturais, não contemplados pelos critérios de noticiabilidade tradicionais, forem distintos entre si, não poderão ser tematizados? E se não forem, qual a chance da população descobri-los e discutir sobre eles?

Numa relação mais estreita do livro-reportagem com agenda setting, o primeiro tem uma maior possibilidade de fugir desse agendamento, fugir da tematização e do factual e abrir espaço para temas de relevância social, política, cultural e etc. que a mídia tradicional não cubra por diversos motivos. Vale lembrar que muitos desses temas ou nunca foram discutidos ou talvez tenham sido de forma superficial e fragmentada, e faltou o espaço para fazer uma reelaboração de tudo, articulando origens, desenvolvimento e conseqüências numa narrativa mais coesa que permita ao leitor fazer seu encadeamento de idéias de forma mais lógica.

Temas que envolvem cultura, geralmente tão relegados, encontram no livro-reportagem um lugar ideal para trazer aspectos menos superficiais, mais entranhados nas origens e desenrolar de impacto na vida das pessoas envolvidas. O agendamento tem como

consequência fazer como que as pessoas não tenham fácil acesso a determinado tipo de informação, mesmo se o público estiver interessado em buscá-lo. Assim, ainda que uma parcela da população se interesse em conhecer mais a respeito do antigo carnaval em Governador Valadares, achará pouco ou nada sobre o assunto para se informar. O museu da cidade já recebeu grande acervo por parte de ex-foliões ou de seus familiares, mas não tem sede própria capaz de abrigar adequadamente todo seu conteúdo, e nas diversas mudanças feitas grande parte desse material foi perdido, roubado ou dado para terceiros, restando hoje pouco sobre o assunto. Nos livros referentes à história da cidade, o carnaval recebe cerca de duas a três páginas, sendo mais lembrada a rivalidade entre o Minas Clube e o Ilusão e ilustrada com algumas fotos de pessoas da elite, sendo que a maior parte dessa história é deixada de lado. É nesse tipo de brecha deixada pela imprensa tradicional que o livro-reportagem pode atuar num sentido de agenda alternativa.

### **2.3- Livro-reportagem e memória**

Uma vez que estamos considerando o livro-reportagem como um instrumento midiático capaz de tratar do presente sem ter de se focar, necessariamente, nos fatos atuais, é grande a relação entre o livro-reportagem e a memória. Mesmo considerando fuga das agendas tradicionais, temática mais livre e liberdade na linguagem, nem todos os livros-reportagem abordarão de algo do passado, de algo que mexa com a memória das pessoas. Alguns deles, mesmo se enquadrando em todos os critérios acima citados, ainda assim poderão discutir algo contemporâneo ou que tenha acontecido há pouco tempo.

Mas aqui estamos considerando a possibilidade de relacionar o jornalismo e memória. Nesse sentido, há a possibilidade que através do instrumento livro-reportagem utilizado como uma agenda alternativa, esse veículo aperiódico pode servir à memória, neste caso, do antigo carnaval de uma cidade. Esta deve aqui ser entendida como no seguinte trecho:

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. Portanto não admira que tenha interessado aos historiadores do tempo presente, depois de outros, já que essa presença, sobretudo a de acontecimento relativamente próximos como as revoluções, as guerras mundiais ou as guerras coloniais, acontecimentos que deixam seqüelas, e *marcas duradouras*<sup>1</sup>, tem ressonância em suas preocupações científicas. (RUSSO *apud* AMADO; FERREIRA, 2002, p.94)

---

• <sup>1</sup> Grifo meu.

Assim, esse conceito de memória, como presença do passado, vem ao encontro do conceito de atualidade definido por Pena (2008). O importante é a mediação, no presente, de um evento acontecido no passado, mas que deixou marcas ainda *presentes* naqueles que o vivenciaram.

O jornalismo, aqui presente no formato de livro-reportagem, utilizando de sua possibilidade de agenda alternativa, também expande suas funções e possibilidades de uso ao servir para mais que mera notícia, mas também para resgate da memória e para impedir que um evento de importância história e cultural caia no limbo do esquecimento.

Esses conceitos também podem ser relacionados com a teoria de Halbwachs (2006) na qual a memória serve como instrumento reconstrução do passado. Ele escreve que: "A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada" (HALBWACHS, 2006, p.71).

Halbwachs ainda observa o que ele chama de "memória coletiva". Ele identifica na memória a função de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela "adesão afetiva", ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias, "a comunidade afetiva". Sem desconsiderar a memória individual, Halbwachs considera que esta é parte de um todo maior, que é a memória coletiva. Esse pensamento assemelha-se ao de Thompson, para o qual através da memória de diversas pessoas de um mesmo grupo, ou seja, de uma coletividade comum, é possível reconstruir o passado, pois: "A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos." (FREITAS *apud* THOMPSON, 2002, p.17)

É necessário lembrar que o carnaval é uma festa popular e assim surgiu em Valadares e se deu sua expansão, sempre com iniciativa das pessoas interessadas em promover a beleza da festa e quase nunca ajudadas pela administração pública. Dessa forma, o antigo carnaval valadarense e sua história, por se tratar de um processo e uma produção social, podem ser compreendidos como geradores e dotados de uma memória coletiva, o que torna possível tentar reconstruí-lo, ou pelo menos reconstruir parte de sua trajetória, através de entrevistas combinadas à pesquisa feita em arquivos do jornal diário local.

Dentre esse passado a ser reconstruído, as memórias que são comuns a todos que viveram o carnaval são aquelas que puderam ser reconstruídas mais facilmente. Eventos isolados, pertencentes à memória de um único indivíduo, não só serão mais difíceis de

lembrar, quanto também menos ricos em detalhes. Por essa razão, fatos mais antigos do carnaval valadarense puderam ser resgatados de forma mais fácil, como a época da rivalidade entre os clubes Minas e Ilusão e a participação da zona boêmia, pois foram mais marcantes e permaneceram na memória de todos aqueles que, ainda crianças ou já crescidos, presenciaram essa época áurea do carnaval.

### 3. MÃOS NA BATERIA

#### 3.1- Pré-produção

O processo de escrita do livro-reportagem contando a história do carnaval de Governador Valadares pode ser dividido em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção.

Na etapa de pré-produção, utilizamos os arquivos do jornal *Diário do Rio Doce*, no período compreendido entre os anos de 1959 até 1994, sempre observando os meses que precediam o carnaval, a ocorrência da festa e suas repercussões. Atualmente, este é o único jornal da cidade já existente desde a época de ouro do carnaval, sendo que dos antigos jornais existentes na cidade, não se tem notícia de quem possa ter seus arquivos. Esta é a razão da pesquisa se basear apenas nos arquivos de um jornal. Necessário ainda ressaltar que o carnaval valadarense já existia desde antes da emancipação política, em 1938, mas seu auge se deu entre a década de 50 e início da década de 60. Como o jornal *Diário do Rio Doce* foi fundado no segundo semestre de 1958, só foi possível vasculhar arquivos posteriores a esta data. A respeito do carnaval do início da década de 50, baseamo-nos em dados colhidos por meio de entrevistas.

Para realizar as entrevistas, os métodos da História Oral e de Entrevista em Profundidade foram amplamente utilizados. Sobre a primeira, deve-se entender o conceito de que os personagens anônimos, não oficiais, também ajudam a construir a história, ainda que não sejam lembrados por ela, e têm legitimidade para falar dela e ajudar na reconstrução de eventos históricos através de depoimentos, fotos, descrições de lugares, pessoas e quaisquer outros fatos que colaborem na tentativa de reconstruir o que se passou. Assim, a História Oral faz uso de depoimento de pessoas para reconstruir fatos passados.

A Entrevista em Profundidade, utilizada conjuntamente com a História Oral, amparou este processo. As entrevistas foram feitas de forma semi-estruturadas, seguindo sempre um roteiro previamente elaborado, mas não tendo este como fechado. Questões que se impuseram durante as entrevistas puderam ser investigadas, ampliando o leque de perguntas do roteiro. É importante ressaltar que essa técnica permite resultados mais reflexivos que conclusivos, porém combinados a outras fases de pesquisa, puderam dar suporte maior para se desvendar o passado.

Em relação ao tipo de fontes, a princípio foram divididas em três núcleos, que

permitiram visualizá-las em relação ao tipo de atividade que desenvolviam no carnaval, direcionando o tipo de informação a ser buscada em cada núcleo.

O primeiro núcleo é o *Carnavalesco*, que englobou aqueles que trabalhavam diretamente para os festejos carnavalescos, seja em escolas de samba, blocos, como foliões ou decoradores, ou parentes próximos desses, em caso de morte. O segundo grupo, o da *Imprensa*, reuniu aqueles que, como membro da imprensa, observaram, criticaram e analisaram a movimentação da cidade, escolas de samba e administração pública diante das festividades carnavalescas. O último núcleo, *Político*, aglomerou aqueles que participaram da administração municipal e ajudaram, coordenaram ou se ausentaram da organização da infraestrutura e divulgação do carnaval.

Esta divisão de núcleos foi importante para o desenvolvimento de um olhar mais reflexivo e crítico sobre as fontes e o que delas estava sendo falado. Na prática, porém, não foi possível entrevistá-las com equilíbrio entre o número de fontes de cada núcleo. O primeiro motivo foi a passagem do tempo, que fez com que diversas fontes importantes já tenham falecido. Muitas das fontes do núcleo Político e de Imprensa, que eram mais escassas que as do núcleo Carnavalesco, se encontram nessa situação. Dessa forma, a pesquisa já começa se desfalcada em certos núcleos, dependendo ainda daqueles que tenham disposição de falar. Com esse segundo critério, o aceite da fonte, mais algumas fontes do núcleo Político se esquivaram de ceder seus depoimentos. Sem contar as fontes que mudaram de cidade e/ou não puderam ser localizadas. Nessa conjuntura, o núcleo Carnavalesco foi predominante entre as fontes utilizadas na pesquisa, tanto por serem mais abundantes, quanto por terem mais vontade de falar a respeito. É importante ressaltar que em determinadas fontes houve a confluência de mais de um núcleo. Como o entrevistado Ivaldo Tassis, filho do famoso folião Ivo de Tassis e por isso pertencente ao núcleo Carnavalesco, mas também parte do núcleo Político, por ter sido presidente, nos anos 90, do órgão responsável pela realização do carnaval.

A combinação dos dados fornecidos pelas fontes, associados às informações coletadas nos jornais da época, permitiram traçar de forma satisfatória a trajetória do carnaval. Porém, os dados fornecidos pela memória coletiva atuaram principalmente no sentido de reconstituir a "alma" ou o "clima" da festa, com elementos que eram comuns a todos os carnavais. Diante disso, uma das nossas intenções iniciais em relação ao livro-reportagem, que era a de trazer casos interessantes ou engraçados dos quais não se tinha conhecimento, nem sempre foi possível de ser realizado. Em nosso processo de entrevista e pesquisa, nos aconteceu



exatamente como no seguinte trecho:

"Minha experiência é de que as memórias são, regra geral, muito falíveis quanto a acontecimentos específicos" comenta R. R. James, "e muito iluminadoras quanto ao seu caráter e à atmosfera, coisas em relação às quais os documentos são inadequados". (...) Deve-se em parte a um menor interesse, mas também a muito menor ensejo de incorporá-los à memória, o fato de que se observa uma tendência geral de se lembrar muito melhor de processos recorrentes do que de incidentes singulares. (THOMPSON, 2002, p.180-181)

Dessa forma, foi muito mais fácil, por exemplo, recuperar informações a respeito do brilho da participação da zona boêmia no carnaval valadarense do que relembrar se as pessoas alguma vez as trataram com preconceito nos desfiles ou se elas tinham hora marcada para sair. O que foi possível reconstruir dessa época foi a rivalidade entre as donas das duas maiores boates, e que os carros alegóricos lançados por elas sempre traziam belas mulheres vestidas de modo ousado. Sobre o ano de 1958, no qual a boate Normandi lançou um carro em forma de cobra com uma mulher na boca desta, a informação sobre o ano e a qual boate pertencia foi obtida através de fotografias. Por ser o último ano em que a zona boêmia desfilou, o carro da cobra também ficou muito marcado na memória daqueles que vivenciaram esse evento.

### **3.2- Produção**

Após a primeira etapa, na qual os dados necessários foram levantados, o processo de produção do livro iniciou-se através da decupagem das entrevistas (todas em anexo) e da análise do conteúdo delas, buscando pontos em comum, além de respostas ao problema da pesquisa.

Feito tudo isso, e com os dados já ordenados, começou a escrita do livro-reportagem. Este divide-se em cinco partes, sendo cada uma delas um dia referente ao carnaval: Sábado, Domingo, Segunda-feira, Terça-feira gorda e Quarta-feira de cinzas. Para explicar a razão do nome de cada parte, vamos relacionar com a festa de carnaval. Esta começa, na verdade, no domingo. Sendo assim, o sábado foi incorporado ao período momesco pelos próprios foliões, antecedendo e abrindo a folia. Dessa forma, a parte do livro correspondente ao Sábado trata do que antecedeu os anos dourados do carnaval valadarense. Antes de Valadares ser considerada como "o melhor carnaval de Minas", o período momesco da cidade era como qualquer outro de uma cidade pequena. O Sábado conta como era este período comum do

carnaval valadarense.

Voltando à festa, o domingo é o primeiro dia de carnaval, e um dos principais dele. Era no domingo em que aconteciam os desfiles carnavalescos na avenida Minas Gerais. Considerando a importância desse dia para a festa momesca, o Domingo do livro conta a respeito dos anos áureos do carnaval valadarense, aqueles que conferiram à cidade o título de "melhor carnaval de Minas". Ele se dá com a rivalidade entre os clubes Minas e Ilusão, a participação da zona boêmia e o início do surgimento das escolas de samba em Valadares. Esse período acaba com a saída dos clubes do carnaval de rua, restringindo-se aos salões, e com a proibição do lança-perfume.

A segunda-feira de carnaval, naquela Valadares, é ainda um dia de folia, mas não tão importante quanto o domingo ou terça-feira gorda, mas no qual o folião ainda aproveita muito. Assim sendo, a Segunda-feira do livro traz os anos em que o carnaval já não tinha o mesmo brilho de antes, mas também não estava na decadência que se seguiria nos anos 80.

Algo importante a se ressaltar sobre a terça-feira gorda de carnaval, é que é o dia de mais folia, pois a festa está no fim e os foliões querem aproveitar ao máximo. Em Valadares, era o dia em que as escolas de samba repetiam seus desfiles. Uma vez que o carnaval valadarense segue numa linha de decadência, a Terça-feira trata dos anos mais fracos da folia momesca, mas em seu último capítulo (Bodas de Ouro e a Queda de Momo) conta a respeito do ano de 88, no qual a cidade comemorou seus 50 anos de emancipação política, e a administração municipal fez questão de investir muito na festa, proporcionando aos valadarenses uma festa digna dos seus anos áureos. Mas foi também o último ano em que o carnaval foi promovido.

A quarta-feira de cinzas, tanto na festa como o livro, já não é mais carnaval. Por isso que as repercussões finais da folia momesca valadarense entram nessa parte. Ainda que algumas movimentações tenham sido feitas no sentido de tentar reviver a festa -ou protestar o fim dela- aquele carnaval que os valadarenses conheceram já tinha deixado de existir.

Importante aqui ressaltar são os poucos trechos ficcionais do livro. O prólogo e o primeiro parágrafo do primeiro capítulo, assim como os últimos trechos do livro e o epílogo são todos ficcionais. Não entra aqui a idéia de iludir o leitor, apenas de criar uma maneira de tornar a leitura mais atraente. Considerando os trechos ficcionais do início do livro, serve de forma que ele sinta vontade de continuar a ler e descobrir o que se passou. Já os trechos ficcionais que aparecem no final do livro, servem como forma de trazer à tona o sentimento de perda dos valadarenses que viram acabar a sua festa mais bonita, pela qual muitos viviam

um ano inteiro esperando. A relevância desses trechos é discutida por Lima:

Pela maior extensão da reportagem em livro, o autor sente muitas vezes ser necessário alterar o usos das funções [de linguagem], empregando ora uma, ora outra, dentro daquele princípio básico de comunicação de evitar a dispersão do leitor e de criar artifícios que de vez em quando remodelam o ritmo da narrativa”. (LIMA, 2004, p.156)

Essas remodelações da narrativa aconteceram não somente nos períodos ficcionais, mas também no uso de diversas formas de linguagem como, por exemplo, os trechos de diálogos presentes. Esses recursos foram utilizados de forma a manter o interesse do leitor, muitas vezes saturado em relação ao estilo de escrita jornalística encontrado nas mídias tradicionais. É como ressalta Lima: “Seu único compromisso [do autor] é com sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações.” (LIMA, 2004, p.83)

Dessa forma, toda a linguagem coloquial do livro, em trechos ficcionais ou não, se dá no espaço que o livro-reportagem abre para um modo de escrita mais leve, capaz de agradar o leitor diante das inúmeras páginas a serem lidas, sem que para isso se perca o prazer de ler.

### **3.3. Pós-produção**

Tendo o livro sido terminado, o processo de pós-produção compreende as revisões finais e correções deste, seguido do processo de diagramação. Para esta, foi escolhido o formato tradicional de livro, 15x21, e pensou-se numa forma de trazer uma diagramação leve e agradável.

Em relação ao processo de elaboração deste memorial, ele se deu durante todos os processos livro, sendo finalizado somente depois que o livro-reportagem terminou de ser escrito.

#### 4. APURAÇÃO DO DESFILE

O livro-reportagem *Lantejoulas ao vento- auge e decadência do carnaval de Governador Valadares* aqui apresentado buscou reconstituir a história dessa festa, numa intenção de resgatar a memória desse evento cultural e desvendar a seguinte questão: quais foram os motivos que levaram à decadência e conseqüente extinção do carnaval de Governador Valadares?

Como resposta a esse problema, pudemos confirmar nossas hipóteses de que a administração municipal não investia o suficiente na festa e os particulares (clubes, escolas de samba, blocos e foliões) não tiveram condições de arcar sozinhos com todos os encargos da festa. Além disso, simultaneamente ao processo de decadência do carnaval valadarense, o ritmo de axé e os trios elétricos vinham ganhando força em todo o Brasil, e também em Valadares. Esses fatores, combinados também a tragédias locais, provocaram a extinção daquela que foi a maior festa cultural da cidade.

Ao traçar a histórica do carnaval valadarense e responder ao problema que guiou esta pesquisa, o livro-reportagem também expandiu seus objetivos. Mais do que contar ao público a história dessa festa, procuramos relacionar a atividade jornalística com o resgate da memória e, principalmente, utilizar o livro-reportagem como um instrumento capaz de fugir da agenda dos meios de comunicação tradicionais. Se consideramos a respeito da agenda setting, na qual a mídia pauta as conversas cotidianas da população, extrapolar os assuntos cobertos por esses veículos é necessário a medida que faz com que a população reflita e discuta temas diversos, que muitas vezes têm relação direta com suas vidas.

É exatamente isso que essa pesquisa buscou todo o tempo, propor ao leitor que descubra ou redescubra o carnaval valadarense e, mais que isso, que discuta e reflita a respeito dessa festa tão rica que tanto emocionou a população de Valadares. Abrir os horizontes para que o público que ler *Lantejoulas ao vento* possa perceber o valor desse evento cultural na história da cidade e que, talvez conhecendo-o melhor, possa preservar sua memória com mais carinho e de forma mais digna.

Esperamos que essa pesquisa abra caminho para novos aprofundamentos no resgate de eventos culturais históricos, e que o livro-reportagem possa, cada vez mais, ser utilizado como uma forma de fugir das agendas dos meios de comunicação tradicionais de forma a proporcionar ao público novos horizontes a serem descobertos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática. 2007.

COSTA, Edmar Campelo. **Epopéia dos Pioneiros- a história de Governador Valadares**. Governador Valadares, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880-1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória**. São Paulo: Contexto, 2003.

MEHI, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Literário**. São Paulo:Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMONET, Ignacio. **Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Parajara dos. **O Katzensprung- crônicas reais com personagens reais**. Governador Valadares, 2000.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Carnaval em branco e negro : carnaval popular paulistano, 1914-1988**. São Paulo: EDUSP, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WOLF, Mauro. **História das teorias de comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

# **ANEXOS**

## Anexo 1- Entrevista com Aldo Rosa

Data: 28.09.09

Local da entrevista: Secretaria do Ilusão Esporte Clube.

Ocupação: Aposentado.

**Pergunta:** Como que o senhor começou a participar de carnaval em Valadares?

**Aldo:** Eu, bem da verdade, posso falar que desde 1945. Quando eu cheguei eu fiquei nessa loja muito tempo, eu fui bancário, mas quando eu fui pro banco eles me chamaram pra voltar e ganhar o dobro do banco. Eu voltei, já tinha cinco anos que eu tava na loja. Eu sabia que eu tinha outra profissão, eu fui pro banco, mas dobraram o que me pagavam pra eu voltar pro escritório e pra fazer decoração de vitrines. Tinha 22 vitrines ali onde é o Bradesco. Aí tinha painéis ali.

**P:** E como que o senhor começou a participar do carnaval?

**A:** Ah, foi em 1945, não foi em 50. 1950 onde tem um bom comércio justo. Onde tem aquela casa em frente ao Minas Clube, ali era o banco.

**P:** Mas como que o senhor começou a decorar, a participar do carnaval?

**A:** Desde que aqui cheguei, em 1945. Pra eu poder frequentar o clube, era com um pouco da habilidade que eu tinha pra decorar. Então depois eu ganhava mesa e entrava, já era muita coisa.

**P:** E já era pro Ilusão que o senhor trabalhava?

**A:** Pro Ilusão. Eles me tiravam da loja pra eu vir trabalhar pro Ilusão. Aí eu vim pro Ilusão.

**P:** Como que você criava o tema da decoração?

**A:** Eu criava o tema. Eu fazia uma decoração que chamava "o carnaval no circo", fiz uma toda em papel crepom, vermelho e branco, fazendo esticadinha e tal, um ponte pênçil, fiz japonesa, o trem da Usiminas, foi naquela época. Ali a troco de nada, não fazia era ganhar dinheiro, fazia por amor ao clube, e as pessoas que gostavam também.

**P:** O clube investia muito dinheiro em decoração?

**A:** Investia, e carro alegórico. Teve um ano que nós fizemos 22 carros alegóricos no carnaval. Em um só carnaval. Oito, dez, depois nós fomos diminuindo. e os carros eram rebocados, pra iluminação tinham um transformador de alta potência puxado por uns tratores pequenos, por carreta, eu ia de carro em carro, olhando a iluminação. Eu devo ter na minha casa uma foto, dali onde é o Bradesco, ali era o Bemge, eu trabalhava ali. Então aquilo, a varanda, todas das casa as pessoas iam pra lá pra ver os carros passar. Fizemos grandes carnavais.

**P:** Por que que foi diminuindo o número de carros alegóricos?

**A:** Foi diminuindo porque os custos também foram caindo, né? Não mediamos esforços,



porque todos também ajudavam. mas fazíamos o que dava pra fazer. Usava papel, pra fazer um carro desse aqui, essa daqui morreu há pouco tempo. Essa daqui tava em cima de uma coroa e rodava. Olha aqui onde era o Bradesco. Então a gente gostava, esse carro aqui era bonito. Aqui a varanda da loja aqui.

**P:** Alguém ajudava o senhor a pensar...

**A:** Muitos ajudavam, o Carioca. Você conhece o Carioca? Ele ajudava a colar papel.

**P:** Como que eram escolhidas as pessoas que iam sair nos carros alegóricos?

**A:** Era o presidente daqui do clube que escolhia. Só escolhia moça bonita também. Aqui tem retrato de umas pessoas bonitas. Essas festas da primavera eram bonitas, tinha trono. Você conhece um médico que tem aí? Pitanga, Pitanga...

**P:** Arnóbio Pitanga?

**A:** Arnóbio Pitanga, ó ele aqui. Então tá aqui todas, as festas da primavera. Aqui copa do mundo, que eu te falei.

**P:** Eu conversei com o Epaminondas, que trabalhou com o Chico Melo, ele falou que quando ia mexer na parede do Ilusão o Chumbinho ficava doido, que a madeira era nobre e não podia, tinha que substituir a madeira...

**A:** Era assim, ele era muito exigente, e tinha razão. Fazia festa aqui monumentais, São Pedro, primavera, réveillon, todas maravilhosas decorações e deixa saudade. E a nova fase do Ilusão com Casimiro Soares.

**P:** Qual que era a maior dificuldade em fazer um carro alegórico?

**A:** Não tinha, porque todo mundo ajudava. Por exemplo, o Carioca vinha, e mais quatro, e todo mundo ajudava a colar papel. Eu morei no Rio de Janeiro então lá eu aprendi a fazer carnaval, aqui eu te mostrei, né?

**P:** Por que que o Ilusão parou de fazer baile por um tempo?

**A:** As coisas mudaram, e o clube precisava se manter, passou a alugar o clube, que até então não alugava, pra festas particulares. Formatura, etc, aniversários, então faturava em cima disso. E os carnavais também modificaram, mudou muito no tempo. Aqui as moças se fantasiavam, o presidente gostava de carnaval, eu não saía, não fantasiava.

**P:** E até quando o senhor foi decorador do Ilusão?

**A:** Enquanto existiu, até 1960, não tenho muita lembrança não.

**P:** E o clube antes tinha quadras de basquete, vôlei... Como que deixou de existir essa parte esportiva do clube?

**A:** Deixou porque foi quando faleceu o presidente que tinha essa pretensão e o outro não quis dar continuidade a isso. Até porque ficava caro pro clube, aí foi mudando.

**P:** Eu acho que o Chico Melo também decorou o Ilusão em alguns anos. Aí o senhor trabalhou com ele?

**A:** Não, nós éramos rivais, ele fazia pro outro clube.

**P:** Mas era rivalidade só no carnaval?

**A:** Não, mas era uma rivalidade sadia que todo mundo escondia o que ia fazer. Não gostava nem de entrar pra mostrar. Mas olha aqui a parte esportiva, olha a mãe do Márcio Castelo Branco, e ele moço aqui, esse é o Júlio Avelar.

**P:** Hoje o Ilusão não promove mais festas, não? Ele só aluga o salão.

**A:** Só aluga o salão. Porque hoje tem que gastar muito dinheiro. Pra investir, você não tem retorno. Então foi uma pequena história da minha colaboração que eu pude dar. Minha mulher não gostava não, comecei a namorar, a ficar.

## Anexo 2- Entrevista com Antônio Paulino

Data: 26.09.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Dono de bar.

**Pergunta:** Como que o senhor começou a participar no carnaval de Governador Valadares?

**Antônio:** Olha moça, eu francamente não comecei a participar do carnaval aqui não. Eu tive, como sempre, todo mundo sonha Rio e São Paulo, né? Eu sonhava com o Rio. Aí esses anos lá olhando, fui lá dar um passeiozinho. Eu fiquei lá três anos, mas nesses três anos eu fui trabalhar num salão de barbeiro próximo à quadra da Império Serrano e veio aquela vontade de ir lá assistir. E me tratavam muito bem, fiz muito amigo. E os meses que eu fui passar lá, passei três anos. E desfilei por duas vezes na Presidente Vargas, na Império Serrano, até bater a saudade de casa era mais. Veio aquela saudade de casa, apareceu eu eu falei "eu vou lá". Se me der na idéia, eu volto, se não der, eu fico. Mas eu cheguei aqui faltava uns cinco meses pro carnaval ainda, e eu falei "ah, eu não vou voltar não, largar minha velha, que eu fiquei três anos sem ela". E fiquei por aí. E por aqui eu fui conversando com um, conversando com outro "sabe Paulino, se você entende desse trem..." eu falei "não entendo não, passei a entender lá no Rio, eu desfilei dois anos na Império Serrano e cisme agora que eu sou sambista". Aí francamente, como nós vamos fazer? Aí eu falei "vamo bater um papinho assim, não é samba, não. A quadra que você chega lá, a quadra que você olha você vê tanta gente que não dá vontade nem de entrar, de ficar cá fora mesmo". Aí nós reunimos uma turma, 17 a 18 pessoas e falamos "vamo fazer um ensaio de carnaval". Aquilo eu fiquei olhando e falei "vamo arranjar uns tamborim aí, nós vamos fazer isso também, não podemos comprar. Se não podemos comprar, então vamos fazer." Como é que faz? Aí eu vi no Rio um tamborim de madeira, e eu acho que aprendi a fazer aquele trem. E comecei a fazer isso, comecei a fazer brincando, brincando, brincando e ensinando os outros como é que fazia e fizemos eu sei que foi uns cinco tamborim daqueles. Mas é esquentado no fogo, já pensou acender fogo na Avenida pra fazer? Mas a vontade era muita e achamos muito espaço também, a gente pegou aqueles trem e fomos desfilar a primeira vez. Aí não tinha rádio, tinha serviço de auto-falante, e anunciou que tinha uma escola de samba ensaiando, e essa escola chamava bate-papo. Eu tive lá rondando e agora vou até os ensaios, participar dos ensaios. E aí esse auto-falante passou a participar dos ensaios, e o pessoal, dava a hora do ensaio, o pessoal começava a chegar de distante. E eu "E não é que tá pegando?". Ô Paulino é você que tá mexendo com isso aí? Eu falei "é, rapaz eu vim do Rio, eu tenho certeza que eu vou ficar com saudade, assim pra matar a saudade eu tô arrumando essa turminha aqui". Começamos a brincar, brincar, brincar, nós saímos aí na avenida, na rua, e arranjaram um jogo de camisa pra nós, camisa de futebol. Ninguém sabia, só ouvia em Rio em escola de samba, mas ninguém tinha visto nunca na vida. Aí nós fizemos tudo e quando foi no dia nós descemos pra Avenida, mas nós tivemos que desfilar em cima do passeio, onde nós não queria, a gente queria na rua. Era pouca gente, mas tinha muita gente seguindo, acharam bonito e foram seguindo. Aí nós fizemos na avenida aqui, aí nós fomos no prefeito, que na época, o nome eu nem lembro agora, e pedimos pra desfilar, em cima do passeio, ficava mais tempo e tinha mais espaço. Aí o prefeito falou, quando foi no outro dia do desfile, a polícia tava lá na frente dando espaço pra nós, tirou a gente da calçada e pôs na Avenida. Aquilo foi ótimo. Não era bom, mas já deram uma força. E assim começou, começamos e apareceu outro querendo uma escola. Um componente meu, só tinha 17 ou 18, né, e eu "eu ajudo ocê, pra fazer tamborim, eu ajudo a

fazer, pra nós botar mais escolas na rua". Porque lá no Rio todo mundo ajuda, além de pagar a mensalidade pra ter a fantasia pronta, eles ajudam. Aí conclusão, aquilo pegou e fizemos a tal de Milionário, a escolinha deve tá até hoje aí. A Milionários foi uma escola também fundada por mim, o proprietário é o Buti. Aí nós começamos a mandar no carnaval na cidade, e esse mandar, aí o Buti "você vai ter que dar uma mãozinha pra essa turma aí". Aí começamo. Eu sei que no final de tudo, quando terminou o carnaval aqui, quando acabaram com o carnaval, nós tínhamos seis escolas, ia sair a sétima. Ia sair a do Vila Isa e não saiu, ela tá até arrumada lá, pronta, mas não saiu, o prefeito anunciou que não tinha verba. Uai, mas há trinta e tantos anos tem verba, como é que agora não tem? Aí os clubes desandaram e falaram "bom, sem o desfile de samba das escolas na avenida, nós não abrimos as portas dos clubes não". Deram força pra gente. Uai, mas porquê? Porque quem segura o povo que faz clube, é o desfile das escolas de samba, enquanto eles ficam aí torcendo, cantando, vibrando, os clubes estão esperando. quando as escolas se recolhem, nós vamos abrir os clubes. Então o meu não vai abrir, o meu também não, o meu também não. É o Minas e o Ilusão, né? Então o carnaval era daquele jeito naquele primeiro ano o prefeito era, que afastou o carnaval, o prefeito era Raimundo Resende, deu dois anos só, não deu mais. Aí o outro que veio, veio o Perim, deu dois anos só, não deu mais. Aí acostumaram, deu dois anos, dois anos, chegou o Rui Moreira aqui e não deu mais nenhum. E assim o carnaval foi embora, eu não sei porque, isso é uma pergunta que eu faço diariamente: por que acabaram com o carnaval? A renda que o carnaval dava aqui, porque o carnaval trazia aqui seis, sete, oito mil pessoas, com trinta dias antes de carnaval não achava um hotel vago, tava tudo já. Aquilo não assombrou ele, eles viram a cidade como que tá. Você não chegou a ver, viu, coisa beleza, aquela Avenida cheia de gente, só a Marquês de Sapucaí no Rio fica daquele jeito. E foi acabando o carnaval, isso tantos anos sem. Eu sei que Valadares carregou o título de melhor carnaval de Minas Gerais, melhor carnaval. Todo mundo vinha pra aqui. Ninguém ia pra Vitória, pra Bahia, pro Rio. Ninguém, não. Todo mundo vinha pra aqui. Carnaval bom tem em Valadares, nós vamos sair daqui pra quê? Agora chega hoje, em período de carnaval, você não vê ninguém nessa cidade. Avenida morta. E eu aborreci também, eu falei "ó, eu num posso aborrecer com nada não, eu vou ficando a cada dia mais velho e carregando saudade e eu não quero saudade de ninguém não". Peguei todos os troféus que eu tinha, eu tinha 17 troféu de campeão, fora os vice, segundo lugar, aquilo eu fui dando pros outros. Os instrumentos eu fui vendendo barato, eu não quero nada, eu não quero nada que pertença a carnaval aqui dentro de casa. As fantasias, que era cara e não podia dar pros outros, eu falei "ó, vê quem quer alguma dessas fantasias aí, manda panhar, que enquanto eu não ponho fogo. Vou botar fogo em tudo". Em tudo? Em tudo. Não quero, já que não tem, pra que ficar guardado aqui? Aí ela falou assim "tá certo". Queimei aquilo tudo, menina, eu na hora tava botando fogo com dó, com dó de botar fogo naquelas fantasias que custou tão caro. Dava verba, mas a verba deles era por acaso, de fazer uma fantasia daquela, eu tive uma ala delas na frente e queimei tudo. Não tenho nada que fala de carnaval aqui. Eu tinha 108 instrumentos, dei uns, outros eu vendi barato, e afastei mesmo, ou me afastaram do carnaval. O (...) falou comigo "eu vou conversar com o Antônio Paulino pra ver se volta o carnaval". Mas não volta não. Muito difícil voltar o carnaval aqui, porque os prefeitos não ajudam. E o seu Raimundo Resende não posso falar nada dele, porque o que ele fez de bom aqui, que todo mundo achou ruim, foi acabar com o carnaval. E hoje tem aquela cidade morta, as pessoas se arrumando pra ir pra fora. E carnaval aqui eu me escondo, pra ninguém me ver. É coisa de ficar olhando a Avenida, foto pra lá, foto pra cá, samba-enredo, eu ganhava quase todos, ganhei quase todos. Todos os desfiles meu, eu fazia samba-enredo, eu mesmo fazia, e eu mesmo puxava o samba, e assim foi feito. trinta e sete anos de carnaval, Valadares carregando aquele título do melhor do interior de Minas. E hoje felizmente nem saudade, que se eu tivesse saudade eu tava de bobeira. Sempre me chama pra ir pra Timóteo "ô Paulino, já que não tem carnaval aí, vamo pra lá?". Vou não, quero mexer com isso não.

Então meu negócio acabou, pra mim Valadares morreu nessa parte. Gente pra convidar a gente tem muitos "ó, eu pago seu desfile, pago tudo pra ir pra tal lugar". Vou nada, vou ficar em casa, minha idade agora chegou no lugar, né, agora com essa idade eu não vou mais agüentar carnaval de jeito nenhum. Eu tenho 80 anos. Eu vivi minha vida, eu não passei vida, eu não passei pela vida, eu vivi minha vida. que de Belo Horizonte, Ipatinga, uma boa ala de Ipatinga que vem pra mim, já aproveitei. Mas aqui ninguém consegue levantar isso mais.

**P:** Como que acabou a Bate-papo e virou a Império de Lourdes?

**A:** A Bate-papo acabou assim. Eu criei a Império de Lourdes e a Bate-Papo eu botei na mão de um compadre meu, o Zezinho. Um cumpadi. Eu falei "você fica aí, eu vou te dando uma força por fora, mas você não fala que eu tô te dando força não, que a Império de Lourdes tá dando força não, que a Império de Lourdes é nome forte, mas se falar que tá te ajudando, até atrapalha você". E ele segurou a Bate-Papo por muito tempo, aí ele começou a fraquejar, eu peguei, chamei e falei "ó, bota outro lá na Bate-Papo e você vem me ajudar aqui, que eu tô aqui com quase 500 pessoas e tá difícil". Lá no Rio são 4 mil, 5 mil e eu com 500 aqui ficava meio apertado. Mas lá todo mundo ajuda, e aqui era eu só. Algumas pessoas davam a mão, mas assim foi o carnaval aqui. Eu mais o Buti, que dia que o carnaval aqui, quando eu não era campeão, não aparecia outro. Só a Milionários e a Império, a Império e a Milionários, a Milionários e a Império. Ah, esse ano é da Império, sabia que era meu. Ah, esse ano é da Milionário, sabia que ela tava preparando pra isso. Aí as outras escolas iam entoar a gente, ajudar, e assim teve 37 anos de parceria. Eu queria mais, mas não quiseram. Não quiseram. E por enquanto mesmo é só isso.

**P:** Mas por que o senhor, que tava na Bate-papo, quis criar a Império de Lourdes?

**A:** Pra ter mais escolas, porque quanto mais escolas, é mais fácil o carnaval. E assim foi. Quando apareceu três, quatro, cinco, ih, todo mundo queria ver a outra escola, quem que era. E apareceu aquele punhado de escola. No último ano, ia desfilar sete escolas. Sete escolas na avenida, mas já tava amanhecendo o dia, eles começavam o desfile oito horas, terminava já tava amanhecendo o dia. Então, não quiseram mais, passaram todo mundo a crente. Mexer com o coração dos outros... Ia passar todo mundo a crente, que o Resende é pastor, né? E ganhou pra prefeito, passou todo mundo pra crente. Aí acabou, acabou mesmo. Não devia. Aquela escola da doutora Isabel. A Figueira, uma escola bonita, bonita, eu tive medo dela. Eu tive medo dela, que era muito bem arrumada e tinha força, mas logo em seguida nasceu a Bafo de Bode, que é só gente forte também, lá do mercado. Então o carnaval foi só melhorando, mas lá vem a política, o Resende ganhou e atrapalhou tudo. E aí acabou. Isso tudo quando a gente encontra é aquela choradeira, aquela conversação e eu falo "não adianta, acabou, acabou mesmo. Vocês tinham que ter feito na hora. eu chamei todo mundo pra ir a rua, e fazer uma fila lá na porta dele, ir na prefeitura, vocês não quiseram". E agora acabou tudo. De vez em quando eles convidam a gente, e eu "ah, eu não tenho mais instrumento não, nem que arranje instrumento, na minha idade de agora eu não quero não".

**P:** Até a própria Baiana que era da Bambas da Princesa virou crente...

**A:** É, a Baiana virou crente, mas... Mandou um recado pra mim esses dias, que soube que eu fui a Vitória e não fui na casa dela. E eu "ah, fui lá a toa, não fui visitar ninguém não". Que eu não tô bem das pernas, que eu não sei porque tá me atrapalhando tudo. Se fosse só a idade, mas as pernas, as dores, eu ando daqui ali, vem a dor nas pernas. Mas eu não tenho nada a reclamar, de Deus principalmente, que eu vivi bem a minha vida. E eu era muito bem

aplaudido, muito bem aplaudido, a cidade toda me conhece. Eu sou um homem que até hoje ninguém tem nada a falar de mim aqui na cidade. Eu era brigador por causa de título, né? "O título é meu, eu quero o título. Esse o meu enredo eu não falo pra ninguém, que o meu enredo esse ano que vai...". E jogava aquele enredo na rua, e até toda hora mexendo no enredo, mexendo com carro alegórico. Pra ganhar. Mas tá tudo bem, correu tudo certo, tudo legal. Só sinto um pesar com o que eles fizeram com a cidade. Tirar uma renda que a cidade tinha, de dinheiro mesmo. Que aqui não vinha nada, vinha sete, oito mil carnavalesco. Ficava todo mundo aqui. Hoje sai todo mundo aqui, pra Vitória, pra Bahia.

**P:** Como que o senhor compunha o samba-enredo? Como que vinha a idéia?

**A:** Ah, não é igual hoje. O samba-enredo de acordo com o que eu ficava numa mesa bebendo, ali também eu ia riscando devagarzinho. Quando pensava que não, já tava quase certo, pra completar. Aí no outro dia eu partia pra melodia, isso pegava a melodia, pegava o gravador e botava uns dois meninos pra acompanhar o tamborim. E depois nós ia ensaiar, eu tinha três menino que tinha a voz boa, essas três meninas, eu até emprestei, emprestei não, eu dei essa fita pra moça ouvir, ela me carregou ela. Carregou minha fita.

**P:** Teve algum ano que marcou o senhor? Um que gostou mais?

**A:** Não, o que eu gostei mais, não. O que eu não gostei, tem. Agora o que eu gostei mais, não. Porque essas coisas que a gente vai fazer porque quer fazer, então não marca a gente, a gente já tem certeza que faz por gosto da gente. Então todo carnaval acabava, os outros queriam brigar "briga não gente, isso é um perde ganha, ganha o melhor quem eles aplaudirem mais". E a gente "to dando o título pro Antônio Paulino porque ele... ele compõe as músicas dele, ele canta as músicas dele, ele mesmo". Vocês aparece nisso. Eu tinha meus motivos pra ganhar o carnaval. E o Buti porque sabia preparar a escola dele também. E todo mundo vinha ver. E assim nós fizemos o carnaval aqui durante muito tempo. Meu sentimento com ele é só que acabaram com a única coisa, com a única alegria que tinha, acabaram com ele. Porque se for voltar hoje, até volta, mas não volta igual era. O que tinha aquela animação, durante quatro meses, cinco meses, a gente começava a ir nas lojas, caçando trem. A gente viajava a Belo Horizonte, Montes Claros, buscar tudo que era de carnaval. Juiz de Fora. Agora acabou com tudo.

**P:** E as suas viagens eram todas do seu bolso mesmo?

**A:** Não, era do dinheiro que eles davam, da verba. Não eram tanto não, mas as passagens também não eram grandes coisa. Agente saía à noite, chegava a Belo Horizonte seis horas da manhã, a gente tinha onde ir escolhes, caçar aquelas lojas todas, e a tarde ia embora. mas dava pra fazer isso. Inclusive eu vendi um carro meu pra completar o enredo, eu precisava ganhar aquele carnaval. E ganhei. Fiquei sem meu carro, mas também nunca liguei pra carro, eu tinha por ter. Então eu ganhei o carnaval, mas dei um duro danado. E é isso aí, é o que eu sei de carnaval até hoje é isso.

## **Anexo 3- Entrevista com Antônio Rocha**

Data: 29.09.09

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado.

Ocupação: Comerciante.

**Pergunta:** Como que o senhor começou a participar do carnaval em Governador Valadares?

**Tonico:** Ah eu comecei a participar por volta dos 16, 17 eu comecei a participar do carnaval em Governador Valadares que, por incrível que pareça, só quem viveu sabe que foi muito bom. Porque quem vê carnaval hoje, não imagina que o carnaval em Valadares foi bom demais. Tinha os bailes do Ilusão, do Minas, tinha uma rivalidade muito saudável entre nos dois clubes, o baile era família, todo mundo se sentava tinha uma mesa, sentava de um lado, tinha conhecido. Era uma coisa bem família mesmo, era muito gostoso e muito bom. Daí durante a década de 50, de 60, até o final dos anos 70 foi uma maravilha, depois foi acabando, acabando, acabando até ficar esse marasmo, a cidade absolutamente parada.

**P:** E o senhor participou de blocos?

**T:** Participei de blocos, dos Minas, do Ilusão. Eu frequentava os dois, não ia só em um. Onde tivesse o meu interesse particular na época eu ficava lá onde tava. No Minas ou no Ilusão, dependendo. Geralmente eu ficava mais no Ilusão, numa temporada, depois eu fui, devido aos meus interesses, eu ficava no minas. Eu não tinha plano não, o negócio aparecia nos dias de carnaval, na época.

**P:** E em qual bloco o senhor participou?

**T:** Na época eu fui uma vez no Ilusão um bloco chamado "Alegria, alegria", e um bloco que eu não me lembro o nome. Foram só dois. E no bloco, ficava muito preso, eu não gostei muito de ficar assim. a gente tinha que ficar, a gente... Foi muito bom, participei desse bloco, foi muito bom, mas tinha um preço a pagar. Tinha que ficar vestido naquilo, não podia sair.

**P:** E como que veio a idéia de criar a Patota?

**T:** Essa nasceu do nada. A gente começou a brincar e tal e falamos "vamos fazer uma escola de samba". a turma, na época, nós éramos jovens, né? Então as jovens da sociedade "vamos fazer uma escola de samba", e a gente resolveu. Tinha uma colunista no Diário do Rio Doce que nos incentivou muito, que é a Pina Morano, até já faleceu, ela nos incentivou bastante a fazer a escola de samba e nós saímos durante três anos. Se não me engano foi o carnaval de 1970, foi 70, 69 e 68. E 70 o última coisa dela foi quando nós pegamos os instrumentos que tavam guardados, e acabamos com eles todos na comemoração da copa do mundo, o tri campeonato de 70. Acabou praticamente com tudo. Depois a gente não saiu mais.

**P:** E como vocês fizeram pra montar a escola, comprar os instrumentos, organizar as alas? Quantos integrantes tinham?

**T:** Ah, era pra mais de 200 pessoas. Rateava, cada um comprava seu instrumento, cada um comprava sua fantasia, não tinha verba pra nada não. Cada um comprava seu instrumento, cada um comprava sua fantasia.

**P:** E como que pensavam as alas, o samba enredo...?

**T:** O samba-enredo quem fez foi o Sivinha, Siva Antônio de Castro Filho, foi ele que fez o nosso samba-enredo. A gente tinha o samba-enredo que foi o mesmo durante os três anos, não mudou não. E o resto as alas não, a gente chamava de escola de samba, mas era mais uma brincadeira, era mais um bloco mais realizado que uma escola de samba, entendeu? Era brincava de escola de samba porque tinha passista, a Maria Augusta que era a nossa passista, tinha a bateria, e o resto era batucada por ali mesmo. Mas não tinha isso de ala, ala de baiana, ala daquilo que uma escola de samba tem. Era uma coisa bem informal mesmo, tava mais pra bloco que pra escola de samba.

**P:** E como surgiu esse nome?

**T:** É porque a gente brincava que era a nossa patota, a nossa turma. Patota naquela época era sinônimo de turma, entendeu? Então patota era a gíria da época, então era uma turma, uma agremiação de amigos que juntavam pra ir em barzinhos, domingueiras, festas, essas coisas.

**P:** E por que que acabou?

**T:** Foi assim, como eu te falei, no tricampeonato passou e ninguém teve ânimo de juntar os cacos de novo.

**P:** Mas você continuou a pular o carnaval em Valadares ou parou?

**T:** Em 71 eu casei, aí essa história de carnaval sozinho, de turma, isso acabou. Aí eu já fiquei, depois o carnaval foi caindo, caindo. Começamos a passar o carnaval na praia, a curtir o carnaval na praia. Eu parei com isso aí, mas coincidentemente o carnaval em Valadares foi diminuindo, diminuindo até zerar. Eu participei da época de ouro do carnaval de Governador Valadares, época que eu acredito que tenha sido na década de 50, 60 até o final de 60, princípio de 70 já começou a cair. Então eu não sei me aprofundar se caiu muito ou não porque eu também saí da luta. Mas foi caindo naturalmente, sem a gente ter parado ou não. Mas esses três anos de escola de samba foi bom, era a turma toda amiga.

**P:** E depois que desfilava ia pra algum clube?

**T:** A gente ia pro clube, claro. A gente ia pro clube por volta de 10 e meia, 11 horas da noite. E o desfile começava por volta de 8, 9 horas até uma hora e meia, mais ou menos, 10 horas, 10 e meia. E acabava a gente ia em casa, tomava banho e ia pro clube. a gente tinha muita animação. A gente agüentava.

**P:** E virava a madrugada?

**T:** Oh, até a hora que acabasse. A gente não ia embora antes de terminar, não. A gente agüentava.

**P:** Os quatro dias?

**T:** E se tivesse o quinto agüentaria.



## Anexo 4- Entrevista com Antor Santana

Data: 30.09.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

**Pergunta:** Você me desculpa, parece que houve um erro no meu gravador. Eu não vou pedir pra você repetir tudo não. Mas só da fundação da Bambas da Princesa. Como que foi?

**Antor:** A criação foi assim como eu disse pra você anteriormente. Já existia a Milionários do Ritmo, nós que eramos carnavalescos, por dizer assim, formado pelo Hormando Leocádio, o Hormindo Leocádio, a Baiana, que é conhecida, eu e mais uns tantos e esses faziam parte desse grupo eram pessoas que trabalhavam em tipografias. Porque o Hormando era gráfico, o Hormindo era gráfico, eu era gráfico. A Baiana não, a Baiana chegou um tempo depois. E a formação da escola aconteceu na casa da mãe do Hormando, na ocasião era ali na rua Castro Alves, que você conhece, ela morava ali. E nós nos reunimos ali. E muitas vezes nós até ensaiamos ali no terreiro, no quintal da casa da mãe do Hormando. Foi assim que começou a escola de samba Bambas da Princesa. Dali começou o sucesso e nós saímos em vários anos do carnaval a partir de 1950 pra cá até 70, 70 e poucos e depois o carnaval foi acabando em Governador Valadares e com ele também foi acabando as escolas de samba. E como ainda por longo tempo, os chamados blocos, lembrando como eu já te falei anteriormente, quando a história o próprio bloco do Ivo de Tassis e do Dr. Arnóbio que tá no museu da nossa cidade. O Dr. Arnóbio e o Ivo tão lá, uma referência extraordinária do carnaval de Governador Valadares.

## Anexo 5- Entrevista com Carlos Thébit

Data: 24.09.10

Local da Entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Cirurgião dentista.

**Carlos:** A coisa aqui foi acabando por causa da facilidade da pessoa chegar até beira-mar. Naquela época tinha estrada, mas não tinha asfalto. Hoje a facilidade pra chegar a beira-mar é praticamente, Valadares o mais próximo que tem é Vitória, várias cidades praianas. O pessoal passou a buscar esses lugar do que a prestigiar aqui. Então foi ficando muito mais fácil, os carros ficaram carros, os custos pra fazer o carnaval dos clube também, muito caro, Ecad, ISS, bandas, as taxas. O que eles investiam, hoje fica inviável. O pessoal hoje tudo vai embora, as bandas são caras pros 4 dias, tem que ter todo um esquema de segurança. Hoje tem todo um aparato que antigamente não se cobrava.

**Pergunta:** Inclusive em 92 tentaram reviver o carnaval, mas muitos clubes desistiram em função do Ecad.

**C:** É, não só o Ecad, ele é uma das coisas. Hoje a prefeitura cobra taxa, os bombeiros tem a sua taxa. A polícia tem taxa, o seguranças. Tem que ter segurança mesmo, mas você tem que jogar no ingresso, em quem vai pagar, o folião. E as bandas são praticamente inviáveis, porque são praticamente uma orquestra, são 20 pessoas que fazem isso pra gente brincar. Então ficou inviável, insuportável pra você pagar aí bandas, até no réveillon mesmo tá começando a querer ficar igual o carnaval. Daqui a pouco para também pelo valor que a banda cobra, e tem que repassar pras mesas, pro povo. O pessoal tá começando a passar o réveillon na beirada da praia, que nem no carnaval, fica mais barato talvez, juntando um grupo, do que passar no clube, ou na cidade.

**P:** Mas o senhor começou a participar do carnaval aqui quando?

**C:** Eu comecei por volta dos 17, ensaiava de começar a brincar. Primeiro infantil nas domingueiras. E depois mais adultos nós fizemos blocos, fomos pra escola de samba, Figueira Samba Comigo, desfilamos, fizemos o bloco do clube, o Batuque, e nós resolvemos, fundamos o bloco daqui. Depois já tinha 50 casais. Aí começamos a ir pra avenida, participar de concurso. E depois partimos pra fundação da escola de samba, juntamente com varias pessoas da sociedade. Aí depois o tempo vai passando, não há renovação, você vai desanimando, só tinha duas escolas de samba. Tinha vários blocos, mas não há renovação o povo vai desanimando, nos clubes o povo não tem carnaval. E aí acabou o carnaval. O carnaval de Valadares, quando começou era fantástico, eu era pequeno e eu via, fantástico. Tem gente que falava que os carros alegóricos eram iguais os do Rio de Janeiro, a região todo vinha pra cá. Mas foi mudando as características. No Rio a tradição são os carros alegóricos, no resto é mais axé, trio elétrico, você vê Diamantina ainda é marchinha. Cidades mais turísticas ainda tem marchinhas no carnaval, no restante todo, em termos de minas gerais, acabou. Nós aqui do Filadélfia estamos tentando, na 3ª-feira de carnaval a gente tem contratado uma banda e o pessoal tem ficado até mais tarde, mas sempre pensado, sonhando em trazer o bloco pra rua. Quem sabe? Talvez ano que vem a gente começa a motivar o pessoal. Mas isso também tem que partir do poder público. As secretarias de esporte, lazer e turismo teria que fazer alguma coisa, as vezes consegue motivar o pessoal a fazer reunião, fazer uma programação, ver quem que gosta, pra as vezes voltar. Talvez começando por bloco

na rua, fazer um concurso de blocos. Mostrar pros filhos da gente, pra ver se anima. A gente tem retrato em casa, mas é completamente diferente.

**P:** A Figueira saiu por três anos...

**C:** É, saiu. No primeiro ano eu saí, depois eu me afastei, mas acompanhei. Aquilo que eu te falei, a dona Helga e o Raimundo Resende nos convidou, junto com a cacilda, a tia Inês, várias pessoas, e nós fomos convidados a participar. E nós levamos o bloco pra a escola de samba. E participamos da primeira, que foi um espetáculo, foi sensacional. Junto com o Bafo de Bode, que era outro tipo escola, mais popular. mas foi incrível, o pessoal gostava. quando nós começamos nós íamos a São Paulo, olhar as fantasias, nós olhávamos as revistas, a gente copiava, trabalhava o ano todo pra chegar nessa data. Todo mundo ajudava, as meninas ajudavam a bordar, minha mãe, meu pai, todo mundo ajudava a bordar as fantasias, a fazer. Como dizia minha irmã, nós fomos a São Paulo comprar sapatos, e começou assim e virou uma proposta muito grande. Mas depois o povo foi cansando, não houve renovação, e aí vai desanimando. Infelizmente. A gente tem casa eu comecei a namorar, vem os filhos, a família. As coisas vão mudando, a gente sonhava em levar os filhos com a gente, teve gente que levou no carro, era uma relação muito sadia. A gente fazia tudo por amor, todo mundo bonito, um mês antes a tinha a batucada, todos nós começávamos a preparar. A gente ia pra casa de um, de outro, não tinha confusão, briga, nada disso. Alguns até já se foram, outros moram na América, fora de Governador Valadares, mas sempre que dá a gente tem contato, lembra da época.

**P:** E por que você só saiu no primeiro ano?

**C:** É que nem eu te falei, eu e minha esposa, na época ela morava na Acesita, quando a gente casou ela morava na Acesita. Então a gente só se encontrava no fim de semana. Eu morava na casa da minha mãe, tomava conta da parte financeira que era muito cansativo, eu deslocava pra Acesita, ela vinha no fim de semana. então ficou muito pesado pra nós. Então na época de carnaval a gente tava cansado, mas torcia do mesmo jeito, via a escola passar na avenida, muito bonita. O pessoal fez um bom trabalho. O Massoca. Primeiro nós reunimos no hotel do Chumbinho, depois nós passamos pra perto do Hospital Regional. O Massoca era o dono. Deu certo, como organizador, então todo mundo gosta, tá no sangue. Eles tinham o bloco do Mustangues, espetacular, e aí a gente era igual esporte, a gente viveu isso o tempo todo, e fica sempre pensando em voltar. Até aqui no clube, uma vez nós fizemos um grito de carnaval, a gente tá pensando em lançar um bloco uma semana antes do carnaval, porque, que nem eu te falei, aqui vai todo mundo pra praia. Antigamente tinha o bloco dos Fabri, que saía na Avenida, o dr. Arnóbio, o Tassis, o Nonô com a garrafa na cabeça. Quando a gente era criança via aquilo passando na rua e achava bonito demais, então a gente sempre se pergunta porque que Valadares ficou nessa situação até hoje eu não aceito, eu fico pensando em sair na rua, uma semana antes, a gente toca. Mas falta o empurrão "a gente vai sair mesmo? No dia tal? Então vamos, vamos fechar uma rua". Um tem que começar, eu tô meio devagar nesse ponto, mas uma hora vai dar certo. Eu to tentando.

**P:** O bloco de vocês se juntou a escola?

**C:** É, só o bloco nosso virou uma ala da escola. Quem organizava era o Massoca, a esposa do dr. Raimundo, a Cacilda, Chumbinho, participou da diretoria. Tem hora que a gente esquece e fica até chato, mas eu lembro que essas pessoas tavam mais a frente. Eles começaram a escola.

**P:** E a Figueira Samba Comigo tinha relação com a Patota, uma escola que surgiu antes?

**C:** Isso eu não posso te falar. Eu lembro é do Massoca, do Mustangues, um bloco espetacular, o mais bonito que teve aqui, teve o nosso bloco. Foi através dessas pessoas que viram que tinha um bloco, e começaram a montar. Aí fomos buscar pessoas que mexiam com bateria, que nós não tínhamos experiência. Tínhamos uma mulata do Rio de Janeiro, foi uma coisa muito bonita. O Massoca e a Isabel tiveram liderança até o final. Eles participaram bastante. Infelizmente eu peguei mais o final, no Ilusão já não tinha carnaval na minha época. Nós levamos a escola pro Ilusão, pra aproveitar que a turma toda, a idéia era voltar a rivalidade Ilusão e Minas. A idéia minha, talvez, de conversar com o Chumbinho e levar a escola lá pra dentro. Mas eu saí, e a escola também acabou. Infelizmente o carnaval ficou muito pesado, caro. Pra você ter idéia, nós fazíamos a fantasia, praticamente nós ganhávamos, nós investíamos, o clube só cedia pra que nós pudéssemos frequentar. Tinha o concurso na Avenida, no clube não. mas tinha só o Minas, depois veio o Garfo, e foi acabando. Não teve seqüência, apareceram outras opções, o povo foi pra praia, apareceu carnaval da Bahia, atrás do trio elétrico, veste uma camiseta e vai embora. Aí hoje tá desse jeito. Infelizmente, porque as músicas, antes tinha músicas bonitas, todo ano lançava música, no nosso bloco tinha músicos, o Rosinha e o Guai, fazia marchinha pra nós, a gente saía cantando. Cada ano a gente fazia uma coisa. dá saudade.

**P:** E vocês fizeram algum tipo de sátira?

**C:** Não, no começo eu lembro de quando era garoto do dr. Arnóbio, todo ano ele fazia, nós não. Nós simplesmente saíamos, olhávamos o que que era, "esse ano nós, as mulheres saem de Carmem Miranda e a gente vai pensar a nossa fantasia". Aí a gente ia de malando. Teve um anos que nós fomos de Carlitos e elas, todo ano a gente bolava uma fantasia, mas sem intuito de sátira, era sempre pra valorizar as mulheres, que Valadares sempre teve mulheres bonitas, sempre valorizando as mulheres. Fazendo fantasias bonitas. O pessoal saía pra avenida, e tinha que ter segurança, senão tinha confusão, porque elas eram muito bonitas. Era difícil pros jurados votarem. Porque nem sempre o bloco mais bonito ganhava, não adiantava ter beleza e não ter animação, então na época o bloco do Índio ganhou da gente porque a gente não tinha batucada, e o bloco dele tinha, era muito bonito. Aí no outro ano nós ganhamos dele, do Papillon. Era uma rivalidade muito grande.

**P:** Parece que foi uma época meio mágica...

**C:** Foi, os carros alegóricos eram fantásticos. Eu era garoto, os pais levavam pra avenida, a gente ficava esperando os carros. Dava a volta na pracinha, saía o do Ilusão, aí o Minas ía, contornava a pracinha, voltava. Então a gente achava aquilo um máximo. Depois eu fiquei sabendo de um gato enorme, o gato mexia o pescoço, enorme, bonito, o gato fazia movimento, então todo ano ficava esperando quem ia lançar o carro mais bonito. Todo mundo esperando pra ver as mulheres bonitas, e nós tivemos tudo aqui. Quando eu comecei já tava começando a cair, os clubes já não tinham rivalidade, tinham os blocos e as escolas de samba, saiam na avenida, mas não eram igual o carros. Nós fomos crescendo e hoje vocês estão mais no axé, o nosso carnaval era igual o do Rio de Janeiro, bem menor, mas o nosso era bonito. A região toda vinha. A cidade abraçava o negócio, hoje o importante é não fazer barulho, se fizer prendem a gente.

## Anexo 6- Entrevista com Eduardo Arreguy

Data: 25.08.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Advogado.

**Pergunta:** Como você começou a participar do carnaval em Valadares?

**Eduardo:** No bloco de carnaval, 1971, a gente tinha uma turma de amigos, o carnaval em Valadares era muito movimentado, existia Escola de samba, bloco... Nós resolvemos fazer um bloco mais pra participar na rua, no desfile, mas também para entrar nos clubes, porque os blocos tinham livre acesso aos clubes naquela época. Então nós fizemos mesmo para participar do carnaval de clube e, por tabela, a gente participava do carnaval de rua, desfilava na rua também. Mas começou com uma turma de amigos, eram 10 amigos, meninos na época em 71, talvez tenha sido o bloco infanto-juvenil, o primeiro sem a participação de pais e tal, talvez tenha sido o nosso. Eu era adolescente, na época só o pessoal mais velho participava.

**P:** E como que surgiu o nome do bloco?

**E:** Sabe que outro dia eu tava pensando nisso. Não sei se você já ouviu o nome de uma banda de rock que tem aí, eles fazem rock alternativo. Uma banda de rock de Brasília, tem o mesmo nome. Como você sabe, Kaaba é aquela pedra negra na cidade de Meca adorada pelos muçulmanos. Na verdade, tava surgindo uma briga muito grande sobre o nome, e um amigo nosso, fundador que mora em Vila Velha, falou "Coloca Kaaba. Kaaba é uma pedra que tem lá em Meca, olha que nome interessante". Kaaba, Kaaba e foi assim, não teve nada de especial não. Colocaram uma série de nomes e acabamos optando por esse. Não é mesmo sigla, porque era só nós, não teve nada de diferente.

**P:** E o Kaaba tinha rivalidade com outros blocos?

**E:** Quando começou não. Existiam outros blocos de rua, pessoal mais velho, bloco famoso, Mustangue, você pode entrevistar, Vera Vargas, que comandava o Mustangues. Era do pessoal mais velho, tinha muito mais dinheiro que o nosso, bem maior que o nosso. Era o único de destaque que tinha rivalidade. Com o passar do tempo, talvez até porque nós lançamos esse negocio de pessoas mais novas lançar blocos para desfilar na rua, outras pessoas começaram a fazer. Tinha o Butterfly, que era um bloco que tinha aqui na Ilha, um pessoal que eu não lembro. Os Mustangues, tinha o Pega-pra-Capá, da família dos Wilson Índio do Brasil, camarada que foi vereador aqui e os filhos dele mexiam com isso. O Afrânio, que faleceu, e o Índio que ainda mexe com aquela casa noturna. Foi esses que surgiram pra fazer rivalidade mesmo. Disputavam com a gente.

**P:** E chegou a ter algum bate-boca?

**E:** Não, sabe por quê? Valadares era, como é até hoje, muito pequena. Então você conhece as pessoas que tão do lado de lá, existia a rivalidade, o pessoal queria mostrar a fantasia, antes de desfilar escondia um pouco. Mas briga mesmo entre os blocos isso não teve, era um pessoal que convivia bem. Tinha rivalidade, mas era sadia. Tinha muita briga no carnaval, mas era fora disso, não tinha bloco contra bloco não.

**P:** Mas o Kaaba começou no Garfo, aí teve um ano que ficou em 3º lugar...

**E:** Começamos no Garfo. A gente gostava do Garfo porque tinha piscina e no ultimo dia de carnaval, na 3ª feira, era tradição depois das 4 horas da manhã todo mundo pular na piscina. A gente adorava pular na piscina. Todo mundo. A banda vinha pra perto da piscina depois de 4 horas da manha e o povo pulava mesmo, na piscina grande, pulava na folha. Todo mundo, e depois a gente ainda saía, a banda vinha tocando até a Ponte da Ilha. Então a gente tinha mais acesso ao Garfo e gostava mais do carnaval de lá. Um ano em que nós entendemos que tínhamos sido roubados, num concurso interno que teve lá, e fomos mesmo, uma sacanagem que eles fizeram. Deram a taça de 1º colocado para um outro bloco, que era muito interessante, era só de mulher, e de uma fábrica de catuaba, então era uma fantasia muito simplesinha, mas era muita mulher bonita, realmente tinha, e a fantasia simples. Nossa fantasia era muito mais bonita, mais elaborada. Aliás, no ano em que nós perdemos foi ano em que nós fizemos a coisa mais profissional, nós contratamos até uma pessoa pra fazer as fantasias, o estilista da cidade conhecido, Marco Antônio Rosa, ele fez uma fantasia muito bonita, muito chique, apesar de muito incômoda, demais. Ele misturou os estilos, os homens de smoking, e as mulheres com uma roupa meio anos 20, um véu de tule, com bordado, piteira, um chapeuzinho coco pras mulheres, e uma saia rodada. Eu não sei porque a saia rodada. E tinha uma armação, e a saia atrapalhava, igual essas baianas de escola de samba, então a saia tinha. E a fantasia era muito bonita. E como os homens todos eram de preto, as mulheres variavam as cores. Internamente a gente chamava a fantasia de "Zé do Caixão" porque a cartola era alto, incomoda também, de bengala, polaina, era um negocio bem bolado, nós ficamos dois dias no Rio comprando material pra essa fantasia. Aí lá no Garfo teve uma armação, chamaram o pessoal lá pra ser jurados e nós perdemos. Aí nós realmente ficamos com raiva, tinha investido muito na fantasia e perdemos para uma fantasia que não tinha nada a ver. Naquela noite mesmo nós saímos de lá criando um caso danado e chegamos no Minas, porque era tradição naquela época, os blocos visitarem os clubes, então você podia sair do Garfo, ir no Ilusão, ficar um tempo lá, olhar o salão e ir embora. Ia no Minas também, passeava lá. Então nós entramos e lá mesmo acertamos que no próximo ano íamos pular carnaval lá e largar o carnaval do Garfo de lado. Por coincidência, naquela época o carnaval do Garfo começou a cair. O pessoal dos diretores do Garfo era mais tradicionalista, começaram a colocar muito obstáculo. Proibiram de pular na piscina. Porque a vantagem do Garfo era de ser um clube muito fresco, na beira do rio, quando você não queria ficar no salão, você podia ir pra grama, pra aquelas mesas ali, tomar uma cerveja, proibiram também. Adáí começou a ficar muito cheio de proibição, muito cheio de regras, e o Minas começou a se destacar por ser um carnaval de pessoas mais novas. O Garfo ficou com como um carnaval de gente mais velha. Aí nós fomos pra lá e ficamos até acabar.

**P:** Nessa época o Ilusão já tava perdendo espaço?

**E:** Já, já tava. O Ilusão perdeu muito espaço para o Garfo, que era o Minas e o Ilusão só, quando o Garfo entrou puxou muita gente do Ilusão pra lá, depois perdeu espaço pro Minas, ia todo mundo pro Minas.

**P:** E quando o carnaval começou a acabar vocês tentaram resistir?

**E:** Tentamos, sim. Eu credito a falência do carnaval do carnaval de rua de Governador Valadares a um prefeito, que é o Ronaldo Perim. Quando o Ronaldo assumiu ele cortou a subvenção que dava aos blocos de rua, e a gente tinha direito por a gente desfilar na rua, a gente recebia uma verba da prefeitura. Não era muito, mas dava pra alguma coisa, ajudava nas

fantasias daqueles que, todo mundo estudante, todo mundo menino, não tinha muito dinheiro, e aí ajudava nas fantasias daqueles que não tinham dinheiro. Ajudava a comprar instrumento pra gente desfilhar, e da mesma forma também pra outros blocos de rua e pras escolas de samba. Essa verba tinha um valor muito grande pra gente porque dava um "gás" mesmo pra você fazer. E o Ronaldo Perim entrou e cortou essa verba, essa subvenção. Daí pra frente o carnaval começou acabar. Refletiu também, não sei porque, no carnaval de clube, mas afetou também, e as pessoas passaram a não mais ir a clubes. Mas tudo começou na rua, quando ele cortou a subvenção, acabou o carnaval de rua e afetou o de clube.

**P:** E o Kaaba surgiu no meio da ditadura, alguma vez vocês tentaram fazer sátira política?

**E:** Não, isso na época era muito controlado, ainda mais em Valadares em que tradicionalmente tem... Na verdade a sociedade valadarense é muito reacionária, ele se filiou ao governo militar, até porque tinha muito pecuaristas, pessoas que sempre tiveram um medo muito grande a qualquer coisa ligada à esquerda. E nós éramos produto desse meio, nós fomos ter um envolvimento político, a minha geração, a partir de 76, 77, mas nunca tentamos levar isso pro carnaval. Se fizesse, ia todo mundo preso. Muita complicado. Quando nós começamos a chegar na faculdade, estudar fora daqui, nós começamos a ter um engajamento político maior, mas nunca pensamos em trazer isso pro carnaval. Tinha muita brincadeira, muita gozação, até porque o bloco, além de sair, ele desfilava 2 vezes no carnaval na rua, antes das escolas de samba, os 4 dias (sábado, domingo, segunda e terça) no clubes e 2 dias à tarde, na Ilha, a gente saía, mas era bloco sujo mesmo. Os homens vestidos de mulher, as mulheres do jeito que elas queriam, não tinha obrigação de fantasia, e aí era brincadeira mesmo. Mas não tinha crítica política, sátira, essas coisas não.

**P:** E como você reagiram quando proibiram o lança-perfume?

**E:** O lança-perfume foi proibido bem antes, se não me engano, no começo da década de 70. naquela época ainda tinha facilidade, mas era mais caro. Só que um químico qualquer descobriu um jeito de fazer um lança-perfume alternativo, que era o cheirinho da loló. Você encontrava os ingredientes com muita facilidade. Farmácia vendia éter, vendia clorofórmio, vendia calobelano, que eram os ingredientes básicos pra se fazer o cheirinho da loló. Então fazia em casa mesmo, comprava e fazia ali, colocava em frascos pequenos e todo mundo saía com um cheirinho. Mas nós não pegamos a proibição, tinha mais facilidade de encontrar lança-perfume, hoje não, hoje tá muito difícil. A repressão é grande e não acha.

**P:** E o período de inflação alta, troca de moeda, juros altos...

**E:** Desanimava muito, ainda mais como eu te falei, era todo mundo estudante, não havia pessoas mais velhas, os pais não participavam com a gente. Então era muito complicado, uma crise muito grande, os pais não podiam ajudar, e a gente tinha que dá pulo de todo jeito pra poder colocar, literalmente, o bloco na rua. Não era fácil não. Era complicado.

**P:** E você acha que o surgimento do trio elétrico pode ter tido alguma relação com o carnaval de rua ir decaindo?

**E:** Não, sabe por quê? Quando o carnaval de rua de GV começou a acabar, o trio elétrico ainda não tinha essa força, o trio elétrico surgiu um tempo depois. Uma coisa que acabou prejudicando, como eu falei a prefeitura parou de investir, as pessoas começaram a se dirigir para o literal. O carnaval virou a oportunidade de você ir pra praia. Naquela época, feriado era

só na terça-feira, no sábado todo mundo trabalhava, no domingo não porque não se trabalha, na segunda-feira o comércio todo abria normalmente, na terça-feira fechava. Então como o carnaval tomando mais um aspecto de feriadão, com a segunda-feira sendo feriado, as pessoas começaram a ir pra praia. Mas tudo começou quando a prefeitura parou de investir nos blocos e nas escolas de samba, aí que começou a levar o carnaval pra baixo.

**P:** E o Kaaba pensou em participar do carnaval de 92, "o renascer das cinzas"?

**E:** Carnaval de 92?

**P:** Uma tentativa da prefeitura, na administração do Rui Moreira...

**E:** Olha, não lembro.

**P:** Mas o carnaval falhou também.

**E:** Falhou?

**P:** Falhou.

**E:** Talvez por isso. Talvez porque a prefeitura não tenha disposto a bancar. E a verba era pequena, viu? Não era muita coisa não. Mas ajudava todo mundo, ajudava o Buti, dono da Milionários do Ritmo, fazia um muito bom, em dezembro ele já começava a ensaiar a bateria dele. E era ali no morro do SAAE, então quem morava na Ilha, no Centro, sempre ouvia os ensaios, e ele ensaiava até o carnaval. Tinha Milionários do Ritmo, que era do Buti, tinha Império de Lourdes que era uma Baiana que fazia, que carregava nas costas praticamente sozinha, tinha outra no morro do Carapina que agora o nome falhou. Mas todo mundo dependia muito da verba da prefeitura. Daí o Buti foi cansando, desanimou, falou que o dinheiro dele não punha mais e o carnaval foi acabando. E esse de 92 eu sinceramente não lembro.

**P:** Foi uma tentativa que fizeram de reacender, mas entre outros empecilhos teve a questão do Ecad...

**E:** Ah, outra coisa que deixou os clubes em situação difícil foi essa questão do Ecad. O Ecad apesar de existir a muito tempo, ele não se incomodava, cobrava uma taxa simbólica. Depois veio cobrando, cobrando mais caro, e foi desestimulando os clubes. São várias coisas que foram se juntando. Naquela época, quando a gente era pequeno, não se bebia tanto. Porque hoje o pessoal bebe, mas enche a cara mesmo. E isso começou a dar muita confusão em clube, ta briga, foi desestimulando as pessoas a ir pro clube. Na época nossa tinha briga, mas era coisa que acontecia rapidinho e separava, não tinha envolvimento de bebedeira, as pessoas não tavam tão alcoolizadas como atualmente ou mais, recentemente. Então isso trouxe um desestímulo muito grande... Ecad, bebida, dificuldade de encontrar músicos também trouxe um problema muito grande. Naquela época tinha muito músico, era fácil você montar uma banda pra tocar em baile de carnaval. Hoje se você quer buscar esse pessoal que tem mais experiência, você tem que ir lá no Sexto Batalhão, o pessoal da banda, são poucos, não são muitos. Na época de carnaval pra se dividir na região... Tinha um camarada chamado Geraldo, ele tocava trombone, ganhou prêmio naquele programa de calouros que tinha, do Flávio Cavalcante, da extinta TV Tupi. Era o Fantástico daquela época, esse programa. Então esse Geraldo foi lá, ganhou prêmios e ele fazia uma banda de carnaval muito boa. Também tinha o



Berica, que fazia uma banda pegando músicos do Batalhão e outros, conhecidos dele. E esse pessoal foi parando de tocar, dificuldade de músico é muito grande.

**P:** A própria Lira Trinta de Janeiro a gente só ouviu falar no desfile de 7 de setembro.

**E:** É verdade. E se você vai lá, são poucos que tocam hoje, que querem estudar música pra valer, que querem tocar numa banda. Foi mais um outro negócio, uma dificuldade. Aí vem, eu concordo com você, veio o trio elétrico com força, pra desbancar qualquer tentativa de um carnaval como o de antigamente. Hoje o pessoal quer mesmo trio elétrico pra ir atrás.

**P:** Tem algum caso que te marcou no carnaval?

**E:** Caso, nossa, mas eram tantos. Era tanta confusão. Caso que me marcou no carnaval... Ah, de momento assim eu não vou lembrar. Eu sei que era muito divertido, porque eram 4 dias de farra mesmo, sem tanta bebida como é hoje?

**P:** E como que era trabalhar na quarta-feira de cinzas?

**E:** Naquela época era mais ou menos como hoje. Hoje a quarta-feira de cinzas tá virando feriado, não sei se você percebeu, mas antigamente era só até o meio dia, daí pra frente todo mundo trabalhava. E trabalhava mal mesmo, porque a quarta-feira de cinzas tinha uma peculiaridade, depois da seis tudo fechava. Todo mundo que tinha trabalhado no carnaval, bar, restaurante, tudo fechava depois da seis. Se você, no meu caso pro exemplo, minha família viajou no carnaval e eu passei uns dias sozinhos. E não tinha nada pra comer em casa, nada, nada, absolutamente nada mesmo. E eu saí pra rua pra poder achar um bar, algum lugar pra comer, não tinha a proliferação de sanduíches que nem tem hoje, e eu não achei nada, nada, nada. Eu tive que ir pra zona boêmia comer bolo, e com um refrigerante quente porque não tinha outro lugar. Fechava tudo, tudo mesmo. Dava meio-dia o pessoal trabalhava, mas depois da seis você não encontrava nada, nada mesmo na cidade. Era a tradição de parar a cidade pra dormir na quarta-feira de cinzas.

**P:** Como que era a zona boêmia?

**E:** Ah, eu fui lá menino, e rapidinho porque a polícia ficava em cima, viu? A minha frequência lá não foi grande não. Porque quando eu comecei a ter idade pra frequentar já tinha algum declínio. A zona boêmia da Valadares foi famosíssima na região. A região de pedra, tinha gente que ficava rica aqui da noite pro dia, tinha muito dinheiro então era uma zona boêmia muito concorrida. Vinha mulher pra trabalhar aqui do Brasil inteiro. Mas eu não peguei essa época, quando eu comecei a frequentar já tinha declínio, não tinha a mesma fama. E a polícia aqui sempre atuou muito forte, então você tinha que ir preparado pra correr, eles tinham uma moda que eles chamava de triagem, porque eles paravam num lugar e faziam a triagem, olhavam os documentos. Pessoa naquela época sem documento era presa tranquilamente. Hoje não se pode fazer isso. Naquela época se fosse apanhado sem documento na rua você era preso. Uma prisão ilegal, injusta, porque às vezes você não tava fazendo nada, só porque você tava sem documento, mas você ia pra que fizessem a tal da triagem lá na cadeia. Pra ver se você tinha algum processo, se tinha algum mandado de prisão, mas eles enchiam e levavam muita gente. Isso é reflexo da ditadura, viu? Porque a ditadura que permitia esse tipo de prisão, que não era legal, mas era tolerada, ninguém tomava providência. Hoje se falar que alguém foi preso só porque não tá com documento, todo mundo reage, mas naquela época você tinha que tomar um cuidado muito grande com isso.

## Anexo 7- Entrevista com Epaminondas Bassi

Data: 21.08.09

Local da entrevista: Atelier do entrevistado.

Ocupação: Pintor e artista plástico.

**Pergunta:** O tempo todo a imprensa citava Valadares como a "cidade do já teve".

**Epaminondas:** É, mas é engraçado mesmo, é a cidade do já teve. Foi o Carioca, Sebastião Nunes, que inventou isso. Já tivemos bons times, bons clubes, hoje não tem... O Democrata não joga nem amistoso, joga uma partida e desmonta o time. Desmotiva. Como que um cara pode gostar de um clube que só faz amistoso, só joga oito vezes num ano? É igual o carnaval também, já que o assunto é carnaval, nos nosso clubes era lindo demais, competia um com outro pra ver quem tinha melhor decoração. Os decoradores no caso: eu, Chico Melo, o Aldo, a gente visitava um o clube do outro, pra tocar figurinhas. Cada um tem um estilo, e também recurso. Os clubes tinham mais recurso que os blocos, as Escolas de samba, os Grêmios, eles ensaiavam o ano todo.

**P:** Como que era trabalhar pra clube que não tinha muito recurso pra decoração?

**E:** A imaginação. A gente contava com a imaginação pra suprir a falta de dinheiro. A gente colaborava também, teve um dia, todo mundo onde era a Faculdade [Fadivale, Faculdade de Direito Vale do Rio Doce] era um galpão, ali mesmo os carros alegóricos, nossa era uma coisa mais linda construir aquilo. Eu desenhava, projetava pro Chico Melo, e tinha o pessoal também de vida difícil, da zona boêmia, elas que davam mais brilho ao carnaval, porque não tinham medo de se expor, eram mais ousadas. "Olha as putas da Rosinha. As putas da Rosinha são mais bonitas que as da Dulce". Era natural conversar assim, que as que mais ganharam, mesmo discriminadas. Até hoje é, mas mais naquela época.

**P:** Na época do carnaval elas sofriam discriminação também?

**E:** Sofriam. Não, sofriam fora da atividade delas. Eram moças recatadas, mas na hora de trabalhar elas davam duro. Faziam carro alegórico e desfilavam em carro, porque as mocinhas de família não tinham coragem de se expor igual a elas. E tinha muita fantasia, muito bloco sujo, o Arnóbio Pitanga, o Nonô, o Bloco dos Fabri, tudo é memória, tudo coisa de louco. Aproximava o carnaval, bem antes eles tavam passando pelas ruas, mesmo sem dinheiro, era rapazola, e tudo com cunho político, naquela época já, bem antes da ditadura, bem antes.

**P:** E quando começou a ditadura, não se por questão política ou econômica, o carnaval começou a mudar. O Minas e o Ilusão começaram a parar de mandar carros pras ruas. Como que era o período antes, na época da zona boêmia?

**E:** Eles faziam o carnaval das boates também. Tinha as barraquinhas no meio. Ao longo da Avenida Minas Gerais, da Praça Serra Lima até os correios, barraquinhas de máscaras, de lança-perfume, tinha o curso. Pessoal do bairro, alguém que era motorizado, botava todo mundo no carro e ia. Eu fazia muita máscara, essas máscaras romanas, de gladiador, não tinha pra vender, então a gente montava aquilo, com papelão e laminado ganhava bem com aquele negócio, e os pessoal da barraca. Porque era bonito, só de se ver aquilo colorido, muito chapéu de marinheiro, a gente gostava daquelas paradas brancas, de cruzeiro de navio. Muita

pipoqueira. E eles cortaram. Tinha uma arborização muito boa sombreando, cortaram tudo. No meio era tudo ponto de táxi, inclusive meu pai tinha um táxi, no carnaval ele botou um carro na mão de um amigo, pra ter um extra também.

**P:** Então tinha um potencial turístico, mas a prefeitura custou a dar incentivo?

**E:** Até hoje a prefeitura o interesse hoje, que é o Simão [produtor do GV Folia, carnaval de micareta fora de época], ele matou o carnaval. A secretaria não vê isso, não vê o carnaval, não vê nada pra reproduzir o carnaval, você veja bem, o que que isso pode gerar. No meu caso tinha ajudante, tinha eletricista, tinha bombeiro, todo mundo pra ajudar, pra colar papel laminado, pra tudo. É igual barracão do Rio, eles trabalham o ano todo, o carnaval acaba e já sabe o tema do ano que vem.

**P:** Aqui também o processo começava antes?

**E:** Começava antes, o pessoal já sabia o que ia fazer. Aí eu parecia, fazia muito dragão e palácio romando, que era orgia, dava aquela conotação de carnaval. Roma passa isso, né?

**P:** E o que era o Pagode Chinês?

**E:** É aquele templo, aquela casinha deles. No 6º Batalhão [da Polícia Militar] tem um Pagode desse tamanho, eu já recuperei várias vezes. Eles ganharam do Rio, a Banda do Sexto . A banda 6º tocava marchinha pra gente.

**P:** A Lira Trinta de Janeiro...

**E:** A Lira Trinta de Janeiro, que isso! É uma memória! E o descaso que tem com ele. Em detrimento do Axé Folia, GV Folia, eles mataram o carnaval. Eu tenho uma mágoa, eu não gosto de axé por causa disso. Além de tirar trabalho, tirou de Valadares um dos carnaval mais bonitos. Gente bonita. E os blocos sujos, era a turma do bairro e ia pro Centro, aí vestia de meia mulher, meio homem, meia noiva, meio noivo; botava um fraldão, comprava um urinol, botava cerveja nele, pegava quibe e desmanchava, ficava parecendo cocô, aí ia nos barzinho, animando, quando saía o pessoal ia gente. Como se fosse um bolo, ia aumentava. A pessoa tá alcoolizada, vai atrás. Muita gente ia nessa brincadeira. Nos carnaval já tinha gente fazendo isso. Os Grêmios, o Zé Belém onde hoje é uma casa noturna, casa suspeita, carnaval. O Bemetal fazia carnaval aqui. Metrópole fazia carnaval, até o pessoal da Igreja Católica fazia carnaval. Decorei muitas vezes o Metrópole, aliás a minha primeira decoração foi no Metrópole. Depois o Chico Melo apareceu, viu meu trabalho, passei a trabalhar pra ele. Um braço direito. Ele não desenhava muito bem, eu fazia o projeto. Ele falava "o tema é esse". O Ilusão, até o nome é bonito, olha só, o nome mais bonito que eu já vi Ilusão Esporte Clube, a memória do Ilusão. No Ilusão eles não têm material nenhum pra te dar, eles não sabem nem quem foi fulano. Fora isso os clubes também tinha atividade com os músicos, o Idelfonso, fazia aquelas noites memoráveis. Até alguns bares botavam serpentina, que nem em Copa do Mundo pinta de verde e amarelo, eu tava lá, nessa também. E o Chico Melo eu faço questão que não se esqueça dele, aprendi muita coisa com ele, ele trabalhava com muito coração no carnaval, ele e o irmão Milton, um carnavalesco de mão-cheia. Saía de Sansão, arrumava uma Dalila e ia todo mundo pra Avenida. E o curso, aquelas barraquinhas bonitas, aqueles nariz, aqueles bigodes, aquelas máscaras, e o lança-perfume que não tinha problema nenhum com o lança-perfume. Vinha da Argentina aqueles frascos de metal, depois deixaram frasco de vidro pra evitar flagrante, o cara jogava no chão e acabou, não tem mais. E o cara desmaiava com

aquilo né, principalmente depois que tomava uma. Foi aí que perceberam que era perigoso, mesma coisa que cheirar éter. Na época o pessoal ia atrás do cheirinho da Loló, que é perigoso, explosivo, mas sempre tinha um com isso, aí desmaiava no salão a toa. No Minas, na quarta-feira de cinzas, metade do salão tava lá mesmo. Você tinha muito amor de carnaval, só no carnaval, quando acabava nem olhava mais na cara do outro.

**P:** O carnaval também causava fim de romance...

**E:** É a cidade do já teve! O carnaval já teve aqui. E o carnaval hoje é turismo, quanto cara que é músico por causa de carnaval? Toma gosto e vira músico, eu tenho muito amigo que virou músico por causa do carnaval. E as Escolas de Samba, a do Antônio Paulino, a Milionários do Ritmo, Bafo de Bode, o pessoal ensaiava, fazia carro alegórico, sem recurso até. Mas cerveja não faltava. Era pago com bebida até, fazia um churrasquinho e ia fazendo e bebendo, fazendo e bebendo. Falaríamos 2, 3 dias se tivesse de lembrar, mas fica faltando muita coisa.

**P:** E teve algum caso que você não esqueceu?

**E:** O que marcou foi quando eu comprei uma pipoqueira e quando eu estreei ela no carnaval e chegou uma turma de delinquentes e botaram fogo e ela era de compensado ainda, foi um investimento muito grande, na época. Depois eu e meu irmão compramos outra, mas nós ficamos com medo. No mais os desmaios mesmo, misturava lança-perfume com bebida, época de cuba libre, hi-fi, bebida tudo de carnaval, o carnaval comprava na garrafa. Pra cuba libre o cara compra gelo, um levava o limão e o copo era do bar mesmo, era descartável... E a garrafa o Nonô saía com ela na cabeça, é uma memória do carnaval. Você teve com ele?

**P:** Tive.

**E:** Não sei se ele lembrou de tudo, porque ele tá bem né... Ele faz 80 por aí, a memória falha por aí, eu tenho 63, tem muita coisa que eu só vou lembrar depois que você sair. Falha realmente né.

**P:** Por isso que eu tô fazendo isso. Tem muitas memórias que já foram.

**E:** Não, o Chico mesmo não tá, desencantou com o carnaval. Um fato que marcou foi um ano depois que o homem pisou na lua, nós fizemos a chegada do homem na lua no Ilusão. Pra mim foi a melhor coisa que eu fiz, porque era muito futurista. E até hoje tem gente que não acredita nisso. Aí tirava tudo de revista, do Cruzeiro, depois veio a Manchete, mas na época era o Cruzeiro, inclusive eu ainda tenho muita revista de época de carnaval, tudo pra tirar elementos de carnaval. Tinha muito camelo. Camelo ou dromedário? Tem muito cara que confunde. Então o camelo e elefante era muito. O elefante porque dava volume, preenchia o carro todo. O camelo por causa da altura. Girafa não dava por causa da fiação elétrica, era mais baixa ainda. Então interferia na altura.

**P:** E os carros alegóricos dos Reis Momo. Eles procuravam vocês pra ajudar?

**E:** Procuravam sim. O Didi Barra, que era gordão, foi o que mais personificou o Rei Momo foi ele. Aquele ar bonachão, gordão.

Eles recebiam as chaves do Prefeito...

**E:** As chaves! Eu inclusive fiz muita chave, confeccionei, fazia o molde, a gente inventava uma chave, laminava ela, e passava pro Rei.

**P:** E quando o carnaval tava acabando, em 92 quando tentaram reviver, o Rui Moreira não foi entregar as chaves pro Rei Momo.

**E:** Não foi, você veja bem, até isso interferiu. Você vê um cara como o Rui Moreira, com essas idéias, já não tem Secretaria de Turismo, até hoje não tem. Você vê a nossa plataforma [de decolagem para vôo livre], deixa a desejar. Jet ski, por exemplo, você vai no domingo e vê o pessoal brincando, se fizesse uma competição, bota uma atração musical e ganha dinheiro com isso, na beira do Rio Doce, envolta Ilha. A Ilha é mal aproveitada turisticamente. O Garfo vai fazer aniversário, decorei muito lá também. O Aldo Rosa, e o Chico Melo, Epaminondas, eu não esqueci de mim. E tinha o Buti, que gostava de carnaval também, meu irmão também fazia carro alegórico, ele toca hoje em Los Angeles e levou a cuíca pra dentro da igreja evangélica. O que dava na época muito eram os romanos, o cinema tinha muito, então era fácil de improvisar. Pegava uma lança, uma bacia, laminava e virava gladiador.

**P:** Os clubes tinham rivalidade...

**E:** Tinham. Os blocos tinham rivalidade. E eles revezavam. Primeiro o Ilusão, lá, aí passava, vinha a Lira, onde tivesse carnaval eles passavam. O Kaaba mesmo era o mais tradicional...

**P:** Mas entre os decoradores não tinha rivalidade?

**E:** É mesmo, engraçado, e hoje artista plástico não tem mais isso. Artista plástico não visita o outro. Eu visito o Idalino, ele me visita. O artista é uma ilha. Quando eu fui presidente da Associação dos Artistas Plásticos por 8 anos, eu tive dificuldade por causa de política, porque você tem uma política que anulava os artistas. A gente tem uma secretaria que não funciona. Olha o teatro. Se tiver uma peça o cara que trabalha lá não tá sabendo.

**P:** A Funsec nos anos 90, cada ano tinha um presidente diferente...

**E:** É isso mesmo, e sempre um cara fora do metier dele. Um que eu lembro muito bem lembrado era o Francisco de Paula, ele e o Toninho Coelho, que é um cara que levantou a casa da Cultura, fizemos feijoada para angariar fundos e deu em nada. O Museu é uma lástima. Tanta memória na [rua] Pedro Lessa, ali perto do estacionamento da [avenida] Minas Gerais, do lado de uma pastelaria, ali era uma Casa de Cultura, a memória tá toda ali, e algumas na [rua] Prudente de Moraes. Inclusive até fizeram um concurso aqui pra um monumento, um marco, aí o cara ganhou, mas foram deixando, deixando. O cara recebeu o prêmio, mas ele queria ver a obra dele lá. Eu também participei, mas disseram que meu RG tava inabilitado. E eu propus um marco mesmo, porque aqui todos os marcos são acanhados, tudo é pequeno. Faz um marco de verdade. Eu quis algo que se a água subisse até aqui, ainda tinha metade dele. Você vê aquele marco na Praça dos Pioneiros, do 60 n anos, ele é genial, mas tinha que ser grande, maior, pro cara levantar a cabeça. Mas é desse tamanhinho. O dos 40 anos a mesma coisa, o marco de verdade é o do vigésimo. Você vê o mau-gosto, teve uma administração que pintou aquilo de verde, azul, amarelo, berrante, aí voltaram pro branco, uma cor neutra. E a Lira 30 de Janeiro que não pode esquecer de jeito nenhum, quando a gente tava duro, não tinha dinheiro pra clube nenhum, a gente ia lá. E as moças da zona boêmia iam lá também, e a gente também ia por causa delas, pra ter uma gente.

**P:** Eu li que na Lira era muito quente...

**E:** Nossa, demais. Tinha aquele ventilador de cinema, ventava e trazia a inhaca toda pra gente. O cheiro de suor.

**P:** E no Minas e Ilusão, como era?

**E:** Era muito concorrido. O do Ilusão tinha a vantagem que ventilava, porque da [Avenida] Minas Gerais até ele tinha um corredor de ar, ventilava, e tinha muita janela. Tem até hoje. E o Chumbinho, era quase um ditador, de boa memória, ele tinha ciúmes das paredes, quando tinha de adaptar alguma coisa, bucha, parafusar, ele ficava nervoso, nem ia lá "Vou não, vai me dar um treco". Ele gastava muito dinheiro, botava madeira nobre, e no carnaval a gente tinha que tirar pra fazer a nossa decoração, e dava muito trabalho. Ali Babá, essas histórias, o Senado mesmo... Quem seria o Ali Babá hoje no Senado? A imagem do Senado hoje, as Câmaras de Vereador são uma lástima, só servem pra fazer título de cidadão honorário, e pra quem já tem. Tem vereador que não vê isso, do carnaval, de ver como uma fonte. A Elisa Costa tinha a oportunidade de fazer isso nos 72 anos de Valadares. Ma não tem ninguém pra sugerir isso. O cara fica no gabinete tomando café pra não dormir e fazendo nada. O Murilo Teixeira tem memória, é poeta, imortal. Ele foi um cara que tinha essa visão, mas aí hoje quem vai mexer com Secretaria de Turismo? Hoje só interessa asa delta, mas nem tem cuidado com eles. Onde eles pegam o ônibus não tem nem abrigo pra eles. Só falta acabar isso também, tá perdendo espaço pra Serra da Moeda, que tem mais recursos, mais imaginação. Por isso é a terra do "já teve". Já tivemos. Ela já me teve.

**P:** Mas será que se tentassem reviver nos moldes de antigamente, a população corresponderia?

**E:** Podia começar com um bairro, por exemplo, é mais fácil, uma Comissão, um Corpo, pegava um clube, o Metrópole, que tá desativado. Isso move muita gente. Você vê a Abandonada. Até a Abandonada foi abandonada. Não tem nada mais de carnaval, nem música. O carnaval tá acontecendo e no bar não tem nem música.

**P:** As músicas de carnaval meio que morreram no país todo...

**E:** É, as músicas de carnaval. Você tinha os cantores populares, Emilinha Borba, Marlene, elas cantavam, tinha música pra época, as marchinhas. E o samba-enredo. As Escolas de Samba, os Grêmios, dá recurso pra eles, promove feijoada, faz ensaio e o povo vem. Mas tem o Ecad também, né? Eles atrapalham até barzinho. Você vê o Mercado [Municipal] os músicos de lá, já teve também, tá perdendo. O Ecad caça os músicos e parou a música no Mercado. Tem que tirar carteirinha, dificulta tudo, como que faz carnaval? Falhou a memória.

## Anexo 8- Entrevista com Hildo Valentim

Data: 01.10.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Radialista.

**Pergunta:** Como que você começou a participar do carnaval em Valadares?

**Hildo:** Olha, tudo começou numa brincadeira que nós tínhamos exatamente sobre o time do juventude, aí criou-se o bloco, do juventude carapina. Do bloco, criou-se a escola de samba, devido à quantidade de pessoas que o bloco tinha, aí a própria administração municipal daquela época, do Ronaldo Perim, pediu que nós criássemos a escola de samba. Aí nasceu a escola de samba do juventude. nasceu, teve alguns fatos históricos, engraçados, no primeiro eu passei cinco dias sem dormir confeccionando um carro alegórico, que era uma águia, representando a paz, na época. Aí fomos. a gente torce para que o carnaval torce em Valadares, como inclusive tão falando que ano que vem tem, a gente tá esperando inclusive um comunicado da atual administração para que a gente possa voltar a realizar também. Principalmente o juventude, que além de ter o time, tem outros segmentos sociais de trabalho social que a gente faz também. Porque nós colocamos, como eu disse, mil pessoas na avenida. E o carnaval é folclórico, então o povo precisa, principalmente o pessoal de baixa renda em Valadares. Porque hoje criou-se esse carnaval temporão, o GV Folia, mas é um carnaval que discrimina o povo. O carnaval é pago, e o povo pula é na rua, não é certo isso. Tem que voltar o carnaval do povo, dar o que é do povo ao povo. Então nós estamos aí, aguardando que volte para que a gente possa voltar a participar. e essa é a história do juventude. Foi em 88 que começou, a escola de samba, nós fomos convidados a participar em outras cidades, como em Aimorés, e foi uma época muito boa, a gente tinha ala de baianas. Eu por exemplo nós fizemos um enredo, a única escola que fez um enredo falando da cidade, do que já teve, ninguém mais fez. Bicycross, canoagem, asa delta, homenageamos o Du Magalhães, que foi o pioneiro, que trouxe o vôo livre pra Valadares, morreu inclusive em vôo livre, a gente homenageou ele. E vários outros segmentos que a gente vê aqui em Valadares. E agora a gente tá esperando resgatar isso, porque tá só na saudade. E o carnaval em Valadares trazia turistas de outras cidades, os hotéis ficavam cheios. A gente tá aguardando para que possa voltar e reviver essa história novamente.

**P:** E como que criava o samba-enredo, a música, como que fazia a divisão das alas?

**H:** Exatamente, o samba-enredo que criava as alas. Nós tínhamos uma ala de bicycross que tinha por volta de cem garotos que fazia malabarismos com a bicletinha. e aí a gente ia criando. Nós tínhamos um compositor que chamava Dorcílio Gonçalves, que ainda tá vivo, de idade, mas tá vivo, que criava esse enredo. Tinha o enredo do time que acordava cedo que era assim:

*Sentinela, tocou alvorada  
Agitando a rapaziada  
Juventude desfilava  
Vem desfilar  
Em cada esquina sob a batucada  
Agitando a moçada  
Verde e branco vem sambar*

*Samba iá iá*  
*Samba iô iô*  
*Samba vovó, samba vovô*  
*Samba menina, samba menino*  
*Samba o leão do juventude carapina*

E outros sambas, que era acorda, amor. Que o Tim tem, que outras escolas criaram e que ficaram só na história. A gente tá juntando com as outras escolas pra que a gente possa realmente pensar em voltar o carnaval. São histórias bonitas, são histórias que faltou dinheiro na época, eu cortei as toalhas da minha mãe todas pra fazer as penas da águia, cabeí com as toalhas de mesa dela, porque tinha que comprar pano branco. Tem outro fato histórico que pouca gente percebeu na avenida, eu tinha uns 200 figurantes que batiam na batucada e eu não consegui comprar tênis pra todo mundo. Sabe o que eu fiz? Comprei tinta latéx e pintei o pé de todo mundo, principalmente dos pretos e ninguém percebeu. Todo mundo na avenida com o pé pintado de branco. O meu amigo Roberto Iginó falou "Telê você é inteligente demais, ninguém percebeu". E tava tudo igualzinho, tudo pintado. Eu tinha um artista plástico que desenhou o sapato no pés deles, de branco. É um fato engraçado, foi um design Roberto Souza, ele mora hoje no rio, ele falou "eu faço pra você, é só comprar a tinta". Aí compramos a tinta, porque eu não tinha mais dinheiro pra comprar tênis, porque eram mais de 200 pessoas na bateria, uma bateria enorme, e pintou o pés das pessoas de cor negra, tudo pintou o pé de branco, o povo achou que era tênis. Teve um fato da asa era muito grande, nós fizemos o carro alegórico no carapina, quando foi descer começou a pegar vôo e eu falei "segura gente", foi muito engraçado essas histórias do bloco. Tinha as pessoas destaques, que saíam na escola de samba, era uma coisa muito bonita. Juventude dominando. Nós fizemos um macacão, pra uma menina que foi destaque, todo de agulha, agulha de costurar, agulha por agulha, 5 mil agulhas. A agulha não espetava e foi um destaque muito grande, ficou muito bonito, batia assim e brilhava na avenida, muito bonito. Foi um trabalhão danado, um trem de doido. Fiquei cinco dias sem dormir, virava o dia "não, não posso dormir não, muita coisa pra fazer", e aquele monte de gente, nós no ensaio era aquela loucura. Mas era gostoso, eu gosto. Muita gente na avenida, mas no ensaio era muito trabalho. Acaba gastando dinheiro do mesmo jeito, aí a gente tá esperando pra que volte o carnaval.

**P:** E valia a pena, mesmo não sendo...

**H:** Vale porque, como eu falei pra você, é um trabalho social, o trabalho das escolas de samba. Porque o povo se sente feliz em brincar o carnaval na rua. Principalmente o juventude que foi criado num bairro periférico pobre de baixa renda, que é o carapina, então as pessoas se sentiam ocupadas ali, naquele espaço, com a escola de samba. então era um trabalho social que deveria ser resgatado também. Então é basicamente é isso.

**P:** E como o juventude surgiu depois, deu tempo de criar rivalidade com algum outro bloco, ou alguma outra escola?

**H:** Não, não teve, porque a gente foi criado e logo acabou o carnaval. E não deu, mas o pessoal tinha medo "nó, esse cara é inteligente", por eu tá sempre na mídia e tal. Eu buscava recurso fora, o bloco tinha os jogadores que participavam do bloco, na escola de samba. Foi bloco e virou escola de samba, no outro ano já era escola de samba. enquanto teve muitos blocos, com mais de 20 anos, que nunca viraram escola de samba. Não tiveram a potência que eu tinha.



**P:** Quando o carnaval tava no auge, eram poucas escolas de samba. Quando ele começou a declinar e ir pro fim, surgiram várias. Não desanimava vocês ver o fato de que o carnaval tava acabando, não?

**H:** Não, não desanimou até hoje. O pessoal continua animado esperando. Surgiu uma escola muito rica em Valadares, só de magnatas, que era a Figueira Samba Comigo, e outras escolas de samba. E o povo continua esperando, entrou algum outros administradores que parecem que não olham para o povo, foram eleitos pelo povo, aí acabou o carnaval. Sendo que o carnaval do povo fica mais barato que o carnaval do povo fica mais barato que o carnaval temporão, mas olharam pro alto e esqueceram dos menos favorecidos. E aí acabou o carnaval em Valadares, tá precisando mais realidade, a atual prefeitura pode resgatar, a gente tá esperando.

**P:** Em 92, já tava na administração do Rui Moreira, tentaram reviver o carnaval, e começou com seis escolas de samba falando que iriam desfilar...

**H:** Inclusive a nossa, inclusive eu participei da associação, com o Rock, mas não deu em nada não. Foi só barulho mesmo.

**P:** Algumas delas desistiram de desfilar quase em cima do dia do desfile, falaram que tinha coisa política no meio. O senhor lembra disso?

**H:** Lembro, eles tava querendo enaltecer politicamente, e as escolas de samba não querem participar de nada politicamente. Querem que incentivem o carnaval sem intervenção política.

**P:** O Juventude chegou a desfilar?

**H:** Não, não houve o carnaval, só foi falado, aí parou por aí mesmo. E até hoje estamos esperando, vamos ver agora.

**P:** Mas ainda tem os instrumentos?

**H:** Tem, tá tudo guardado. Tudo no Carapina guardado.

**P:** E é usado em algum evento?

**H:** Inclusive alguns eu doei pra torcida do Democrata, tem nada a ver com a gente, mas eu doei. Mas a gente tem muitos parados ainda, só começando o carnaval a gente consegue colocar tudo em prática.

**P:** E esse time Juventude Carapina, quando ele surgiu?

**H:** Em 84, antes da escola de samba, por isso que ajudou muito. O Juventude puxou o povo pra escola de samba, e era um time que abrangia toda a cidade, trazia toda a cidade, subia o Carapina tinha gente do Santa Helena, do Nossa Senhora das Graças, do Santa Rita, tudo pra desfilar no Juventude. Por isso que o Juventude é um time muito querido, que cria inclusive muito impacto, o pessoal fala assim "que diabo de time é esse?". E por eu trabalhar em rádio, tá na mídia, eu divulgo todos os dias. Eu divulgo o Juventude nas rádios, tem escolinha, agora mesmo eu vou pra escolinha. Escolinha de futebol, que eu tiro menino da rua, é um trabalho social que eu faço há 25 anos. Que na escolinha ninguém paga nada, a gente tira os excluídos,

é gente do Carapina, do Santa Rita, de Baguari também tá vindo, porque a escolinha não cobra.

**P:** O time ainda atua?

**H:** Atua, domingo vou te chamar pra você ir lá no Democrata ver os meninos jogarem. Meninos de 14, 15 anos, tem de 20 e pouco também. É um trabalho muito bonito que a gente faz, sendo que esse trabalho deveria ser feito pelo Democrata, que não faz, então o Juventude é um time querido por isso. Abrange menino do Altinópolis, Turmalina, Planalto, Santa Helena, Carapina, a gente se sente realizado ali. Por isso que eu acordo cedo pra treinar os meninos, não ganho nada pra isso.

## Anexo 9- Entrevista com Indio Jr.

Data: 29.10.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Comerciante.

**Pergunta:** Como que você começou a participar do carnaval em Valadares?

**Índio:** Eu comecei a participar foi quando eu tava assistindo os carnavais. Aquilo com aquele brilho de quando tinha a concorrência dos clubes, Minas Clube, Ilusão, Garfo Clube e os blocos, e também tinha o meu primo que participava de um bloco do Minas Clube, aí aquilo me entusiasmou, aí no ano seguinte nós pensamos em fazer um bloco. Eu e meu irmão. Só que nessa época, nesse mesmo ano, eu briguei com meu irmão por divergências de fantasia. Aí ele fez o bloco dele e eu catei fazendo o meu. Eu tava ajudando o meu irmão, e catei fazendo o meu. Só que eu não tinha muita experiência e o bloco começou pequenininho, tinha 15 componentes enquanto os outros tinham 40, 60. E nós também não fomos nem classificados, mas entramos mais pra participar, porque os blocos tinham acesso aos clubes, isso evitava de pagar a entrada, porque a entrada era cara na época, aí com aquilo nós começamos a crescer. Só que eu sempre tive atento ao seguinte, quando acabava o carnaval, na quarta-feira de cinzas eu já começava a pensar do próximo ano. Só que nós fomos trabalhando, e foi crescendo o bloco e também nós não vencemos, aquilo foi deixando a gente chateado, e o maior concorrente era o Kaaba, que era um bloco respeitado. Tinha o Batuque que é do Thébit, e que eram os dois, que tinham três, quatro, cinco anos que ganhavam. E esse Carlos só fazia fantasias fantásticas, até a fantasia do fantástico, que era muito bonita na época, até essa eles fizeram, ficou muito bonito na avenida. Uma fantasia cara. E ficava aquele ciúmes quando a gente começava a trabalhar. Eu não me lembro o primeiro ano que nós fomos campeão. Eu tenho uns recortes, mas tá tudo no bar. Então nós fomos campeões com a fantasia, ah meu Deus, depois eu pego os meus negócio.

**P:** De onde surgiu o nome Papillon?

**I:** Papillon foi através do filme o Papillon, eu assisti muito, gostei, e como eu queria uma coisa que destacasse no nosso estandarte, então Papillon é a borboleta. Então nós assistimos o filme e tinha uma borboleta, e eu botei Papillon. Logo acabou os carnavais e veio, você tá pensando no motel? porque foi depois que acabou o nosso bloco que surgiu o motel Papillon, mas o nosso foi através do filme que é muito bonito. Então nós colocamos assim, tinha até uma música muito bonita e nós saímos num ano que fomos campeões, as mulheres de borboleta e os homens de caçadores de borboleta. Foi um charme, nós chegamos ter até 80 componentes, nós fomos o bloco com maior número de componentes na avenida.

**P:** E o bloco do seu irmão continuou também ou foi só naquele ano?

**I:** Não, continuou também. Quando eu era tricampeão em primeiro lugar, ele também era tricampeão em terceiro lugar. Era o bloco caracol. Nós tivemos os Tanplãs, que era um bloco muito bonito. Tanplãs, Kaaba, Batuque, tinha Bafo do Bode que depois virou escola de samba. Depois nós participamos da escola de samba figueira samba comigo da Bebel, que hoje é dona da boate. Foi dos melhores carnavais que Valadares teve, depois acabou, definiu na administração do Ronaldo Perim, o Tedesco era Secretário de Turismo, e não teve nenhum entusiasmo, foi isso que acabou com o carnaval aqui. Ele não procurou as escolas de samba,

acabou com o interesse das escolas, dos blocos, depois ninguém participou. Depois quiseram reativar o carnaval, mas já era tarde, não tinha mais o entusiasmo da turma. Era bom quando tinha a concorrência, aí no outro ano você já prepara, como todo mundo, desde a quarta-feira de cinzas. Nós fazíamos encontro todo mês, reuniões, então a gente juntava o grupo. E não tinha tanta coisa como tem hoje, então o espírito do carnaval na época, Valadares não tinha praticamente nada. Depois começou a surgir as estradas e o povo começou a sair pras praias no carnaval e a cidade começou a ficar vazia, quatro dias quem é que não quer passear, ir pra praia? Mas foi uma época muito boa.

**P:** E alguma vez vocês receberam algum tipo de ajuda da prefeitura?

**I:** Ajudaram no primeiro ano não, mas no segundo ano nós aproveitamos da verba, ajudava, mas o próprio recurso era da gente mesmo, de cada um. O que a gente inventava da fantasia era com recurso de cada um. Agora ajudava era o clube, que não pagava as entradas, nós queríamos entrar que a melhor coisa era o carnaval de clube à noite então tinha vários blocos. Aí tinha aquilo de entrar no clube de um, de outro, mostrar as fantasias, a gente era muito bem recebido, então dava gosto montar um bloco.

**P:** E vocês eram de qual clube?

**I:** Nós éramos do Minas Clube, na época da gestão do Gilson Mota.

**P:** Como que era rivalidade de vocês com os outros blocos?

**I:** Era muito grande. De às vezes a gente ser inimigo de um ano inteiro, não olhar na cara um dos outros, nem dos componentes. E pra vocês ver, ninguém tá nem aí, igual as escolas de samba do Rio de Janeiro tinham rivalidade, tinham até briga, de ficar de mal mesmo, tomar antipatia sem nem conhecer as pessoas, só por causa do carnaval, do concurso.

**P:** E teve algum ano que te marcou mais?

**I:** Ah, todos os anos marcaram, porque era gostoso, dava gosto participar do carnaval. Era bom você chegar na época do carnaval, era mais triste pra gente quando o carnaval começava no início de fevereiro. Porque a gente começava mesmo o carnaval pra gente, pra fazer as fantasias, era em janeiro. Depois do ano novo vinha a concentração, pra fazer as fantasias, então o tempo era muito curto. Quando o carnaval era no final de fevereiro, aí dava mais gosto, porque a gente tinha mais tempo pra fazer as fantasias, era mais elaborado.

**P:** E alguma vez vocês fizeram sátira?

**I:** Não, nós não. Tinha o doutor Arnóbio Pitanga que fazia isso, tenho até foto aqui. No futuro eu tenho vontade de doar pro museu, quando tiver um museu de verdade, porque aqui você entrega os trem pro museu até hoje o museu não tem sede própria, aí com as mudanças tem gente que se apaixona com as fotos "ah, é meu amigo", aí vai lá e tira, tira uma foto ou outra e acaba perdendo a história todinha. Eu tenho vontade de entregar quando tiver um museu de verdade. E é bom pra guardar. São poucos que tem fotos dos carros alegóricos, porque os nossos carros alegóricos não perdiam pro do rio de janeiro não. Eu era pequeno e eu assistia, não participava, só assistia. Mamãe levava e a gente sentava no meio fio.

**P:** E como foi o sentimento do bloco quando viu que o carnaval tava começando a acabar?

**I:** Ah, foi todos sentidos. Até hoje nós encontramos com a turma, até hoje a gente sente isso, a perda do carnaval. Eu acredito que se tivesse continuado, acredito que já teria terminado alguns blocos, mas também teriam surgido novos, porque sempre é assim. como o GV Folia aqui em Valadares, por falta do carnaval.

## Anexo 10- Entrevista com Ivaldo Tassis

Data: 27.08.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Advogado.

**Ivaldo:** Tinha o Minas o Ilusão, Ilusão era normalmente o campeão. As Escolas de samba, a boêmia também tinha um carro alegórico que circulava muito bonito, muito animado. E o povo tava na rua, você vê o Rio de Janeiro com aquelas escolas de samba, nós tínhamos isso tudo, lógico que era em tamanho menor, micro né. Mas nós tínhamos aquela beleza, aquela coreografia, aquele efeitos visuais todos aqui na cidade. Era muito bonito. E tinha os blocos dos clubes, que bancavam a disputa de quem era campeão. O lança-perfume era liberada. E o povo participava, e tinha também os blocos. Papai era um carnavalesco emérito, ele e o Dr. Arnóbio. Tinha também o Bloco dos Fabri, o Nonô que também tá vivo, ele saía com uma garrafa de cerveja equilibrada na cabeça. Era um tempo muito bonito, muito gostoso.

**Pergunta:** Como era a zona boêmia?

**I:** A zona boêmia era um local que tinha bares, boates e mulheres. As mulheres eram da região, de longe, sempre mulheres bonitas. E por incrível que pareça, o ambiente dentro das boates da zona era de extremo respeito. Era proibido ter sacanagem no salão. Não tinha disso não. A maior intimidade era pra dentro dos apartamentos que tinha lá dentro, nos fundos, uns quartos lá. Nas boates tinha os quartos das mulheres que iam para lá e moravam lá. A boate era um local de comportamento exemplar. Muita boa. Tinha 3 categorias: as boates Normandi, tinha a da Dulce e a da Rosa, ali na região do Mercado [Municipal] na esquina José Luiz Nogueira pra lá, hoje é a Rua Euzebinho Cabral na esquina com a Israel Pinheiro você tinha a boate Normandi. E logo a seguir onde hoje tem um prédio de escritórios, tinha a Frenesi. A boate Normandi era da Rosa, a boate Frenesi era da Dulce. As duas boates disputavam a grande clientela de Governador Valadares. E os artistas que vinham aqui, Nelson Gonçalves, Aldemar Dutra, essa turma toda frequentava lá e dava show e fazia apresentação na zona boêmia. Apresentava aqui na cidade nos clubes, ou no Cine Palácio e depois fazia festão pra turma dos boêmios na zona boêmia, nas boates. Eu sei que era uma festa muito bonita. Eu sei que tinha essa parte da zona que era a classe A, depois você tinha a classe B, a média, são outras boates, nas imediações da Afonso Pena, da Bárbara Heliodora, boates médias, que algumas mulheres eram donas da boate. E depois você tinha a área mais pesada chamava Torresmo, era o baixo meretrício, muita puxa faca, muito tiro, tinha muita bronca lá. Era ali da Afonso Pena pros lado do acampamento da Vale, do pessoal da tela. A tela era uma proteção que tinha no acampamento da Vale desde que o pessoal morava lá. Nas imediações dessa tela para a Afonso Pena que era o Torresmo, o tira-gosto que mais vendia lá era o ovo cozido, porque era o menor risco que você corria. E vinha gente dessa região toda frequentar a zona boemia, era atração turística, vinha gente demais.

**P:** E no carnaval a zona saía?

**I:** A zona tinha um carro também, que saía, se inscrevia no desfile e saía. Eu lembro de um carro que era uma cobra, e na boca dela tinha uma mulher. Ao invés de uma cegonha trazendo um bebê, era uma cobra trazendo uma mulher. Mulher muito bonita.

**P:** E elas sofriam preconceito?

**I:** Não, o público tratava elas muito bem. Todas eram bem tratadas sem problema nenhum. A gente sempre foi muito aberto pra isso, elas frequentava os clubes, os lugares que as pessoas da sociedade frequentavam, cinemas, bares no centro da cidade, sentavam e conversavam normalmente, o comportamento delas era normal, nada de extravagância não. E a cidade sempre respeitou, sempre recebeu sem nenhum tipo de preconceito. Ainda bem.

**P:** E o seu pai? Ele era muito famoso aqui, recebeu muitas homenagens...

**I:** Papai era um cara muito alegre, ele e o Dr. Arnóbio, faziam uma dupla muito querida na cidade. Eles faziam carnaval, festa junina, quadrilha de São João, um saía de noivo, o outro saía de noiva. Papai tocava uma sanfona, então era uma alegria muito grande. No carnaval, além dos clubes, também tinha o carnaval da Lira, ali era um carnaval mais popular, eu fui diversas vezes com papai e na época eu também era casado com a minha primeira mulher e nós íamos na Lira junto com ele. Era um tempo gostoso, muito bom.

**P:** E no carnaval eles faziam sátiras? Eles já preparavam antes?

**I:** Preparavam. Seis meses antes eles já mandavam fazer, mandavam fazer. Foram os pioneiros dos carros alegóricos, não era carro alegórico, mas mandavam fazer uma estrutura de madeira. Meu pai era marceneiro, mandava fazer a estrutura, enfeitava e saía. Quando o Sebastião Mendes Barros ganhou a eleição, o apelido dele era Barrão, Sebastião Mendes Barros, era Barrão, daí choveu muito e eles resolveram fazer um porco, um porcão, ou seja, um Barrão. Fizeram um porco do nome Barrão, e saíram, punham as frases críticas, faziam também muita crítica nos tempos do Raimundo Albergaria. Dr. Raimundo muito alegre participava do desfile na rua, era um pessoal muito alegre. Era muita alegria.

**P:** E o seu pai sofreu o segundo enfarto já tava perto da época do carnaval...

**I:** Foi. Foi pouco tempo antes. Ele sofreu um enfarte e desse ele não voltou. Até que do enfarte ele recuperou bem, mas meu pai morreu efetivamente de uma hepatite que ele pegou até no hospital. Então, infecção hospitalar que matou o papai, logo depois do carnaval. Ele adoeceu antes e morreu logo em seguida. Papai morreu em março, carnaval foi em fevereiro. Tá fazendo carnaval lá em cima até hoje.

**P:** E vocês como filhos vocês pegaram a tradição de continuar pulando carnaval?

**I:** Durante algum tempo a gente acompanhava e fazia alguma coisa, mas logo em seguida a cidade acabou com o carnaval também, né, houve a política na época em que carnaval não era importante. E depois eu até tentei quando eu tive presidente da Funsec, eu tentei reativar, reanimar o carnaval aqui, havia uma banda aqui, a Abandonada, fazia um barulho gostoso e na Funsec nós descentralizamos, fizemos um carnaval no Centro, um no bairro de Lourdes e um no Vila Isa. E eu acreditava que tivesse perspectiva de melhorar alguma coisa, mas logo em seguida ganharam as políticas, nós fomos afastando do governo também e o assunto morreu, e hoje o carnaval só tem (?) e é um investimento pra ganhar dinheiro. Eu não tô criticando quem tá ganhando dinheiro, eu acho muito justo, mas o carnaval como nós tínhamos em Valadares acabou, hoje é um empreendimento empresarial, investimento pra se ter lucro, só. Se vai ter alegria, se vai ter espontaneidade, ninguém tá preocupado com isso. Eu fui nesse aí, pra não voltar. Não vi sentido para o tipo de carnaval que eu gosto, quem gosta de farra tudo bem, mas dentro de um camarote ali, uma carreta passando em volta pra

you look, you don't have... Lack of life. Lack, you don't have anything spontaneous, it's all very artificial, in the era, it was all very spontaneous. But this is the conversation of an old man, just talking about these things. But it's the truth. Today there is a lot of spontaneity, and this while we don't rescue these spontaneous values the carnival doesn't rescue, I think it's very difficult to rescue. The things are very different, the world evolved in a very violent way. You remember the camera. You believe that the camera will continue to exist? This little device, this mobile phone, everything, will talk, will sing, will take photos, it ends with the camera. I was in the time of the camera called Kodak, a little box, you bought film, you put it in the camera and then you sent it to be developed. You have this today? It's over. These things are all ending. Today there is this internet here and life is here, and everyone is selling. It's very good, but it ends with many things that also have, many things that in life people learn here that are not taught here, learning here is little. And the carnival went in a way that in this way, it today is a technology, it makes electric trios, it makes music, someone is cheating that is making noise up there, someone is cheating that is singing and earning up there. It's here, let's win money.

**P:** Você acha que um motivo que ajudou a acabar com o carnaval aqui foi que já tava surgindo o trio elétrico, tipo como novo modelo de carnaval?

**I:** Foi uma importação da Bahia, né. A Bahia tem muita coisa boa pra exportar, não precisava exportar trio elétrico não. Tinha vários carnavais no Brasil. Tinha o carnaval do Rio de Janeiro, que é o carnaval show, tinha o carnaval da Bahia, que é o trio elétrico. Você tem o carnaval de Pernambuco que é o frevo, seria hoje o que é mais autêntico deles. Mas eu não sei como é lá, não frequento. Mas parece o mais autêntico. E a Bahia importou pra nós, e nós fomos lá buscar o trio elétrico. Hoje nosso carnaval é mecânico. Hoje o nosso carnaval não é, o carnaval de verdade não é mecânico. É povo, é gente, é alegria, é vida. Carnaval não é isso não, carnaval tá acabando.

**P:** E quando você era presidente da Funsec, na época um dos empecilhos pra promover bailes era o Ecad, que tava cobrando taxas altas...

**I:** Eu tenho um juiz que é meu amigo Dr. Osvaldo Pereira Firmo, que ele inclusive aqui, ele brinca e fala o seguinte. Eu tava defendendo umas ações tratando do Ecad, e o Ecad é uma coisa tão séria, que quando eu tô na rua, se eu vou assobiar eu olho pro lado por causa do Ecad, pra eles não me multar. Mas é verdade, o Ecad colaborou demais pra acabar com as realizações carnavalescas, mas eu na Funsec não tive problema no Ecad não, nem sei se a Funsec pagou Ecad, deve ter pagado alguma coisa. Eu tive povo na rua, eu tive gente, tive que fazer o carnaval em cima de trio elétrico, porque era muita coisa pra ser feita. Botamos inclusive pra rodar na cidade, três horas da manhã tava acabando. Mas o carnaval teve realmente muito retorno. Bombeiro jogando água no povo, porque tava muito quente. Tinha aquela música "Amor, eu fico", nós fizemos "Carnaval GV, eu fico", foi o carnaval do fico, muita gente em vez de viajar ficou. Isso aí com o povo ficando a gente vai segurando o carnaval em Valadares, mas deixar o povo ir embora, carnaval vira feriado pra esvaziar a cidade. Aí não tem sentido nem ter o feriado. Carnaval hoje em GV dá pra fazer um belo retiro. Tudo parado, não tem nada, pois é.

**P:** Quando começou a ditadura militar, logo depois vieram várias crises econômicas como que interferia no carnaval dos blocos?

**I:** É, a interferência maior deles era a censura, porque carnaval sempre foi uma oportunidade



de extravasar muita coisa, então você tinha carnaval músicas que eram críticas, eram as marchas. Maria Candelária, desceu de pára-quadras e caiu na letra O. O que era "a letra O"? Antigamente funcionário público tinha escala em letras da ascensão na carreira. Entrava na letra A, ia pra B, pra C, chegava na O, que era muito alta. Então já era uma crítica, Maria Candelária, protegida de alguém, chegou de pára-quadras na letra O, era uma forma de tá... Depois teve outra, "Coloca o retrato do velho outra vez", era o retrato do Getúlio, quando ele tinha sido derrubado da ditadura dele e voltou eleito então as repartições públicas tem um retrato do presidente da república e bota o retrato do velho outra vez. Então esse comportamento musical de carnaval no regime militar ele acabou, porque tomava conta e não podia falar nada, tinha que ficar caladinho. E até meu pai aqui conseguiu driblar isso porque ele tocava música italiana chamada Bandiera Rossa, "Bandiera Rossa la trionferà, Bandiera Rossa la trionferà...". Bandiera Rossa era o hino do Partido Comunista Italiano. Tinha nada a ver com a história, e ele cantava aqui, e o todo mundo cantando junto com ele "Bandiera Rossa la trionferà...". Era proibido, mas também ninguém sabia o que tava acontecendo. É isso que você via como no carnaval fazia coisas, era a forma de burlar a proibição, mas depois ficou demais, eles não tinham intenção em ver aglomeração do povo porque normalmente tinha crítica, e dali pra descambar numa passeata faltava pouca coisa, eles proibiram bastante e também colaborou. E aqui nosso carnaval acabou exatamente no período do MDB governava a cidade, no período do Raimundo Resende e Ronaldo Perim, a participação da administração no carnaval, foram eles, exatamente no período de oposição. Mas a gente tem esses desencontros históricos. Dr. Raimundo já se foi, Ronaldo tá aí ainda, politicamente também já se foi, mas tá aí firme ainda. E o carnaval nunca mais voltou, não teve jeito, todas as tentativas foram frustradas. É coisa demais pra falar em pouco tempo, mas é isso aí mesmo. Carnaval já foi, nós já tivemos, o Hermírio fala muito que Valadares é "a cidade do já teve", Valadares já teve muita madeira, já teve muita serrarias, já esteve no ranking de Minas, a segunda cidade do interior do estado, Valadares já teve carnaval também. Não tem mais, já teve. O museu deve tá cheio de fotos, fantasias, filmagens não, a minha ex-mulher era uma foliã de carnaval muito bonita, ela tá lá no museu, nas fotos lá, nos carros do Ilusão, desfilando lá. Todas as pessoas daquela época da sociedade de Valadares participaram desse momento de carnaval no Ilusão, a geração de hoje tá com seus 55, de 50 talvez, os mais precoces da época, a 70, 75, 80 anos. Esse povo todo pulou carnaval e sabe como era gostoso e com certeza tem saudade dele.

**P:** E você ainda tem fotos?

**I:** Eu já tive. As fotos do papai nós doamos pro museu, fantasia também, restava também a sanfona dele. Mas Ivanor emprestou pra um amigo da família e não voltou mais. Mas as fantasias do papai nós doamos pro museu. Eles cuidam melhor, eu espero.

**P:** E como foi o carnaval das crianças carentes na Açucareira?

**I:** Nós conseguimos os ônibus pra levar, o Padre Manolo foi quem levou as crianças, levamos uma banda de carnaval, levamos lanche, com refrigerante, e tinha confete, serpentina. Tudo por conta da Funsec, coordenação do Padre Manolo. E toda a estrutura trabalhou pra dar a logística toda e foi um sucesso. Foi muito gostoso, foi muito bonito, a criançada pulou bastante.

**P:** E a banda tocava marchinha?

**I:** Marchinhas de carnaval! Tocava marchinha de carnaval, nós trabalhamos muito tempo com

as bandas daqui, não era de fora não, eu não lembro o nome delas mais não, mas as bandas era daqui. Tanto aqui no Centro da cidade como na Açucareira, não fiz carnaval de som mecânico não. Parava pra descansar, entrava outro, dava quinze minuto de descanso, mas era assim.

**P:** E a Lira Trinta de Janeiro...

**I:** A Lira Trinta de Janeiro também, a banda lá era a própria Lira, o carnaval era espetacular. Porque a Lira era um baile mais popular, mas simples, não tinha constrangimento, mas era freqüentado mais por pessoas bem simples, de menos posses, então você tinha lá determinadas situações com segurança mais apurada, mas a Lira era muito bom. Nós íamos pra lá, eu com minha mulher, minhas primas, acompanhando papai e o Dr. Arnóbio, mas tinha muito respeito. Era muito quente, uma panela de pressão. Até tinha ventilador, só depois o Ilusão teve ar condicionado, que era ar renovado, o Chumbinho que colocou ar condicionado. O Minas também era outro forno, mas a Lira era baixo, o teto era baixo, e era realmente um calorão daquele de rebentar com a saúde da gente. Mas ninguém importava, a gente ia lá pular carnaval.

## **Anexo 11- Entrevista com Jerônimo Magalhães (Nonô)**

Data: 20.07.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

**Pergunta:** O senhor chegou a pegar o carnaval da década de 50, quando tinha as meninas da zona boêmia?

**Nonô:** Demais. O carnaval, na verdade, de Valadares, era um carnaval espetacular. Era um carnaval tido como um dos melhores do interior de Minas. E tinha aquela disputa entre os clubes, de carros alegóricos e etc e também tinha o pessoal da zona boêmia. Também desfilavam, tinham carros alegóricos. No mais seriam as Escolas de samba, inclusive que eu participei de todas elas.

**P:** E as meninas da zona boêmia? Quando elas desfilavam, como desfilavam?

**N:** Era um troço interessante. Era de uma linha fora do comum, você nãoalaria que aquelas mulheres eram realmente lá da zona boêmia, de tanto rigor, de tanta linha delas estando participando do carnaval. Era formidável.

**P:** As pessoas não tinham preconceito?

**N:** Não, absolutamente não. Elas desfilavam como outro carro também desfilava, que aliás, saiam todos os carros juntos. Passavam pela avenida [Minas Gerais] do Garfo, do Minas, e delas também passavam. Juntos. Não tinha "Ah, você vai passar depois que terminar". Não. Passava tudo normal, era um desfile normal. E elas com toda aquela linha, vestiam muito bem.

**P:** Como que eram as fantasias dela?

**N:** Ah, tinham diversas fantasias. Teve um ano que saiu um carro com elas com uma cobra e uma das mulheres estava sentada dentro da boca da cobra. É, muito bonito. E no mais eram as escolas de samba que eram maravilhosas, tinha diversas que eram maravilhosas.

**P:** O senhor participou de alguma delas?

**N:** Participei. O principal que eu participei era do Bloco dos Fabri, era uma família, Fabri, que tinha. Eles inventaram e formaram esse bloco que tinha eu, Dr. Arnóbio, o Ivo de Tassis, o finado Pedrim também participava. Era um bloco formidável. E da Escola eu participei do Milionários do Ritmo, e eu tinha uma fantasia diferente de todas. Uma garrafa na cabeça.

**P:** Como que o senhor equilibrava a garrafa?

**N:** Eu equilibrava os quatro dias.

**P:** Mesmo se "tomasse uma"?

**N:** Eu tomava todas. E conseguia ficar com a garrafa na cabeça. A não ser, eu me lembro, assim, quando terminou o carnaval, e que me chamaram pro GV Folia, e no segundo ano eu até falei "ah, não vou voltar aqui mais, não é aquele carnaval que nós gostaríamos de ver. A coisa aqui é diferente". Uns maus elementos. Na segunda participação deles no carnaval fora de época um sujeito me empurrou e eu deixei a garrafa cair. Foi a única coisa que eu me lembro e falei "não vou voltar aqui mais", mas voltei mais uns dois anos, mas aí eu falei "deixa eu parar, tô muito velho para isso". Mas o carnaval de Valadares foi sensacional.

**P:** O Bloco dos Fabri, quando já tava diminuindo o desfile no carnaval de rua, quando os clubes já não mandavam carros alegóricos, o Bloco dos Fabri, o senhor e dr. Arnóbio que eram meio que a resistência, não é?

**N:** Exatamente. Na hora que eles terminaram nós ainda continuamos a desfilar. Saíamos na sexta-feira, punha mais um dia por nossa conta, aumentava o carnaval em mais um dia. Foi formidável, só quem não viu que não pode imaginar o que foi o carnaval de Valadares.

**P:** Como o senhor se sentia quando percebeu que o carnaval tava acabando?

**N:** Foi pior do mundo. Quando o carnaval parou mesmo teve um dia que nós reunimos do dr. Tênisson Fabri, que era o diretor do bloco, e nós falamos "E agora? Que que vai acontecer?". Nós reunimos na casa dele, tomamos umas e outras e fomos embora.

**P:** E quando o carnaval acabou surgiu a Abandonada...

**N:** Abandonada. Exatamente. Como que ela chama? Sobreira. Aí vieram aqui em casa e disseram "ah não, Nonô, você vai participar da Abandonada". E eu participei do primeiro até o último desfile dela. Mas foi formidável. Foi uma época que até hoje, eu vou dizer pra você com toda sinceridade, falta uma coisa na minha vida. Falta algo na minha vida, que é o carnaval. Eu não saía pra canto nenhum, às vezes eu já fui, até fui, de Timóteo vinham, mandavam me buscar e eu pulava lá e aqui.

**P:** E quando que o senhor começou a pular carnaval? Foi desde pequeno ou não?

**N:** É interessante. Nós morávamos em Belo Horizonte, nós vínhamos de Belo Horizonte pra aqui. E lá eu brincava, mas aqui em Valadares acontecia um fato interessante. Chegou o carnaval. E o carnaval tinha muita animação lá na Lira 30 de Janeiro. Mas pagava pra entrar. E minha irmã "Nonô você não vai, não? Eu vou, vocês vão me arrumar e eu vou". Tive que ir de mulher pra não pagar. Vocês acredita, que elas me arrumaram, eu tinha um cabelão, elas me arrumaram de um jeito que eu entrei como uma mocinha e continuei de moça lá dentro. Mas eu adorei, foi um dia maravilhoso pra mim. Depois no outro dia eu falei "ah não vou voltar lá mais não". Comecei. Mas aí apareceu outros bloquinhos, apareceu o Bloco dos Fabri e aí era todo ano.

**P:** E como o senhor conheceu o dr. Arnóbio Pitanga? Foi no carnaval ou foi antes?

**N:** Não, antes eu já conhecia. Mas nós três, era três figuras que não podia faltar no carnaval: era eu, dr. Arnóbio e o Ivo. O Ivo tinha uma sanfoninha. O dr. Arnóbio uma época vestia de mulher, outra época ele, ele sempre fazia fantasias completamente de todos.

**P:** E depois ninguém seguiu o exemplo de vocês três?

**N:** Não. Nem os filhos do dr. Tênisson que tinha 2 que eram músicos, nem eles continuaram. Agora mesmo, há pouco tempo morreu o meu compadre, ele foi o penúltimo, né, porque eu que sou o último. Só eu que tô sobrando.

**P:** E porque que o senhor acha que o carnaval acabou?

**N:** Eu que vou te perguntar por que que o carnaval. Foi o maior crime que o prefeito pôde cometer foi esse, porque o carnaval assim era um carnaval do povão, a única coisa que o povão tem porquê brincar é no carnaval. Porque não tem condições de ir pra uma praia. Tá certo que tem muita gente que tem condições, mas o povão em si não tem, então eu acho que foi um crime que cometeu.

**P:** O Prefeito não investiu na festa?

**N:** Não. Nós do Bloco dos Fabri nunca tivemos um ajuda da prefeitura. As Escolas não, recebiam, cada uma recebia um tanto. As desepesas, fantasias, instrumentos, etc. Mas nós do Bloco dos Fabri era por nossa conta. A não ser a Antártica que começou a patrocinar o meu desfile, e dava 5 engradados de cerveja todo o carnaval, e dava a camisa, pra gente vestir, com a propaganda da Antártica. E assim terminou o nosso carnaval, até hoje dá saudades. Foi formidável, uma época que não volta mais.

**P:** Mas o carnaval de rua mudou no país inteiro, a gente não ouve mais falar no carnaval de rua...

**N:** Não. Hoje, infelizmente, a gente só ouve essa barulhada. Só vê barulho. Você não vê uma marcha de carnaval daquelas que realmente tocam você, hoje é essa baianada fazendo essa bagunça.

**P:** Mas aqui também colocaram trio elétrico quando tava acabando...

**N:** Exatamente. Aí veio os interesses financeiros, foi uma das coisas que também ajudou a exterminar com o carnaval de rua. Porque há pessoas que levavam vantagem pra trazer esse trio elétrico, ganhavam dinheiro. Então aí acabou de acabar mesmo. Agora é só trio elétrico, e você vê que é um absurdo hoje um abadá custar 300 reais. Hoje carnaval é dinheiro. Na época do verdadeiro carnaval, você tinha era prazer em desfilar, em brincar, as minhas filhas todas elas freqüentaram o carnaval, e entravam em Escola de samba e nunca teve uma pessoa que dissesse "O h, o camarada pegou na filha do seu Nonô" ou na filha de quem quer que sejam, todo mundo respeitava. Era uma brincadeira maravilhosa. Não é essa bagunça que tem aí hoje.

**P:** Quando eu pesquisei sempre se falava "brincar" o carnaval, como se fosse uma brincadeira...

**N:** Exatamente. Era uma coisa sadia, não essa coisa que se vê hoje. As pessoas que têm condições ficam encurraladas, cercados, não tão sentindo prazer, pois tão presos. Cordas, e homens de segurança. Então ele não tá sentindo prazer. Ficam presos.

**P:** E o senhor também ia nos clubes?

**N:** Todos eles. Porque eles vinham e me chamavam, pra eu ir lá, pra fazer as minhas bobearas, então eu ajudava muito os clubes. Eu desfilava e à noite eu ia pros clubes. Eram como um baile comum, todo mundo brincando, ficando alegre, todo mundo respeitando o outro. Era o principal do carnaval. Aquele respeito do outro. Você era incapaz de uma moça passar e... hoje você vê, uma moça não pode... não, ela tem que ficar amarrada, presa, igual um animal.

**P:** Como que foi para o senhor quando proibiu o lança-perfume?

**N:** É interessante. Minha filha, até hoje eu não sei porque, eu fico assim "meu deus, porque isso aconteceu?". Porque o lança-perfume era usado naturalmente. Passava uma moça, você jogava nela, mas não tinha... eu vou dizer, eu não sei se é porque eu tenho um nariz [grande] eu sou o que mais cheirou. Mas ninguém usava aquilo como droga. Era uma brincadeira. Não sei porque proibiram. Não sei. É uma droga, mas era uma droga que não fazia mal a ninguém. Um cheirinho assim, de vez em quando, não era mal. Aí o perigo foi esse, que aí veio esses produtos perigosos, fizeram cheirinho perigosos. Então é isso, minha filha, o carnaval de Valadares, tchau.

**P:** Tem algum fato curioso ou engraçado que o senhor lembra até hoje?

**N:** Teve um carnaval que houve um problema no bloco, uma pessoa que é do Rio, quis infiltrar no bloco, mas era completamente diferente. Queria mexer com mulher do fulano, do ciclano e mexeu com a mulher de um dos componentes do bloco. Foi uma confusão. Aí foi todo o bloco preso. Fomos pra uma cadeia na Afonso Pena, ficamos lá, aí veio não sei qual advogado, quando souberam, e todo mundo foi lá pra tirar o bloco.

**P:** Geralmente quando prendia no carnaval, só saía depois da quarta-feira de cinzas...

**N:** Mas nós saímos no mesmo dia. E foi no primeiro dia de carnaval, mas o delegado sabia que era só gente de bem, não tinha malandro, não tinha nada. Todas as pessoas de família. Foi lá pela década de 50. [Ele pega foto] Esse aqui foi o último que morreu. O meu compadre Expedito e o Zé, batia pandeiro como ninguém. E a minha fantasia era a garrafa. Foi em frente ao posto que eu tinha na [rua] Barão do Rio Branco.

**P:** O senhor tem muitas fotos de quando desfilava?

**N:** Eu tinha quase 500, mas na enchente de 79 foi tudo embora. Foi o maior prejuízo que eu tive na minha vida, porque não faz mais, não recupera.

## **Anexo 12- Entrevista com Jorge Luiz Barbosa**

Data: 07.10.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Cabelereiro.

**Pergunta:** Como você começou a participar do carnaval em Valadares?

**Jorge:** Nossa, isso é da minha família. Eles saíam no Buti e eu saí desde os cinco anos que eu desfilo no carnaval.

**P:** Aí você sempre na Milionários ou saía em algum bloco também?

**J:** Sempre na Milionários.

**P:** Você saía em alguma ala?

**J:** Não, mamãe sempre fantasia pra mim pros carros alegóricos.

**P:** Aí sambava no carro alegórico também ou tinha que ficar parado?

**J:** Ficava quieto.

**P:** E como que surgiu a idéia de fundar a Rosas da Vila?

**J:** Porque as escola daqui, não, duas não era, mas o Buti principalmente, uma palhaçada de "tinha diploma do bispo". Uma palhaçada, não sei se Igreja Católica tem a ver com festa pagã. Aí proibiu os meninos de desfilarem. Eu não, porque como mãe era da elite da Milionários eu não fui proibido, mas aí os meninos foram postos pra fora e eu mais uns outros amigos meus que tavam lá dentro saímos pra apoiar os outros. Fomos pra uma outra escola, e no outro ano nós fundamos a nossa.

**P:** Essa outra escola foi a Figueira?

**J:** Não, foi a império de Lourdes, que era do Antônio Paulino. Aí no outro ano nós estávamos com a documentação pronta e pusemos a Rosas da Vila na rua.

**P:** E de onde veio o nome?

**J:** Tem um contexto. Nós queríamos fazer uma escola de samba exclusivamente gay, mas não teve apoio da população gay. Então quando nós precisávamos de instrumentista, nenhum gay ia querer sair carregando peso. Aí nós tivemos que mudar o nome, porque primeiro ia ser Unidos do Arco-Íris ou O Espelho. Aí nós acabamos juntando Mocidade Independente, do Rio, com Vila Isabel e rosas foi por nossa conta mesmo.

**P:** E no caso, não sei se teve a ver, mas quando o Buti começou a barrar os gays na escola dele tava tendo ataques aqui na cidade...

**J:** O Arranca Toco? Quando teve eu ainda estava no Buti. O Buti começou a barrar porque queria que os gays desfilassem só de Carmem Miranda ou de Dama Antiga, e isso pras bichas, nós não queríamos isso não. Aí por isso que teve as coisas, não podia por biquíni, não podia por maiô.

**P:** Mas vocês chegaram a sofrer alguma ataque, vocês do Rosas da Vila?

**J:** Não, sabe porque não sofremos ataque? Preconceito sempre tem, mas como o grupo que saiu tudo trabalhava, nós mostramos na avenida que sem a gente não ia ser nada, porque quem criava era nós. Bola, fantasia, os outros só copiavam. Nós não, minha filha, nós púnhamos no papel e no pano.

**P:** E preconceito, vocês sentiam isso na hora do desfile ou não?

**J:** Não, só no dia a dia.

**P:** No carnaval dava uma trégua?

**J:** Como assim, na rua?

**P:** É, na hora que vocês desfilavam a população aplaudia do mesmo jeito que às outras escolas ou vocês sentiam alguma hostilidade?

**J:** Do mesmo jeito, e muitas vezes até melhor que as outras, sabe por que? A escola era pra ser gay, mas como não ia render, ficou normal e ficou só o apelido de escola gay. A população do nosso bairro, do Altinópolis, vieram em peso, os heterossexuais, aí isso tirou aquilo estigma de gay e não teve mais aquele estigma de gay, de ficar xingando "toma vergonha na cara", aí isso acabou.

**P:** Aí a bateria foram esses héteros que fizeram?

**J:** Aqui continua a mesma coisa, o gay só era destaque. Bateria tocava toda foram os "normais".

**P:** Quando vocês saíram da primeira vez, vocês homenagearam uma Luana, quem era ela?

**J:** Menina, era assim. Luana era eu. E os meninos fizeram um enredo porque realmente Luana ia fazer 21 anos que desfilava no carnaval. Aí o meu amigo fez um samba falando que era homenagem, mas não tinha homenagem nenhuma não. Era uma brincadeira.

**P:** Aí quando vocês surgiram o carnaval já estava acabando. Aí em 92 tentaram reviver. Convidaram várias escolas e algumas delas saíram de última hora aí quando o Diário do Rio Doce conversou com vocês, vocês mostrando a preparação da escola pro carnaval, aí um de vocês comentou que a saída dessas escolas era uma coisa política. Eu queria entender isso.

**J:** Realmente aqui sempre foi coisa política no carnaval. Mas em 92 eles tentaram reviver, mas teve só nós e o Santa Helena, mas nós já estávamos preparados, porque nós já tínhamos dois carnavais prontos que ainda nunca foram pra rua. O Santa Helena acho que era a mesma coisa. Mas aqui carnaval não adianta pensar em voltar, porque aqui não tem carnaval em



Governador Valadares. Aqui é utópico, o carnaval.

**P:** Mas quando vocês diziam que o carnaval era política, o que vocês queriam dizer?

**J:** As escolas dependem da prefeitura. A maioria não consegue ter renda. Nós fazíamos festa direto, pra ter dinheiro. Mas mesmo assim, precisa da ajuda da prefeitura.

**P:** E no último ano que vocês saíram, vocês fizeram uma letra muito bacana sobre Alice no País das Maravilhas. Quem que fazia essas letras?

**J:** Tinha o Jô. Eu fazia o enredo e Jô fazia o samba. O Jô é cabeleireiro aí na rua, mas também não adianta nem chamar que ele não quer mais não. Eu não lembro da letra. Foi a Alice não, foi?

**P:** Criticava moratória, troca de ministros, no final falava que o povo não era Alice pra viver de imaginar...

**J:** Ah, era isso mesmo.

**P:** E de onde surgia a idéia de usar canudinho e radiografia como material pra fazer fantasia?

**J:** Ué, o Jô fazia um desenho, como o material era caro, tinha que achar um material parecido. Então do acetato ia pra radiografia. E de uma fibra lá que no Rio de Janeiro as escolas usavam, nós fomos pro canudinho, porque não tinha dinheiro pra aquela fibra.

**P:** E teve algum caso engraçado nessas preparações ou no próprio carnaval?

**J:** Eu não lembro não. Além da bebedeira de quem trabalha? Os ritmistas sempre bebem uma, muito, mas caso engraçado eu não lembro.

**P:** E na hora de sair na avenida alguém saía bêbado?

**J:** Não, não podia sair bêbado não. Eles tomam antes, se saísse bêbado errava a harmonia.

**P:** E vocês sentiram algum sentimento de perda quando o carnaval acabou mesmo?

**J:** Muito. Agora a maioria não quer voltar. Dá muito trabalho pra um, dois dias só. E não vale a pena. E também hoje em dia o carnaval tá uma empresa, e aqui não tem como virar uma empresa, e você vai competir como? A prefeitura vai liberar nunca.

**P:** Vocês também tentaram olhar espaço de quadra pra vocês?

**J:** Sempre teve a promessa da prefeitura de dar, mas nunca deu.

**P:** Vocês chegaram a fazer parte da associação das escolas de samba?

**J:** Não lembro nem de ter recebido convite. A senhora recebeu, mãe? A Rosas da Vila, até hoje eles mandam coisa cobrando, porque a mamãe fez uma inscrição em alguma coisa Cultural de Minas, aí sai o livro, nós até já mandamos documentação falando que não existe mais. Consta até o endereço daqui, isso aqui não é uma quadra, é uma residência, mas tudo

vinha pra aqui.

**P:** Fizeram a inscrição pra receber algum tipo de apoio?

**J:** Era de grupos culturais de minas. Nós fizemos pra ficar conhecidos, porque a gente achou que ia durar o carnaval, mas não durou. Tivemos até que cancelar CPNJ, porque nós tínhamos CNPJ pra comprar material mais barato em Juiz de Fora.

## Anexo 13- Entrevista com José Auxilium Figueiredo (Buti)

Data: 26.08.10

Local da Entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

**Buti:** As escolas não tinham direito a nada aqui. Acabou. Eu tinha uma sala pra guardar instrumento, não cabia. Minha bateria eram 116 pessoas. Eu tinha uns seis de reserva. Eu saía embaixo do carro alegórico, eu fazia uma adaptação, e o carro me panchava. Eu ia de bermuda, de camiseta, eu saía no carro. O pessoal me ajudava, o comércio "ah, quanto é que você precisa de dinheiro?", eu mandava pegar. A prefeitura dava verba e eu tinha que prestar conta. até de agulha, agulha pra máquina, costura de mão, tudo tinha que prestar conta. Aí acertava com a prefeitura direitinho, aí a gente tinha essa influência por causa da boa vontade. Meus carros alegóricos eram tudo feito onde tá essa casa aí hoje, aqui era coberto, enorme. Aqui eram os instrumentos. Eu tenho meus instrumentos até hoje, tá tudo lá no bairro Santa Teresinha guardado na sala de um compadre meu. Aí eu tinha esse carisma com a turma por causa da boa vontade que existia. Eu arranjava as prancha emprestada e a alegoria era feita de acordo com o samba-enredo. Que toda vez que saía era diferente, por exemplo em Valadares 50 anos, eu homenageei a cidade. Então tudo que eu precisava, quando faltava eu falava pra eles "tá faltando isso". Muitas vezes eu comprava o pano pra fantasia, e as costureiras eram tudo daqui, eu arrumei dez máquinas, contratava as costureiras, na maioria era da escola. Então sabia aquilo tudo direitinho, e a gente tinha esse carisma de fazer a coisa com amor. E todo mundo tinha obediência comigo. Eu comandava a bateria da escola, tudo que eu pedia era ensaiado aqui, eu falava "vocês perdem o carnaval se quiser, tão ensaiados". Era muita gente, eram 110 pessoas só a bateria. Eu desfilei o carnaval de 88 com 980 pessoas. Tudo gente, não tinha gente da alta sociedade não, só trabalhador, classe média pobre.

**Pergunta:** Como que surgiu a idéia de fundar a escola?

**B:** Eu morei no Rio e desfilava no Salgueiro. Eu tava numa empresa de transportes que tinha filial aqui, e faltou um motorista aqui e eles perguntaram se eu queria vir pra Minas Gerais, eu falei "quero, mas quero ir pra Valadares". Eu já conhecia aqui, e eles me mandaram. Eu fiquei nessa empresa em Valadares foi uns três anos e pouco, e tinha três no Rio, mas ou menos seis anos na empresa. Aí surgiu uma vaga na Cemig de motorista e entrei. A bateria, era agachado, em pé, e eu não usava apito, não, era só. Então isso deixa muita saudade, a escola era uma irmandade muito grande. Chegava no natal, cada um trazia um coisa eu dava a carne, fazia churrasco. A escola era muito familiar. Ai de quem entrasse num desfile pra atrapalhar. Quando a polícia chegasse o cara já tava grudado há muito tempo. Eu tenho 49 afilhados de batismo por causa da escola "ah Buti, eu tô casado, minha dona tá no oitavo mês de gravidez, como que eu faço?", "traz a certidão de casamento que eu olho isso pra você". Eu ia lá no Hospital São Vicente, eu pedia ao Luiz Claro Pitanga, ele arrumava tudo pra mim, até cesariana. O menino nascia em agradecimento vinham dar pra mim "arranja um padrinho melhor, cara!", "ah, você tá fazendo pouco caso do meu filho", "eu não tenho nada, você tem que arranjar um padrinho que pode ajudar ele futuramente". E eu batizava era 5, 6 de uma vez, eu deixava juntar. O cara já tinha me falado que eu ia ser padrinho, aí deixava juntar. Então eu tinha muita amizade com todos. E graças a Deus eu não tive decepção com a escola, porque em 30 anos eu ganhei 22 carnavais. Teve uma época, no governo do dr. Hermírio, no segundo mandato dele, o tenente Murilo era chefe do turismo e falou "oh Buti, a sua escola tá toda afiada, tudo arrumado, tudo organizado. Você vai sair e vai ganhar o carnaval. Você

podia deixar o título pra Bambas da Princesa...", eu falei "pode dar, não tem problema não", e ele "se ela não ganhar esse ano, ela vai parar", e eu "pode dar". Então eu sabia que eu ia perder, mas isso aconteceu uma vez, eu falei "sem problemas". Eu encontrei ele uma vez e ele "eu tenho uma gratidão", não, a minha turma toda já sabe, eu falei "o tenente Murilo pediu pra bambas da princesa ganhar". A Baiana não tinha assim, porque eu ensaiava de setembro a fevereiro, então não tinha onde perder o carnaval. A alegoria era toda feita aqui com carinho, não tinha disso. Aquelas Baianas todas foram feitas aqui "ah, precisa de um rolamento, não tem como ela rodar e tal", eu saía e pegava rolamento usado de carro pra botar pra girar. Nós tínhamos muito, até hoje, carnaval de 2008 eu levei pra praça dos pioneiros 58 pessoas da antiga pra fazer, não teve ensaio nem nada, mas parecia que teve, tava todo mundo afiado. Eu dei um show lá, veio televisão, veio jornal e tal e eu falei "ah, eles me pediram, botei no jornal e eles vieram". Ainda deu, dos 110 veio 58. Tem três ou quatro aqui no SAAE ainda. Então a bateria era boa, eu ensaiava tão bem ensaiado que na hora eu falava assim "eu vou pra comissão de frente, vocês já tão ensaiados, vocês perdem o carnaval se quiser". Lá na frente do palanque que eu ia fazer a exibição com eles. Eu fazia com aquele carisma, animação danada.

**P:** E esse povo todo dispersou depois que acabou o carnaval, ou mesmo antes já tava se perdendo?

**B:** Não, eles encontram comigo e falam "ah, Buti". Mas eu não tenho mais lugar pra ensaiar, se voltasse o carnaval, vão supor, eu tinha que ter um lugar efetivo pra ensaio. Porque eu ainda tenho instrumento, ainda tenho 85 instrumento. Tem que dar um respaldozinho de manutenção, mas que eu tenho, eu tenho. O carnaval foi muito bom. é, eu trabalhei a vida toda com eles me dando a oportunidade de fazer desfile, então eles me davam a preferencia. eu tinha que fazer o carnaval. A gente fez a época, uma época muito gostosa, euforia, o povo não ia pra praia. Carnaval de 88 teve que ir pra casa. Quando entrou a milionários do ritmo na avenida, o povo "já ganhou, já ganhou". Sem terminar, sabe? Era um negócio assim contagiante aquela euforia de folião. Mas a vida é assim mesmo, esperar mais o quê?

**P:** E se tivesse chuva, como que fazia?

**B:** Os instrumentos eram tudo de náilon, então pra bateria não tinha problema. Agora a roupa eu tinha que comprar pra não desbotar. Então na hora da compra, do desfile, que era tudo feito aqui. Fantasia de mulher, de criança, de bateria, tudo era aqui. Eu comprava o pano que não tinha problema de chuva. e o pau comia do mesmo jeito. Então eu saía balançando com a água pingando, mas não tinha problema. Porque teve um ano lá que eu fui desfilar e choveu o trem era vermelho branco e ninguém sabia se era rosa, se era vermelho. Manchou tudo e daí pra lá foi logo no princípio. Eu tinha uns três, quatro anos que tinha fundado a escola, depois disso eu fiquei vivo. Porque não adianta você botar a coisa pra chuva molhar, o cara desfilava do mesmo jeito. Comprava sapatilha, eles vendiam casa de conga pra bateria, tinha uns que davam o número errado, nem sabiam o número que calçavam. Eu fiz isso, por fim os meus adversários achavam que era política "ah, o Buti ganha porque o prefeito é amigo dele". Não era, o problema meu é que eles ensaiavam um mês antes do carnaval. E eu de setembro a fevereiro. Não tinha nada de político, eu tinha era carisma, e o maior número de componentes era da minha escola. Então era tudo feio aqui, eu tinha um barzinho aqui pra eles. Os caras que desfilavam pra mim e que gostavam de drogas, eu falava "pelo amor de Deus, não vem com essa porcaria pra cá não, você faz a cabeça em casa e vem sem ela". nunca baixou polícia aqui, e aqui foram 17 anos. 13 foi lá no bairro São Geraldo. Quando era época de carnaval o batalhão ligava pra cá e perguntava "você precisa de reforço aí?", e eu falava "não, a

responsabilidade aqui é minha". E era minha. Qualquer confusão que tinha aqui, às vezes um cara estranhava o outro e eu falava "peraí, você tá dentro do meu terreiro, você a mesma coisa, você procura outra escola que aqui não dá pra você", falava isso pro cara que tava sem razão. Então aí eu conversava com eles desse jeito falava "olha, tenha paciência, sou seu amigo a mesma coisa, mas aqui não dá pra você". Aí passava oito dias, dez dias e o cara voltava "oh, Buti, pelo amor de Deus, deixa eu voltar, eu não vou comportar desse jeito não". E eu "então você tem que conversar com o diretor de disciplina". Porque eu tinha outros diretores, só gente responsável "se o diretor falar que pode, aí pode, se não, não". Eu tinha três diretores de disciplina por causa das alas. "Se você não for aprontar aqui mais, se não fizer, não tem problema". Aí ele voltava "ah, Buti, eles me aceitaram", e eu "então comporta direitinho, porque pra te respeitar, você tem que respeitar todo mundo aqui". Era desse jeito. A própria escola era, por exemplo, criança que desfilava comigo eu ia no comissariado de menor e pedia autorização, mas só desfilava comigo o garoto que passasse de ano. Se não passasse ele chorava e eu "não, você não passou de ano, sua mãe falou que você não passou de ano". Às vezes a mãe desfilava e ele ficava com o pai em casa. Então eu incentivava a criança no sentido de gostar da escola de samba e estudar na escola dele. Ele tinha que passar de ano. Ele chegava "aqui seu Buti meu boletim, eu passei de ano". "Ah, meus parabéns, vamo desfilar". Não adiantava chorar, se não passasse. A mesma coisa do cara que bebia cachaça, tinha cara que gostava de uma pinguinha. Na hora do ensaio eu falava "eu tenho aqui cerveja pra vocês beberem, se quiser comprar cerveja é o mesmo preço da rua, pega aqui. E é limitada também. cachaça não". Às vezes um saía pra rua e o diretor falava assim "aquele foi beber", quando voltava eu mandava pra casa, e ele "oh seu Buti, eu não bebi não". "Bebeu, você foi no boteco". Eu nem deixava ele entrar na segunda parte do ensaio. Eu era rigoroso nesse sentido e tinha ajuda dos diretores, que não tinham vício de fumar nem de beber. As diretoras de ala também. Eu não importava de uma mulher, não me interessava se ela era casada ou prostituta, desde que ela comportasse aqui. aliás, as mulheres de vida livre era mais bem comportadas que as outras. Elas davam conselho "oh gente, vocês tão no terreiro do Buti". Isso trazia muita alegria. Era feito com todo o rigor, eu falava "o que vale num desfile é a movimentação, é as alas unidas, não dá espaço". E eles faziam tudo direitinho, que antes do Araújo ser ali era o Jumbo. Então o cara me emprestava aquela área onde é a garagem hoje, eu ensaiava as alas ali, que lá tinha espaço, e aqui pequeno. Ensiava as alas bem ensaiadinho. Dois domingos antes do carnaval eu já tinha tudo programadinho, escrito, nas alas quantas pessoas, passista, pastora, tudo era feito mais organizado. Cada um tinha sua ala, cada ala tinha seu diretor ou diretora. Ala de homem diretor. Ala de mulher, diretora. Eu fiquei muito chateado quando eu aposentei, podia tá com um carnaval lindo aqui em Valadares. Aliás, Valadares até merece porque nunca elegeu um filho daqui. Até lá eu acho que já morri, não vai adiantar. Elisa, Fassarela, Hermírio, Joaquim Pedro, Ladislau, os prefeito todos que já passaram não são de Valadares. No dia que tiver um filho de Valadares, a cidade vira outra coisa. o cara vai querer carnaval de novo, futebol, tudo organizado.

**P:** O senhor dava as fantasias?

**B:** Não, quem dava as fantasias era a prefeitura, que a gente recebia verba. A escola era registrada como utilidade pública na Câmara, eu tenho a documentação, publicada no Diário Oficial, eu tenho o número da votação da Câmara, do registro no diário oficial. E lutei com 4 gestão de prefeitos pra dar o terreno da escola. Porque se tivesse dado, até hoje eu tava aí, não precisava de dinheiro de prefeitura, não precisava de angariar fundo com comércio. Porque durante o ano você fazia brincadeira, bingo, com frango assado, com essas coisas e dava resultado. Fazia um bailezinho, alugava a quadra. Tinha muito recurso. Porque na época que eu queria o terreno da prefeitura era no princípio da rua São Paulo, próximo ao Rio Doce, mas

não ia água, a prefeitura falou e chegamos a medir o terreno. Era o Rui Moreira na época. Eu falei "esse terreno aqui dá 14 de frente por 70 de fundo", uma área muito boa. Eu tinha o Pedro Tassis pra fazer a quadra pra mim, me dava ela pronta, só pra botar o nome dele. Aquele deputado de Nacip Haidan, que eles mataram, ele falou "te ajudo no que puder". Então ia fazer uma quadra bonita, ia botar um casal sem filho pra morar lá e cuidar de tudo direitinho, não ia pagar aluguel, água, luz. E utilidade pública também o SAAE não cobra, a Cemig eu ia contornar em Belo Horizonte pra não pagar energia. Aí eu não ganhei. Aí quando eu conversei com o Rui Moreira ele falou "a Câmara tem que votar isso". Aí me deu revolta, porque foi o quarto me prometeu isso. Aí eu saí, falei "fiz 30 anos, ganhei 22, tá bom, vou parar com isso", e o povo "Buti, não para não". Teve gente que chorou "faz isso não". Mas nós não temos lugar pra ensaiar! Isso aqui hoje é da minha filha, passei tudo pro nome dela, água, luz, tudo. A doação já dei pra minha filha. Então as coisas são feitas de acordo com a boa vontade. Se tivessem dado o terreno pra escola que já era registrada, votada utilidade pública, publicada no Diário Oficial, tem tudo aí. Tem um pasta só dela. Não deram, eu desanimei. Quatro autoridades prometer e não cumprir, eu fiquei chateado "ah, vou mexer com isso mais não". Não vou porque não adianta você forçar a barra de uma coisa quando não tem apoio. Eu pedia as pessoas pra fazer comício. separava 15 e falava "você vai fazer comício pra fulano", separava outros pro fulano. De qualquer partido. Eu não tinha partido. Iria um com o Hermírio Gomes, outro com o Zequinha Tavares, outro com Ronaldo Perim. Era desse jeito que eu fazia, pra mim qualquer um que ganhasse tava bom. Nunca forcei ninguém aqui dentro a votar em alguém, vota em quem quiser. Eu não ia forçar ninguém pra depois ser mal visto com político porque eu apoiei outro.

**P:** Como foi a concorrência com a Figueira Samba Comigo?

**B:** Foi assim. Eu tenho uma fita que o Alírio Dutra me deu onde fala que a Figueira Samba Comigo era do doutor Márcio e a esposa do doutor Raimundo Resende. Aí ele era prefeito, como eu ia ganhar? Não tinha jeito. Quando foi no dia da disputa, no domingo de carnaval, já entrei derrotado. Porque quando eu fiquei sabendo que o Márcio era o presidente e a vice-presidente era a esposa do prefeito, então fazer o que? Aí não tinha jeito. A mesma coisa se eu fosse vereador ou candidato a vereador, ganha a minha escola. Então não tinha mesma. E a turma "oh Buti, dessa vez nós vão dançar, né?". E eu "vamo, vamo dançar sem ganhar, mas vamo dançar". E saímos. Foi dito e feito. Eu fiquei atrás da Figueira por dois pontos. Foi tão bem bolado que eu perdi por dois pontos. A turma também, mas foi o maior show que eu dei com a bateria da escola em frente ao palanque. E foi tão perfeito que o prefeito, o próprio Raimundo Resende pediu pra eu repetir. Ia sair uma hora, eu saí duas e meia do palanque. E a bateria levantou o número de pontos pra mim, deram o resultado no dia, mas perdi por dois os três pontos. Mas eu saía daqui, eu morei no Rio muito tempo, desfilei no Salgueiro. Eu tirava folga aqui, eu deixava juntar três, quatro folgas, ia pro Rio e despachava fantasia usada do Salgueiro, da Portela, da Vila Isabel, que é verde e branco, eu tirava o verde e botava vermelho. Então as meninas arrumavam e ficava aquela coisa. Era tudo bem arrumado. Eu corria atrás, não deixava só por conta de dinheiro da prefeitura não, porque nunca que o dinheiro dava conta pra quantidade de gente. Ela dava tipo pra Unidos do Morro pras que era 80 pessoas. Nessa época eu tava com quase 300, pra você ver a proporção da escola foi só crescendo. De acordo que eu ganhava o carnaval, no outro ano era quase o dobro.

**P:** E o senhor não pensava em limitar o número de pessoas da escola, não?

**B:** Não, não limitava não porque eu ficava com dó, que era só pessoa carente, pessoas que não tinham clube pra pular. Tinha a Lira, na época, tinha essas coisas que alugava pra fazer

carnaval. O cara não tinha dinheiro pra ir, não tinha o dinheiro do ingresso, coitado. Então a escola era uma opção, ele desfilava, suave, cantava e ia embora pra casa. Brincou, você tá entendendo? Então eu ficava com dó de falar "não tem". Eu lembro que veio uma família aqui. Veio o pai, a mãe e dois rapazes, um deles muito bom instrumentista de outra escola, falou "oh Buti, não deu certo na outra escola por causa disso e disso, não teve confusão nem nada". Eu falei "você vem agora, em cima da hora, eu já fiz as fantasias todas. Como que faz?". Ele falou "não, eu tenho aqui, me dá a cor do pano que eu vou buscar". E foi, as meninas fizeram em cima da hora e todo mundo saiu alegre. E foi uma das pessoas que mais me ajudou aqui dentro da escola. tanto a dona como o moço que era serralheiro e me ajudava com os carros. Eu tinha tudo, eu tinha banca, eu tinha solda, eu tinha turbo. Eu tinha tudo, fazia tudo aqui. O Ilusão pagava, o Minas pagava, eram aqueles carros bonitão, e os meus não perdia muito pros deles, que era menor e tal, mas bem feitinho, bem estruturado. Chamava o corpo de bombeiros pra vir fiscalizar "não, tá seguro, tá beleza, pode sair". Eu fazia as coisas com muito gosto. Primeiro que morei no Rio, que faz show pro mundo, é aquele espetáculo. é show pro mundo inteiro ver. Escola de samba lá é empresa. Eu, por exemplo, desfilei em uma 6 anos, era empresa. Desfilei na Salgueiro seis anos. Por baixo era a quadra coberta, linda, os restaurantes, bares, a parte de cima era pra turista. Eu ia sexta-feira, que eu era solteiro, e voltava domingo. Paga uma taxa pra dormir e ficava almoçava, lanchava, jantava, tudo lá. Só voltava domingo. Pagode, samba, ensaio, bateria. Eu vim transferido pra aqui, fiquei sem jeito e fundei a Milionários do Ritmo. Trouxe muito instrumento do Rio, pedi lá e tal. Perguntaram "qual que é o nome da escola?", "Milionários do Ritmo", "nó, que nome bonito rapaz. panha lá Buti, o que tiver de ruim lá pode pegar". Instrumento estragado, consertei. De cara eu comprei quarenta. Aí comecei a comprar fantasia, que lá vendia fantasia usada baratinho e eu ganhava a maioria. E o que que eu fazia? Eu saía na Vila Isabel, Salgueiro, tinha um cara que era bacana comigo, o Carlinho era o meu compositor. Teve um dia que ele foi no barracão da Vila Isabel Comigo, eu ia lá panhar eu falei "vão lá pedir, tem um cara que toma conta do barracão". Aí cheguei lá e tal e o Carlinho era compadre dele. Aí eu fiz amizade com o Carlinho e ele me levava lá. A última vez que eu fui até lá ele "quem que é aquele?", "é o rapaz de Valadares, o Buti", "tá bom, manda ele vir", falei "tudo beleza?" levei queijo de Minas pra fazer uma média. Aí ele disse "vem cá, você pode ir lá nos barracões, vê o que que tem lá de roupa". E eu disse "tudo bem". Tinha muita coisa bonita, panhei tudo. Aí ele disse "agora você não volta aqui mais não porque escola de samba é empresa, seu Buti", e eu "mas eu ensaio no meu quintal, eu não tenho nem lugar pra ensaiar". Levava gravação de fita cassete, rodava pra ele. "Aí rapaz, uma bateria bonitinha dessas, manda aqueles políticos pro meio dos infernos" ele falava comigo "não é assim não, eles tem que te dar a quadra, rapaz. Escola de samba, você já foi na minha quadra você sabe como que é".

**P:** E a proibição dos gays...

**B:** Não, eu nunca proibi gay, eu tinha uma la gay de 40 integrantes. Mas a minha atitude com eles era a seguinte: ou achavam bom, porque não tinha opção porque a melhor escola era a Milionários do Ritmo. Falei "ó, vocês podem desfilar, mas com uma condição: não quero ninguém mostrando curva aqui". Falei com eles, fazia reunião só com eles. "Ah eu quero sair disso, quero sair daquilo". E eu falava "se a bunda não tiver de fora". Aí quando eles viram que não tinha jeito mesmo eles fundaram a Rosas da Vila, do Vila Mariana. Então 80% que desfilou no Mocidade Independente Rosas da Vila era gay. Eu fiquei sem ninguém, foram todos pra lá. Vieram agradecer e tal, mas lá eles saíram como queriam. O Jô era diretor, a Neide era a presidente, o filho dela é gay, o Jorge. Então daí era como queriam. A ala de baiana deles só com fita, a armação amarrada com fita. O gosto dele era diferente do gosto do

peçoal que desfilava aqui. Eu não me importava se queria desfilhar, é ala de passista, não tem problema. Mas com os gays eu tinha essa coisas com ele, que eu não queria que ele fizessem isso. Mas uma vez eu levei uma ala gay em Belo Horizonte, em Teófilo Otoni, que eu fui lá com 10 ônibus, levei 400 pessoas. Foi um auê, eles lotaram um ônibus. Eles foram, desfilaram bonitinho, não fizeram feio. Eu fui 11 vezes em Teófilo Otoni. Eu fui uma vez com a escola toda, e com a bateria eu fui dez vezes. Em comício, apresentação, aniversário da cidade, time de futebol. Eles tinham uma coisa comigo "eu quero 40 pessoas". Pagavam, recebiam a gente e eu mostrava pra eles "recebemos tanto, olha aí". E eles "não, Buti, guarda pra escola, pra comprar pele, comprar o que a escola precisar". Era muito bem tratado lá. Ia com essa condição. Se saísse daqui à noite, chegava lá tinha um lanche reforçado, se fosse de dia, almoçava, jantava, pra sair de noite. Ficava o dia inteiro fazendo samba. Eles já me contratavam e quando mandavam o ônibus, já "não, não tem problema não". Aí eles mandavam, e um prefeito passava pro outro, um perguntava como o outro tinha feito e eles falavam "leva o moço do ônibus já com o dinheiro que ele vem". E eu combinava com eles desse jeito. Fui em Mantena, em Pirapora, em Juiz de Fora, Caratinga, essa redondeza toda, Tarumirim, Don Cavati, Conselheiro Pena, Aimorés. Foi muito bom, muito alegre.

**P:** Quando o carnaval tinha meio que acabado, teve um ano que o senhor saiu junto com o bloco da Abandonada.

**B:** Foi, eu era muito amigo da dona da Abandonada, eu esqueci o nome dela. Eu tinha parado com o carnaval e ela falou assim pra mim "não tem jeito de você arrumar um peçoal pra nós ir pra Ilha fazer um desfile com a Abandonada?". Eu falei que tinha e ela perguntou como eu fazia. Eu falei "você bota no Diário do Rio Doce e na Rádio Educadora", hoje é Transamérica. Aí pedia ao Alírio Dutra e toda hora ele pedia, botava no programa, chamando os instrumentistas Juntou todo mundo. Ela fazia as camisetas do bloco e todo mundo vestiu e foi pra Ilha. Júlio Avelar vestido de mulher. Era uma festa. O tempo passa e a gente fica com as coisas. A primeira vez que eu assisti isso aí, esse DVD que eu ganhei com meu desfile, eu chorei que nem menino. "Gente, isso é mentira". Hoje eu acostumei, mas às vezes ainda vejo. Era um tempo muito saudável pra mim, muito alegre.

**P:** Os instrumentos, você disse que ainda tem, mas teve um ano que a Pantera cor de Raça, a torcida do Democrata, eles fizeram bloco e parece que tinham comprado de você.

**B:** Tinha, tinha sim. Eu tinha 116 instrumentos, aí eu fiquei com 85. A outra parte eu vendi pra eles, instrumentos que já tavam ultrapassados pra mim. Acontece que a Pantera Cor de Raça não tinha uma fiscalização que nem eu, acabaram com os instrumentos, um ia tocar, depois levava o instrumentos pra casa com ele. Todos os meus instrumentos tinham um número, ninguém podia pegar o instrumento, só o cara que tinha o número daquele instrumento. Porque se ele perdesse, ele era responsável. O cara da bateria assinava um compromisso comigo. Se o número dele era 23, não podia pegar o 22, nem o 24 nem nenhum. "Ah, furou o instrumento, Buti". E eu "Não tem problema, fica sem ensaiar que no próximo ensaio eu já consertei". Ele ficava lá olhando, se alguém quisesse dar uma descansada, podia passar rapidinho o instrumento. Porque os instrumentos eram muito repetitivos eu tinha dez caixa-carro, ou trinta caixa-carro. Mas depois eu consertava e voltava ele com o mesmo número. Os tamborins, que eram instrumentos pequenos, que era fácil de carregar. Era tudo numerado. Se não tiver organização, nunca que você tem, porque até sem maldade dá pra carregar o instrumento. Tá na mão e acaba levando, por gostar da coisa. Quantos me pediram pra guardar o instrumento em casa e eu disse "não". Até quem afinava o instrumento era eu. Porque se eu deixasse um componente pra afinar o instrumento, ele afinava a ponto de na



hora de bater, ele estourava. Ele queria afinar a altura, mas tinha a média certa. Todos tinham a média certa. Chave de instrumento ficava era aqui comigo, não passava pra mão de componente nenhum. E eles tinham prazer com isso, aqui era tava tudo arrumadinho. Até as baquetas, tinha um cara só pra recolher baqueta. Surdo, tarol, tamborim, ficava as baquetas todas juntas. Tinha uns que já traziam as dele, nem precisava pegar. Quando eu ia no Rio eu trazia as baquetas todas. O bom do negócio todo era a obediência, que todos tinham um respeito muito grande por mim, e eu também tinha um respeito muito grande por eles. Do jeito que eu tratava o melhor componente, eu tratava o pior, no sentido de ser fraco em questão de aperfeiçoado em instrumento. Justiça era igual. Eu falava "aqui não tem ninguém melhor do que o outro, nem eu sou melhor do que ninguém, são todos iguais". Isso era quase todo ensaio "se eu sou igual a você, porque você quer ser melhor que o outro? Independente de um ser melhor que o outro no instrumento, aqui todo mundo é igual em boa vontade".

**P:** E o que você sentiu quando viu que o carnaval tava morrendo na cidade toda?

**B:** Eu senti pelo seguinte: eu parei, mas eu achei que o carnaval ia continuar, porque tinha cinco escolas de samba quando eu parei. A Milionários do Ritmo, Império de Lourdes, Unidos do Morro, Unidos de Santa Helena. Porque a Figueira saiu só um ano, o prefeito saiu e acabou. Registrada aqui era só a minha e a Império de Lourdes. Tinha que desfilar três carnavais pra requerer o registro. Aí a Unidos de Santa Helena não era, Unidos do Morro não era, nem a Rosas da Vila não era. Eu até tentei depois dar baixa na prefeitura, mas não deixaram porque coisa votada utilidade pública não pode voltar atrás. Parei, não queria que eu parasse, mas não tinha lugar pra ensaiar. No governo do Mourão ele me ofereceu a Açucareira pra ensaiar e eu falei "tá doido, homem? Como que eu levo esse pessoal todo pra ensaiar?". Primeiro o ônibus, tem que pagar. Eu perguntei "por que você não arranja o Ginásio Coberto?". E ele "ah não, o Ginásio Coberto...". Se ele tivesse me arrumado o Ginásio Coberto eu tinha tentado. Eu tenho o endereço de todo mundo ainda, tenho em ficário, endereço, telefone e tal. Mandava um coisa pra gente recomeçar. Mas eles não deram e fazer o quê? Eu fico olhando minhas taças aí, você acredita que uma vez eles vieram aqui buscar pra levar pra museu? A prefeitura, no governo do Fassarela, eu falei "companheiro, você não tem culpa de nada, mas aqui eu tenho 78 troféus. Esses aí e na laje dessa casa aqui". Porque quando eu ganhava, eu ganhava passista, porta-bandeira, bateria, mestre-sala, era assim, saía com cinco, seis taças, além da de campeão. Todo mundo ficava admirado "olha o Buti carregando um monte de taças". Aí ele falou "é porque nós temos um museu". E eu "museu? Ao invés de reviver uma coisa que existiu durante trinta anos, você vem buscar o que é meu?". Eu meto o machado, meto a marreta, mas não dou isso aí pra prefeitura. Se eu morrer a minha filha quiser dar, aí é outra coisa. Mas eu não dou, eu falei "você dá o recado ao prefeito". Eu tenho tudo guardado, a bandeira, o bastão, tudo até hoje.

Data: 30.09.09

Local da entrevista: Casa do entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

**Pergunta:** Conversei com o Antônio Paulino. Você desfilou com ele, como que foi?

**Buti:** Foi no ano em que eu cheguei aqui, 1958, aí quando foi em setembro de 59 eu fundei a Milionários do Ritmo. Eu tirei componentes dele pra formar a diretoria da nossa escola. Quem deu esse nome com um radialista, Fenelon, era da Rádio Ibituruna. Então eu perguntei pra ele,

queria colocar Mocidade Independente, ele falou "não, bota Milionários do Ritmo". Aí em 70 eu desfilei. Fundei em 3 de setembro de 1959. Aí começamos a ensaiar. No primeiro ano eu saí com 41 pessoas, 22 na bateria e o resto era passista e pastora. Muito pequena a escola. Quando foi no ano seguinte, nós dobramos, dobramos, foi dobrando a quantidade de gente. No último carnaval aqui eu saí com 912 pessoas. Foi em 88, daí pra cá eu parei porque não tinha o apoio da prefeitura. Eu tive que gastar com registro, foi registrada em 1975, fundei em 59 e consegui registrar em 75. Utilidade pública na Câmara, registrado no diário oficial. Fiz a documentação legal pra adquirir terreno pra fazer a quadra, mas a prefeitura não quis ajudar. Aí eu parei, não agüentei mais porque era no meu terreiro. Só a bateria eram 116 pessoas. Aqui é pequeno, era coberto direitinho, mas no fim não cabia mais a quantidade de gente. Eu não tinha como ensaiar as alas, eu tinha que pedir favor ali onde é o Araújo, ali era Pão de Açúcar Jumbo, um supermercado muito grande, do Rio ou se São Paulo, não sei. Aí ele falava "chama a polícia pra olhar aqui, porque na frente é vidro". E eu falei "tá bom". Eu pedi lá no batalhão e eles mandavam os policiais na hora do ensaio, porque lá tinha espaço. Daí pra cá eu ganhei onze anos direto, depois eu comecei, perdi um ano, o chefe Murilo falava assim "fulano de tal podia ganhar esse ano", e eu falava "tá", porque o meu negócio era assim. Acabava o carnaval aqui, eu ia lá pro Rio buscar fantasia usada. Eu tinha muito conhecido lá, Salgueiro, Imperatriz, Imperatriz era verde e braco, aqui era vermelho e branco. A fantasia que eles me davam lá eu tirava o verde e colocava vermelho no lugar aqui. As costureiras eram aqui mesmo, então eu fiz esse esforço por 30 anos. Eu ganhei 22 carnavais por 30 anos, e os carnavais que eu perdi, na gestão Hermírio Gomes, o tenente Murilo ele chegava a me pedir "esse ano você podia deixar a Baiana ganhar, ela tá desanimada, se ela não ganhar ela vai parar". E eu falava "não tem problema não, não faz diferença nenhuma". Eu ensaiava de setembro a fevereiro, eu tinha uma opção muito boa, minha bateria nunca perdeu. Eu perdi o carnaval porque eles pediam, mas a bateria não! Então eu tenho coleção de longplay das baterias do Rio: Padre Miguel, Salgueiro, Portela, tá tudo aí, eu passei tudo pra cd, eu botava isso na minha bateria. Ela era show mesmo. Agachava, levantava, aquele negócio e tal. Eu ensaiava de setembro todo domingo, quando chegava um mês antes do carnaval eu ensaiava quinta e domingo, apertava mais. E quando eu saía na rua, eu avisava pra bateria antes de soltar "vocês perdem o carnaval se quiser, vocês tão ensaiados", falava com as alas "vocês tão preparados e ensaiados". Eu ia pra comissão de frente e deixava a responsabilidade deles. E aí acontecia que quando a comissão julgadora votava, pra mim não era surpresa, porque eu fazia um trabalho. O Antônio começava a ensaiar um mês, dois meses pro carnaval e queria ganhar? A Milionários com um ensaio de sete, oito meses, então não tinha condição. Eu fazia com muito amor. Valadares acabou o carnaval porque nunca teve um prefeito, nunca até hoje, nunca teve um prefeito filho da terra. No dia que tiver vai voltar, eu tô esperando.

**P:** E quando você saiu da Bate-Papo e elevou algumas pessoas de lá, não houve briga entre vocês?

**B:** Não, eu saí na Bate-Papo porque eu tinha chegado do Rio, e ele sabia que eu tinha chegado do Rio. "Eu vim do Rio e tal, desfilei no Salgueiro, onde que tem uma escola de samba aqui?". "Ah, tem a Bate-Papo aqui", "Ah, tem? onde que eles ensaiam?", "Ah, eles gostam é de ensaiar um mês faltando pro carnaval, porque só tem ela aqui". Eu falei "tá bom". Fiquei agüentando aquela coisa. Quando eu fui ver o ensaio, eu botei a mão na cara e falei "meu Deus do céu, que pobreza". Eu era acostumado com o Rio, né? Aí eu falei "meu Deus, que pobreza!" falei comigo mesmo. A bateria era aquele montinho de gente, umas 15, 16 pessoas só. Um ritmo horroroso, que não era samba nem era baião, porque na época era baião, hoje é sertanejo, axé, esses trem. Mas não era nem samba nem... Aí eu falei "vou arranjar um trem aqui e vou melhorar isso" e saí com eles na bateria. Saí, não tinha concorrência nem nada,

tinha uns blocozinhos aí, até bem arrumado, eles dependiam da bateria do Antônio, e ele cobrava "ah, eu saio com vocês por tanto". Aí fiquei, né? Aí eu fiz amizade, aí no ensaio da Bate-Papo, eu tirei 12 componentes de cara, eu fui atrás dos melhores e falei "nós vamos fazer isso aqui", e eles "será que vai?", e eu "vai". Aí eu tomei a frente do negócio, eu prestava muita atenção no mestre de bateria lá do Rio, peguei as manhas todas e deu certinho. Então a minha escola eu saía pra fazer show. A minha bateria, pra você ter idéia, eu levei minha escola toda de uma vez em Teófilo Otoni com a escola completa. E fui mais dez vezes com a bateria, dez vezes. Aniversário de cidade, festa de clube, tudo eles me chamavam "ah, leva a bateria, umas 40 pessoas, eu vou te dar o transporte". Então eu tinha uma ala show da bateria pra essas festas. Fui em Pirapora, Juiz de Fora, Caratinga, que eu fui em aniversário da cidade, Mantena, Belo Horizonte, fui no mineiro frente a frente, ganhamos lá pra Teófilo Otoni. Teófilo Otoni ganhou de Diamantina, depois foi pra final e pediram outras coisas. Eu trabalhei numa firma, sou aposentado trabalhei 28 anos e 4 meses. Aposentei na Cemig, e ela me soltava todo carnaval de férias, teve um ano que entrou um gerente que não gostava de carnaval, ficou sabendo "ah, você não pode tirar férias em fevereiro não". Eu vinha tirando todo fevereiro. Aí o prefeito era Joaquim Pedro Nascimento e eu falei "tudo bem, eu não posso sair de férias, tudo bem". Aí eu fui no gabinete do prefeito e falei "ô seu Joaquim, você é o prefeito e eu não posso desfilar esse ano porque a Cemig não me libera pro carnaval. Que todo ano eu tiro as férias na época de carnaval". Ele falou "ah é?", "é", "me dá o nome do engenheiro aí", eu dei o nome José Luiz Vilaça, ele escreveu o nome direitinho, mandou pra Belo Horizonte. Na mesma hora me mandaram chamar na sala dele e ele falou "pode requerer suas férias, Buti". Mas porque o diretor da Cemig de Belo Horizonte tinha feito um ofício pra chefia do interior falando que tinha recebido um ofício do prefeito pedindo que liberasse pro carnaval. Daí foi até aposentar, ninguém nunca mais mexeu comigo. Foi muito bacana. Então eu parei com o carnaval não é porque eu queria não, a época que eu mexia eu fui obrigado a parar porque eu não tive apoio. Onde que eu ia ensaiar uma bateria de 116 pessoas num cubículo igual isso aqui? Então eu pedi a eles "gente, arruma um lugar pra mim. A escola é utilidade pública votada", "nós vamos ver, tem que esperar o voto dos vereadores". Ah!

**P:** E as outras escolas também eram votadas utilidade pública?

**B:** Só a Milionários do Ritmo e a Império de Lourdes. Só eu e Antônio. As outras tava fazendo tudo pra jogar pra utilidade pública também. Mas eram só as duas mais velhas. Mas você vê, eu parei com o carnaval e todo mundo parou. Nem o Antônio, que era dos mais velho de carnaval. A última proposta que eu tive de ganhar terreno foi com o Ronaldo Perim.

## Anexo 14- Entrevista com Júlio Avelar

Data: 01.09.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Colunista Social.

**Pergunta:** Como que você começou a participar do carnaval aqui? Ou você não participava?

**Júlio:** Na verdade, eu comecei a participar do carnaval aqui nos anos 70, quando nós fazíamos, final de 60 e 70, que nós fazíamos os blocos individuais. Existia uma rivalidade grande entre os três clubes, Ilusão, Minas e Garfo. Então a prefeitura fazia um concurso de escola de samba e de blocos, não eram blocos caricatos, eram chamados blocos de sociedade. O Ilusão tinha dois ou três blocos, o Minas também, e o Garfo também. Eu fazia parte do bloco da bola, que era do Ilusão, tinha 28 integrantes. Mas o verdadeiro carnaval, em todo sentido, era considerado o melhor do interior de Minas Gerais, Isso nos anos 50 até os 70. Depois o carnaval foi, logo que foi inaugurado a BR daqui de Valadares daqui pra Vitória, pro Rio, o pessoal conseguiu ir no carnaval pra descansar. Aí o carnaval foi acabando. Nós tínhamos desfiles de carros alegóricos, várias escolas de samba: Bambas da Princesa, que era do bairro Nossa Senhora das Graças, Império de Lourdes, que era do bairro de Lourdes e eu sei que nós tínhamos umas 3 escolas que faziam uma disputa muito grande durante o carnaval. Ganha um troféu pra melhor, e dinheiro melhor para o próximo carnaval, que a prefeitura que bancava praticamente os carnavais. Pra você ter idéia o carnaval era tão bom, que existia uma zona boêmia aqui, e as mulheres da zona faziam carros alegóricos também. Elas só podiam sair depois da meia-noite por causa de questão de família. e aí os homens levavam as mulheres pra casa e voltavam pra ver o desfile das putas. E elas desfilavam de maiô, que era um escândalo naquela época. Mas o carnaval aqui tinha carros alegóricos maravilhosos, pra época era uma coisa avançada. baleia soltando água perfumada, faziam uns gatos de 10 metros de altura, tremendo os olhos, miando, que na época era coisa muito difícil de fazer, só mesmo hollywood. Então o carnaval aqui era considerado o melhor do interior de Minas, as pessoas vinham pra cá porque era um carnaval sadio. Mas aí o carnaval foi minguando até, já tem 10 anos que a gente não vê mais a última resistência do nosso carnaval que era a Abandonada, que saía nas ruas uma semana antes do carnaval. Tinha Bloco dos Fabri, que saía uma semana antes e também abria o carnaval. Ou seja, várias pessoas da nossa sociedade sempre brincavam os carnavais dela aqui, faziam os carnavais, que eram realmente autênticos, cheios de lança-perfume. Até os anos 70, quando já era proibido, você ainda comprava lança-perfume tranqüilo, sempre tinha. E no carnaval era aquela data que todo mundo esperava, todo mundo faziam roupas muito alinhadas. Os clubes de Valadares, 45 dias antes do carnaval, todos os ingressos já estavam vendidos. O Minas era o preferido da juventude, o Ilusão era o preferido das pessoas jovens e o Garfo das pessoas mais velhas. Era uma coisa interessante, saía a banda do Ilusão, saía a banda do Minas no último dia de carnaval e encontravam com todo mundo no garfo clube. No final da festa todo mundo caía nas piscinas. Então era uma coisa interessante e sadia. E várias famílias tradicionais de Valadares ajudavam a fazer o carnaval. Tinha o carnaval de clube, chamado de elite, e o de rua, porque as três escolas de samba desfilavam e aí saíam os blocos de todos os clubes para ser julgados na Avenida Minas Gerais. Montava-se um palanque oficial muito grande na praça do vigésimo aniversário, o prefeito, a secretaria de turismo, o seu Murilo Teixeira, grande animado da secretaria, convidava umas dez a quinze pessoas pra ser do júri e julgavam as escolas de samba e os blocos. Pra se ter idéia, quando uma escola de samba perdia quando achava que ia ganhar, era uma choradeira, era briga pra caramba. E na verdade depois as

escolas de samba faziam o julgamento dos blocos, e a cidade vinha toda pra rua, ficava lotada de pessoas assistindo desfile das escolas e dos blocos, que desfilavam e depois iam pro clube. Existia uma coisa muito bonita, que era no sábado e no domingo, quem tinha carro aberto saiam passeando pela Minas Gerais, dando uma volta na praça Serra Lima, entrava na Afonso Pena, virava na Peçanha, dava a volta na prefeitura e aquele cortejo de carro. Ia das 4 até as 7 da noite, cantando música de carnaval. Então o carnaval de Valadares, realmente, marcou época. Hoje não tem mais nada, na época de carnaval todo mundo vai pra Guarapari, Porto Seguro e acabou o carnaval.

**P:** E o Ilusão teve uma época que só ele mandava carro alegórico pra rua, até que tava muito caro e parou com isso, o Minas já não tava mandando...

**J:** O Minas não mandava mais, porque acontecia o seguinte, o Ilusão ganhava todos os carnavais. O Ilusão tinha um senhor que chamava Chico Melo, que já faleceu, ele era muito perfeccionista e era diretor social do Ilusão. Então o Garfo mais o Minas, em repúdio de não ganhar nenhum carnaval, parou de mandar carros alegóricos. Aí o Ilusão também não se interessou muito e parou. Mas na verdade a história é essa. O Ilusão era o favorito de todos os carnavais, faturava todos os prêmios.

**P:** E o Chico Melo depois foi pro Minas...

**J:** Ele foi decorador de muitos clubes. Mas mais festas, mais festas dentro do próprio Minas Clube, depois as diretorias foram mudando, a que entrava era mais desanimada que a outra. E aí começou novos clubes em Valadares, apareceu o Filadélfia, Valadares Country Clube, Aeté Clube, isso tudo foi tirando associados desses clubes, e a arrecadação dos clubes minguraram, como tá até hoje, e aí não houve mais condição financeira de se fazer carros alegóricos, até porque o carnaval de rua havia acabado.

**P:** Quando o Ilusão parou de fazer carros, logo depois ele ficou um época sem fazer bailes...

**J:** Só o Minas e o Garfo. Porque aí na verdade os clubes de Valadares começaram a fazer festas através de promoções de estudantes, por exemplo. A União Estudantil de Valadares realizava lá a rainha do estudante, as quartas-feiras, as domingueiras, o Ilusão tava sobrevivendo desses alugueis de festas terceirizados, ele mesmo não fazia grandes festas. Tanto que há muitos anos nenhum clube social faz festas deles, tudo hoje é terceirizado, o único que permanece fazendo algum tipo de promoção é o Filadélfia, que tem quase três mil associados. Eles conseguem se manter, os demais não. O Ilusão, por exemplo, não tem piscina. O Minas tem a sede campestre, mas é fora do centro da cidade e a sede social já está ultrapassada, o ambiente é quente, até hoje não climatizaram. O Ilusão fez isso, mas hoje é tipo uma empresa privada, vive de alugueis.

**P:** E o seu bloco, ele participou na época em que o Ilusão era o melhor?

**J:** Participou, foi na década de 70 até final de 80, o nosso bloco participava do Ilusão Esporte Clube. Muitos blocos participavam, eu não lembro agora os nomes, mas eram vários blocos, inclusive um dos blocos do Ilusão também era do Índio, do Índio's Bar, ele também tinha um bloco aqui bem animado. O Uti Pereira também tinha bloco animado, do Minas.

**P:** Eu vi que a UEGV era muito ativa em Valadares, e dava vários "gritos carnavalescos". O que que eram esses gritos?

**J:** Grito de carnaval, ou seja, antes do carnaval. Um mês mais ou menos, a UEGV fazia o grito, um baile de carnaval. E aqui tinha também a Beth, hoje mora em Santa Catarina, ela fazia também aqui o baile das máscaras, exatamente um mês antes do carnaval. Esse baile era sempre no Garfo, pra incentivar o carnaval, não deixar morrer. e desse baile sempre ia 150 a 200 pessoas. Era um festa fechada, que a pessoa dá uma certa contribuição e tinha comida e bebida de graça, era mais elitizado. Era muito bonito. A Beth foi secretária executiva da associação comercial nos anos 80.

**P:** E quando que você começou a ser colunista social?

**J:** Menina, tô com 46 anos de colunista social, comecei a escrever com 16 anos. Eu comecei a fazer coluna social estudantil, e eu fazia coluna policial, um dia faltou o colunista social, me colocaram e deu certo. No Diário do Rio Doce eu escrevi dezesseis anos ininterruptos. No diários de colunismo meu eu fiquei 21 anos, e agora eu voltei. Escrevi na Gazeta de Valadares, no Olho, no O Jovem, no Jornal de Periquito, na Força Jovem de Valadares, Força Nova, Correio Diário, aliás todos os jornais de Governador Valadares. Todos. E na verdade eu comecei em rádio com o programa "Júlio Avelar e as fofocas da Candinha", nos anos 70 que foi uma das experiências mais gostosa que eu tive. Foram um 12 anos no rádio, todo dia um programa de coluna social. A minha experiencia me levou inclusive a ser presidente da Funsec a Fundação a Serviço Educação e Cultura, que hoje é a Secretaria de Esporte, Lazer e Cultura. Foi quando eu criei o GV Folia, que chamava Carna GV, mais tarde foi o GV Folia. O GV Folia hoje não é mais da prefeitura, o prefeito José Bonifácio Mourão passou esse direito pra uma empresa privada, do Simãozinho, que ganha muito dinheiro com isso. Era pra prefeitura ganhar, mas deu de mão beijada.

**P:** E o Carna GV começou, mais ou menos, em qual ano?

**J:** Começou em 1995, com um bloco, eu coloquei 50 mil pessoas na rua. Chamava Micareme, porque era uma festa depois da sexta-feira da paixão, no sábado de aleluia, aí o padre Geraldo pediu "Micareme é um nome bíblico, muda esse nome", aí ficou Carna GV. Fizemos cinco anos, depois passou pro GV Folia.

**P:** E porque que o Micareme começou não no período de carnaval, mas depois da sexta-feira da paixão?

**J:** Porque as pessoas não ficavam em Valadares, não ficam até hoje. Na verdade ficam, viaja 20% da população, tanto se a prefeitura, penso o contrário, se eu hoje tivesse um cargo público, fui vereador 5 vezes, mas vereador não pode fazer isso, mas se eu fosse um secretário de cultura eu tentaria voltar com o carnaval em Valadares. Talvez não vá ter aquele grande carnaval, mas fazer pra quem fica, porque quem fica vai pra rua assistir, entendeu? Se você incentivasse, com uma ajuda, você ia dar a roupa e confeccionar a roupa pra bloco, criaria um baile com escola de samba nos bairros de Governador Valadares. Se você faz um baile no São Raimundo, você vai ter atender 22 bairros, 36 mil pessoas que moram lá. Se você faz um baile no Santa Rita, então poderia fazer e voltar com o carnaval. Eu acredito que é possível se alguém quiser fazer. Às vezes querem fazer um megashow, trazer um artista pra cantar, mas não é a verdadeira cultura brasileira, que é o carnaval de rua, de blocos caricatos. Os blocos caricatos eram pessoas que saiam na ruas fantasiados fazendo alguma crítica, que é o carnaval é época de fazer crítica aos políticos. Aqui tinha o Ivo de Tassis e o Arnóbio Pitanga, eles eram interessantíssimos. Tinha um prefeito em Valadares, que teve um mandato de dois anos,

nos quais choveu demais, ele chamava Sebastião Mendes Barros, e o Arnóbio Pitanga e o Ivo de Tassis saíram na rua vestidos de porco, chamou o porco de barrão, porque tinha barro na cidade. Uma grande crítica da época, e olha que era um homem muito bom, muito sério, mas eles eram uma dupla caricata. Tinha o carnaval da Baiana, era dona do carnaval, tinha uma escola de samba, a Bambas da Princesa. Tinha Milionários do Ritmo, Império de Lourdes e Bambas da Princesa. A Milionários era do Buti. A Império era do Antônio Paulino. Eles eram os donos das escolas de samba em Valadares. E o Buti ganhava todas. Dificilmente ele perdia, era ele e Antônio Paulino. A Baiana sempre perdia, aí chorava, falava que acabar com os dois. Mas os blocos eram maravilhosos. E o Chico Melo era o grande homem do carnaval em Valadares, porque ele que introduziu os carros alegóricos, praticamente. O Ilusão tinha mais dinheiro e tinha os carros mais bonitos, mais cheios de fantasia. O carnaval realmente era uma coisa de louco. As pessoas vinham de fora, quem tava em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória, vinham. Era muito bacana. E um dos grandes shows era o desfile dos carros alegóricos. E a zona boêmia era todos os carros alegóricos eram caminhonetes grandes, sem capota, um caminhão, e aí eles faziam uns balanços, umas cordas todas trançadas de flores, e as mulheres lá balançando só de maiô. E um fato interessante é que os homens levavam as mulheres pra casa e falavam que iam pra outro lugar, mas iam ver a zona, que só podia sair depois da meia-noite, era o último carro por questão de moral. E lá na boate da Dulce e da Rosinha, elas também faziam o carnaval delas lá na boate, como se fossem bailes. E o Bloco da Bola desfilou por 12 anos, o próprio clube fornecia as fantasias pra gente. Mandava a gente comprar, levava a nota fiscal e eles pagavam. Não queriam perder, né? A concorrência era muito sadia, muito bacana. Lança-perfume, nó, tinha de montão. Naquela época não tinha polícia federal aqui, então a gente usava e abusava.

**P:** E quando você era presidente da Funsec, como que você essa dupla função? Porque como colunista você sempre cobrava muito, coisas pra bairro...

**J:** Mas eu fiz isso. Assim que eu assumi a Funsec, eu fiz a quarta cultural, toda quarta-feira num bairro da cidade. Quatro dias antes eu mandava um carro de som perguntando "quem canta? quem faz poesia? quem faz arte?" então naquela quarta acontecia num bairro, começava às 7 da noite e ia até uma hora da manhã. Tinha painéis pra pintar, palco pra cantar, conjunto. A gente dava tudo. E uma quarta-feira por mês era na Açucareira, tinha dia de mil pessoas. a gente descobriu muito artista na época, tudo que eu cobrei, eu pus em prática. Mas quando eu saí, o governo que entrou acabou com tudo, porque achavam que se desse continuidade, tavam fazendo o meu nome. Tudo que eu prometi, eu fazia. O que falta aqui, é pessoa certa, no lugar certo. E também o que aconteceu aqui foi a não renovação das lideranças, quanto não tinha liberdade de expressão, surgiam muitos líderes, mas depois veio a liberdade de expressão e as lideranças não se renovaram. A Lira de noite era só de putaria, de dia era só da juventude, fazia carnaval, bailes, shows.

**P:** Já nos anos 90, várias vezes você pediu pros donos de bares da Bárbara Heliadora decorarem seus bares...

**J:** Era um point, lá já foi um point. Mas nessa época já tava morrendo já.

## Anexo 15- Entrevista com Laurilson Fabri

Data: 24.09.09

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado.

Ocupação: Contador.

**Pergunta:** Como que o senhor começou a participar do carnaval em Valadares?

**Laurilson:** Há 50 anos atrás, em 60 e poucos, com 14, 15 anos. Eu nasci carnavalesco. A família toda, os irmãos mais velhos. Nós tínhamos um bloco, chamado o Bloco dos Irmãos Fabri, o primeiro bloco de carnaval da cidade. E que com, sem falsa modéstia, com tradição. Com os irmãos nossos, eu sou o caçula. O mais velho, mas não o mais velho de todos, saiu uma vez sozinho, passou a mão num balde que tava largado do meu pai e saiu batendo aqueles trem no meio da rua e cantando. Era o Davidsson, chamado ele de Daivinho. O outro irmão mais velho, viu aquilo, tocava, era músico, toca saxofone, passou a mão no saxofone e foi acompanhando o outro irmão. Eu, pra não ficar pra trás, entrei na brincadeira também. e daí começou a fazer isso todo ano. A gente reunia, foi integrando mais gente ao bloco, Marinho de Moura que tocava baixo, da Lira Trinta de Janeiro, já falecido. O Expedito, um rapaz que batia frigideira... Eu não sei se eu vou lembrar de todo mundo porque foi muita gente. Mas esses daí praticamente foi a base do bloco. Essa época de carnaval era muito boa, carnaval de rua, fechava-se a Avenida Minas Gerais, a gente tinha liberdade pra tocar aí, e passou um tempo entrou também o Nonô Magalhães, com a mania de carregar a garrafa de cerveja na cabeça, fazia malabarismo e a garrafa não caía. Depois também veio o Arnóbio Pitanga, ele aderiu, ele fazia o carnaval só, só depois aderiu ao bloco. Foi crescendo esse movimento. Depois, quem mais, o Ivo de Tassis, pai desses meninos Tassis, o antigo, ele tinha uma concertina, concertina é uma acordeon pequeno de oito baixa, pequenininha, ele saía também conosco. De vez em quando aparecia um ou outro que gostava da brincadeira, Luiz Claro Pitanga, filho do Dr. Arnóbio, e outros que eu não vou lembrar de imediato que aderiam à essa brincadeira nossa. na época também era muito comum saía pessoas fantasiadas de gato, um pano branco fantasiado de gato e você não sabia se era moça ou se era homem que tava dentro da fantasia. segue o bloco, costumava chegar, e passar a mão no rosto da gente, e fazer aquela gracinha e a gente sem saber quem que era. Era essa a brincadeira. O carnaval era diferente de hoje. Era mais simples, era mais contato, o povo era mais conhecido, menos gente, menos pessoas. Então Valadares vinha muita gente de fora pra poder pular carnaval aqui. É isso aí, mais ou menos essa história que eu conheci do carnaval. Depois foi morrendo os irmão, eu tentei segurar isso, mas o sobrinhos não quiseram, então acabou acabando o bloco. Nessa época surgiu, não bem nessa época, alguns anos depois apareceu também o bloco dos Irmãos Cunha que era dos filhos do seu Iginô Cunha, o Messias, o Adão, Jorge, fizeram o bloco dos Irmãos Cunha. E começou a disputa entre nós, os Irmãos Fabri, e os Irmãos Cunha. Porque nós tínhamos a tradição de abrir o carnaval em Valadares. Então um ano eles falaram, nós tínhamos espião pra poder, chegou a notícia no nosso bloco de que eles iam sair no sábado de manhã, antes de começar o carnaval. Aí nós saímos sexta-feira de madrugada, meia-noite. Foi aquela gozação, a brincadeira era mais ou menos por aí. bem simples, era essa disputa velada, mas sem ofensa, também encontrava no meio da rua, juntava os dois blocos e saiam por aí. Recebia convite às vezes "entra aqui" e o outro "entra cá", e brincava o carnaval dessa forma. Eu não sei se você ia fazer outra pergunta, mas nessa época também houve um fluxo muito grande de participação dos clubes, havia os dois clubes, que ainda existem, que é o Ilusão e o Minas Clube, eles punham carros alegóricos, dois, três carros alegóricos. Saía carro do Ilusão, saía carro do Minas, depois a UEGV, que é a união



estudantil, também chegou a entrar nesse cortejo de promover o carnaval com carro alegórico e, por incrível que pareça, até o pessoal da boemia, de uma boate que tinha aqui, que a turma chamava da Tia Dulce, ela botou um carro alegórico também no carnaval em Valadares. Era uma serpente, com a boca aberta, com as meninas que trabalhavam lá na boate, todas muito bem vestidas e fantasiadas. Uma delas na boca da serpente, uma mulher muito bonita chamada Simone. Foi um sucesso, foi um auê. Você imagina isso naquela época, mas ela botou no meio da rua assim mesmo e foi muito aplaudido. Fazer o quê, já tá aí. E não havia nada demais também. Tinha as escolas de samba, a escola de samba da baiana, escola de samba do paulino, do Buti, do Bafo de bode, tinha mais algumas, mas essas eram as mais tradicionais. Todo ano saiam desfilando na avenida. Havia muitos locais de parar em barzinho, os gritos, né, além do Ilusão e do Minas, tinha a Lira Trinta de Janeiro, tinha a da rua Belo Horizonte, tinha a Cosmopolitana, que tinha mica. A economia forte de Valadares era a mica, e tinha um salão grande, quando era época de carnaval eles esvaziavam o salão e botavam. Tinha o Goval, e foram acabando, foram sumindo e nós não vemos mais carnaval em Valadares. Esse GV Folia não se pode considerar propriamente como um carnaval.

**P:** Aí o bloco começou chamando Irmãos Fabri e depois virou só "Bloco dos Fabri", como que foi essa mudança?

**L:** Eramos nós três, os três irmãos. mas foi aderindo mais gente, que gostou da brincadeira, então ficou ao invés de ficar Irmãos Fabri, ficou Bloco dos Fabri. "Vamo sair no Bloco dos Fabri", e ficou foi por isso. Agora quando precisamente a gente não tem essa idéia. Nós nos reuníamos no escritório de contabilidade desse meu irmão mais velho, o Tênisson, ele tocava saxofone. Eu tocava tambor, comecei a aprender a tocar saxofone também, mas depois parei. E nós tínhamos o escritório de contabilidade na esquina da Barão do Rio Branco com a Bárbara Heliodora. Então na época de carnaval fechava-se o escritório porque ninguém ia ter condições de mexer com o serviço. Eram as férias nossas. As mulheres iam pra praia na época das férias, mas no carnaval a gente já casava com essa ressalva na certidão de casamento "observação: carnaval não tem jeito de deixar de ir". Então a gente encontrava todo mundo lá, chamava de quartel general lá no escritório e ali a gente tomava uma cerveja, fazia tira gosto na casa do meu irmão, e ia afinar os instrumentos. Tomava uma pra afinar os instrumentos. Depois saía pra rua, pra Avenida.

**P:** E nesse aquecimento ia juntando mais gente?

**L:** Foi aparecendo, né? Chegava um, chegava outro, perguntava se podia aderir. A gente tinha umas normas, normas veladas. Por exemplo, era clube do Bolinha, meninas não entram. A gente não permitia nem as esposas acompanharem a gente, pra evitar um atrito, uma desavença. Porque sempre tem alguém inconveniente e podia acontecer alguma coisa de, sei lá, a gente não gostava que entrasse mulher no bloco. Nunca entrou. E tinha também o cara tinha que saber beber. Podia ir, mas tinha que ter um certo comportamento, porque nunca tivemos nenhum atrito, nenhuma decepção, porque a turma era se chamava atenção ele sabia obedecer "vamo embora, vamo parar, vamo fazer isso". Era uma moçada muito boa, muita saudade.

**P:** E quando o carnaval já tava mais acabando, o Bloco dos Fabri, teve alguns anos que ele visitou asilo, tentou visitar a cadeia, mas não conseguiu. como que surgiu essa idéia?

**L:** Essa idéia foi o seguinte. O meu irmão, o Tênisson, que era o saxofonista, ele foi presidente da Lira Trinta de Janeiro por muitos anos, e nós, na época, por idéia nossa, nós

lançamos a Banda na Praça. Então cada domingo a banda da Lira passou a atuar na praça Serra Lima, na praça de um bairro, de outro, aí surgiu essa idéia da gente, uma parte do pessoal da Lira participava no bloco também. Os músicos iam com a gente, pra dar um reforço. então a gente começou a querer fazer esse trabalho em asilo, na casa dos velhinhos. na cadeia, infelizmente, na época, não havia segurança suficiente para que se fizesse esse trabalho. Depois nós passamos a Lira a dar aula de música graciosamente, começou a renovar, hoje você pode ver que só tem garoto, só rapazola, só moça nova, não aquela velhadara. Foi morrendo e o grande passo foi a escola de música lá dentro. O bloco se confundia com isso em decorrência do meu irmão ser presidente da Lira, às vezes fazia até uma certa confusão. "Ah, é a banda? Ah é o bloco?". Mas não era essa a intenção. A intenção era divulgar a divina arte e em seguida a gente também se dirigia porque é gostoso demais, é uma coisa maravilhosa, é o que se fala mais perto de Deus.

**P:** E o senhor Arnóbio Pitanga, todo ano ele fazia sátira de alguma coisa. Vocês também faziam?

**L:** Fazia-se muito com política. Política que sempre foi e é o tema mais eletrizante pra você satirizar, porque todo mundo conhece política, todo mundo sabe de política. Brasileiro sabe de futebol e política sabe um pouco. Então a gente costumava sair com algumas caricaturas, com alguma coisa, fazendo alguma brincadeira. O Arnóbio sempre caracterizou alguma coisa também. E toda vez que a gente passava lá, era caminho a casa dele, ele tava sempre fantasiado satirizando alguém ou alguma coisa. A mais famosa sátira que nós fizemos foi quando Valadares fez 25 anos, nós saímos com uma cabritinha preta com uma cora, cheia de colar, puxando um carrinho. E na época eram vários candidatos à presidência da república. o Juscelino, o Jânio Quadros, Ademar de Barros. Então nós fizemos cada, cada um se vestiu de um dos candidatos, tentamos aproximar como um dos candidatos da época e nós fizemos uma paródia da música em homenagem a Governador Valadares. O original era Aurora, utilizou a música da aurora pra fazer uma homenagem a Valadares. Eu não sei se eu vou lembrar.

*Se fosse dureza, ô ô ô Princesa  
Veja só que realeza, ô ô ô Princesa  
A linda prefeitura com o prefeito trabalhador  
Ar refrigerado para os vereadores  
Figueira, antigo nome  
Do tempo da dureza  
Ô ô ô Princesa*

Porque coincidentemente na época também tinha inaugurado a Câmara Municipal, então foi novidade, toda cheia de ar condicionado. não existia isso, então aproveitou, fizemos essa paródia. Essa foi a mais marcante na história do bloco foi nesse ano em que Valadares fez 25 anos. Inclusive nós fomos até homenageados na praça. No resto era normal, todo carnaval saía-se com alguma coisa, pegava-se alguma música para satirizar aquilo que a gente tava querendo. Sempre fazia-se uma adaptação, mas essa foi a mais marcante.

**P:** E vários blocos como escolas de samba costumavam ter auxílio da prefeitura. Como que era a relação do Blocos dos Fabri nesse sentido?

**L:** Nós nunca tivemos auxílio da prefeitura não, nós mesmos é que fazíamos a nossa brincadeira. Porque primeiro pra você ter um auxílio da prefeitura, você teria que ter um registro criar igual uma escola de samba, que tem um estatuto, e essa não era nossa intenção.

Nós gostávamos era da brincadeira mesmo, a gente saía por brincar. Quando no muito fazia uma vaquinha nós mesmo pra comprar a cerveja, pra comprar o que fosse, mas a gente mesmo bancava. O gostoso era a brincadeira, a felicidade era brincar os quatro dias de carnaval.

**P:** Mas como que vocês vinham essa relação que se a prefeitura não ajudasse o carnaval tinha a tendência a murchar?

**L:** Foi isso que aconteceu. Foi a falta de auxílio, a falta de apoio porque um carro alegórico não fica barato, o clube o próprio clube bancava, mas depois foi ficando mais difícil, a prefeitura não colaborava, como sempre o governo nunca tem dinheiro, aí foi acabando. Apagou um pouco a vela. foi chegando ao final e pronto. A gente ainda tentou sobreviver a isso, mas também foi morrendo mais gente, os mais velhos, foi perdendo e acabou. O trabalho que tinha, não tinha suporte financeiro pra fazer, não tinha apoio, começaram a proibir que não podia usar a Avenida, que o tráfico também tava começando a aumentar, a gente já passou a ter que desfilar fora dali, ou seja, já não era a mesma coisa, porque o público ficava era na Avenida. foi acabando, acabando. Falta de apoio político. Isso aí é a verdade.

**P:** E quando vocês não podiam desfilar na avenida, vocês desfilavam onde?

**L:** Aonde podia, saía do jeito que fosse, mas deixar de sair a gente não deixava não. ia pelas calçadas, né? E de modo geral o povo conhecia a gente, o povo da Avenida, o povo da cidade conhecia. a nossa família toda, nós fomos nascidos e criados aqui em Valadares, é com muito orgulho que eu vou falar, não é o assunto, mas a minha mãe foi a primeira professora normalista daqui. Tem até uma homenagem de um grupo chamado Laura Fabri, Dona Laurinha, que chamava. Então você vê, teve lona quase. Então a gente conhecia, todo mundo conhecia. A maioria do pessoal, por exemplo, de bares chamavam a gente sempre, pediam pra tocar ali, a gente ficava um pouco e saía. Aí chamavam do outro lado, não podia desfilar pela ruas, pra não atrapalhar a gente ia pelas calçadas, a gente ia de qualquer jeito. Teve uma época interessante que o Heráclito, um músico também, saxofonista, ele quebrou a pernas nas vésperas do carnaval. Aí a gente arranjou uma caminhonete e nós saímos com o bloco em cima da caminhonete, porque ele tava de perna quebrada, mas não deixamos de brincar no nosso carnaval não. E tinha uma particularidade, depois que o bloco voltava pra casa, mais ou menos 7, 8 horas da noite, a gente ainda ia levar as mulheres pros bailes de carnaval, porque elas também tinham direito, já que não iam no bloco. E a gente nem descansava nos quatro dias não, carnaval, carnaval e carnaval.

**P:** Vocês iam para os clubes?

**L:** Claro, depois da vinda do bloco pra casa, vamo pro clube levar as madames.

**P:** E como que era nos clubes?

**L:** Era diferente do que se vê hoje. Era mais tranqüilo, houve uma época em que havia o uso da lança-perfume, depois proibiram, pra mim no clube era um carnaval mais tranqüilo. Cada um se vestia fantasiava do jeito que pudesse, ou então não fantasiava. Mas pulava no salão, normalmente em roda, nós pulávamos, ficava com o outro. era quase uma família, quase todo mundo conhecia todo mundo. Era mais uma brincadeira mesmo, era sadio, muito sadio. Não se falava muito em drogas naquela época, o máximo que acontecia as vezes era uma maconha pra quem gostava. E tinha gente de bem, vamos dizer entre aspas, a gente mesmo afastava a

turma do convívio, era só descobrir a gente já saía fora sem ofender, sem nada. A pessoa não tinha muito ambiente, hoje não que tá essa devassidão de drogas, até dentro da igreja tá tendo droga. mas naquela época era mais, a gente brincava.

**P:** E depois dessa folia toda nos quatro dias, como era trabalhar na quarta-feira de cinzas?

**L:** Não trabalhava, na quarta-feira não. Era um dia de descanso do bloco. E muito Engov, na época tinha, acho que ainda tem pra curar a ressaca e água de coco. Água tônica, na época também não era muito comum, era água tônica e na quarta-feira a cabeça tava estourando, tava cansado, ficava em casa mesmo. Era assim que a gente fazia.

**P:** E quando entrou a ditadura militar, logo em seguida vieram várias crises econômicas. Isso afetava de alguma forma o bloco de vocês?

**L:** Não, definitivamente. É como eu tô te falando, nós na época da ditadura paramos de fazer algumas sátiras, porque era, inclusive perigoso. Por causa da censura. Então pra evitar isso nós saíamos fantasiados de nós mesmos. Então nós não vamos mexer com nada, mas vamos fazer a nossa brincadeira. Não havia nada que proibisse isso. E as músicas que era tocadas eram marchinhas de carnaval, da Emilinha, né? De 50, antes até, 40 e tantos, foi uma época do quadrismo, teve o ápice dessas marchinhas desses sambinhas curtos, então a ditadura não tomou muito conhecimento dessa história não. Pra evitar problemas a gente não satirizava nada nem ninguém, mas a brincadeira tinha que continuar. Tinha, evidentemente, menos gente na rua. Teve uma época que teve até toque de recolher, 10 horas em casa, mas a turma ia no máximo até as 7 horas da noite. Saía cedo, e voltava essa hora.

**P:** Mas quando tinha toque de recolher, como é que os clubes faziam?

**L:** Era 10 horas na rua, parava tem que parar, era ordem da polícia, então... Mas isso foi só um ano, acredito. Que houve isso assim mais sério, não sei se foi na época do Castelo Branco, quando entrou, ele era a linha dura da linha dura, era a linha dura da ditadura. Então houve, mas isso foi só um ano. Começava mais cedo e terminava na hora que mandasse.

**P:** E quando teve a enchente de 79 a cidade tava arrasada, com muita gente desabrigada. Atrapalhou vocês?

**L:** Do mesmo jeito. Eu, inclusive, sou vítima da enchente, eu morava na Ilha e entrou, tomou conta daquilo. Eu fui pra casa do meu pai, mas a brincadeira do carnaval faz bem pro espírito e pra alma. Então isso era até uma forma de você esquecer aquelas intempéries que estava acontecendo na cidade. Mas carnaval é carnaval, quem gosta gosta e acabou. Passa, é bom que distrai.

**P:** E o senhor chegou a pegar de 64, quando logo ou antes tava tendo uma guerra entre fazendeiros e lavradores?

**L:** Cheguei. Mas isso não afetou também não. Porque o carnaval veio antes dessa confusão, a coisa só esquentou eu maio. O carnaval em fevereiro, havia esse conflito, mas ainda era velado. Não era aquele troço assim, só veio mesmo a pegar fogo, acontecer o que aconteceu aqui em Valadares, foi em maio. Depois do grito da mulher da boca aberta, um atrito que houve entre o Chicão e os fazendeiros do bairro Santa Teresinha, prisões de várias pessoas tidas como comunistas. Mas isso foi depois do carnaval, que foi antes da história toda. E no

ano seguinte veio a acontecer do mesmo jeito, porque essa confusão, essa revolução, ela foi muito rápida. Ela não ficou toda vida brigando, levou dois três meses depois voltou a normalidade entre aspas, mas num tava mais saindo por aí matando os outros, prendendo, a história teve aquele ápice. E o carnaval no ano seguinte aconteceu do mesmo jeito, pelo menos pra nós.

**P:** E o senhor acha que um dos motivos que contribuíram pra acabar com o carnaval nesse modelo que vocês conheceram foi o surgimento do trio elétrico?

**L:** Não. Foi a falta de apoio financeiro dos órgãos competentes. Não houve, determinar qual seria o único órgão, no meu ver a prefeitura deveria ser a principal responsável, que deveria ter abraçado isso com mais carinho, visto com outros olhos. Porque o carnaval trazia muita gente de fora, muita gente mesmo, a cidade virava um verdadeiro tumulto de pessoas que vinham assistir o carnaval em Valadares. Era muito bom, era muito animado, então eu acho que faltou essa visão dos dirigentes da época em manter isso, em reavivar, em manter a tradição, que poderia tá até hoje como um carnaval que nem o Rio de Janeiro, como são paulo e outras cidades do interior. Ouro Preto é um exemplo, tá lá o carnaval de rua, os blocos caricatos, quer dizer, se nós tivéssemos tido um apoio. Nós que eu falo os carnavalescos, tido um apoio, um suporte financeiro, eu acredito que até hoje teria esse carnaval de rua aí famoso. O trio elétrico entraria nisso, ocuparia o espaço dele no carnaval. Não é o fato do trio elétrico ter acabando, lógico que um músico ao vivo não pode competir com o trio elétrico, que é uma instrumental muito mais forte. Mas isso é espaço, cada um no seu momento, e atenderia as pessoas que gostavam dos blocos mais simples promoveriam também, bateriam palmas. Continuo batendo na tecla, acho que a prefeitura, ou na época quem estava no departamento de sei lá, não teve essa visão futurística de que se poderia manter um carnaval em Governador Valadares do nível que vinha sendo.

**P:** E pra quem viu Valadares com esse glamour todo e esse carnaval como que é enxergar hoje?

**L:** Não tem explicação. É uma tristeza minha, uma dor no coração, você vê os valadarenses saindo daqui, indo pra fora, pra praia, pra outro lugar, porque não tem o que fazer, a cidade até mesmo no carnaval é deserta. Esse GV Folia foi uma válvula de escape de se fazer alguma brincadeira pro povo, mas você vê o seguinte. Não estou contra não, veja bem, mas você vê a maioria que frequenta o GV Folia são jovens. É de uma era que não conheceu esse tipo de carnaval da nossa época. Eles já nasceram numa época que ou estava acabando, ou já tinha acabado. Então o que eles conhecem é esse tipo de carnaval, chamar assim. Mas não é aquele carnaval que você, tradicional que você brincava, que você jogava confete, serpentina, evidentemente que foi cortado o lança-perfume, mas na época tinha o lança-perfume. É uma brincadeira diferente, totalmente diferente. Muito mais tranquilo. É isso.

## Anexo 16- Entrevista com Márcio e Isabel Pereira

Data: 06.10.09.

Local da entrevista: Restaurante do filho do casal.

Ocupação: Empresários.

**Pergunta:** Como começou a Figueira Samba Comigo?

**Márcio:** Na verdade começou com a dona Helga Resende, a primeira-dama, que quis fazer uma escola de samba, e convidou algumas pessoas aí. Nós participamos de uma reunião. E começou o movimento da escola, todo mundo gostou da idéia e fomos tocando, sem intenção política nem nada, como nós somos até hoje. Então foi fácil, a gente começou a reunir algumas pessoas, a pedir instrumento, doação, e começou a aparecer.

**P:** O Buti, obviamente foi parcial, mas ele falou que por ser uma escola criada pela primeira-dama, ele sentiu que tava entrando na avenida só pra sambar, porque sabia que ia perder. De fato a Figueira ganhou, então não teve nada combinado não?

**Isabel:** A verba que a gente recebia era igual a que eles recebiam. Nós tínhamos o diferencial que nós pegamos um grupo de amigos, que tinham blocos antigos e formamos as alas. Então nós tínhamos pessoas que podiam bancar a fantasia, não dependiam só do poder público, como acontecia com as outras escolas. Então a gente já tinha uma experiencia de bloco que era o Mustangue, a gente ia pro Rio, a gente tinha desenhista, e sabia onde comprar tudo em preço mais em conta, na rua da alfândega. E juntou a cacilda, que era a dona da Mabelle Boutique, então tudo contribuiu, foi o diferencial que nós entramos com coisas de bom gosto. Isso também fala com pessoas com poder aquisitivo.

**P:** E em relação à escola. Quantos figurantes tinha? Como fazia a divisão de alas?

**I:** A escola era muito pequena. Era 300, 400 pessoas, não era uma escola grande, não.

**M:** Mas só voltando um pouquinho, na verdade a escola foi criada realmente, tinha uma finalidade política. Mas nós que ficamos à frente, que assumimos, a gente não tinha intenções políticas, o que foi uma surpresa para os políticos, porque a gente tinha um movimento muito bom, a gente mexia com muita gente. Foi uma surpresa pra eles. Pra gente aquele negócio tinha um sentido, se eles tinham um sentido político, não colou com a gente. Então no início a figueira realmente tinha intenções políticas, fundada pela primeira-dama, mas conosco não teve esse problema. Até porque a gente já tinha experiência na época, cada um da diretoria nossa, todo mundo tinha seu emprego, seus negócios, e cada um tirava o seu tempo pra fazer aquilo porque realmente gostava, trabalhava, fechava as empresas, deixava seus afazer para ficar até altas horas da noite mexendo, as vezes bordando, fazendo carro alegórico, era doideira. Mas na época era muito interessante, muito gratificante pra gente.

**P:** E como vocês montaram a bateria, vocês tinham integrantes do grupos que tocavam? Porque nas outras escolas a bateria sempre vinha do morro. Como vocês fizeram isso?

**M:** A nossa também era, a participação do povo na nossa era total. A gente tinha uma ligação que "a escola era dali, ou a escola é de lá". Não, a escola era de Valadares. Então a gente tinha ligação com um mestre de bateria, o tricolino, ele era moambo, já mexia com escola de

samba, então ele chamava o povo. Então ia aparecendo, ensinando o pessoal mais novo a tocar, e aí foi formando, tinha umas 100 pessoas, era uma bateria grande.

**I:** Quase que a escola de samba inteira.

**M:** Mas era muito bom aqueles ensaios, fazer os ensaios. A gente ficava em locais variados pra chamar mais pessoas da nossa cidade, cada semana era num lugar, era muito diferente. E os instrumentos, como nós angariamos isso? Não tinha dinheiro pra comprar nada. Então o Chumbinho, um integrante do nosso grupo, ele pedia todos os amigos dele. Ele pedia "me dá um bumbo, me dá uma matraca, me dá um tamborim". Então ele ia pedindo e cada amigo dele tinha que dar um tambor. Então a gente ia na casa monteiro e falava "fulano de tal mandou pegar", a gente soltava o bilhete e mandava receber do outro cara. Então foi formando assim. Rapidamente nós formamos a bateria. Depois tinha que fazer as peças de reposição, porque estragava nos ensaios, aí a gente usava a verba da prefeitura pra fazer. Antes a gente doação, a gente não comprava os instrumentos. Então foi uma participação muito boa, tanto do povo que saía com a gente, quanto da sociedade. A escola foi feita com duplo sentido. Como ninguém envolvido tinha finalidade política, então o povo aceitou fazer doação, e saía na escola. E principalmente a gente fazia as alas, a gente tinha o figurino "a ala tal tem tal figurino, a ala tal tem tal figurino". Então nós falávamos pra pessoas, e cada um confeccionava sua fantasia por fora. No dia tinha que vir com a fantasia pronta. Do povo que não tinha poder aquisitivo, as bailarinas, tinha um tanto de ala só de povão mesmo, aí a gente fazia. A gente reunia na casa da gente, falava que era o barração, então as sambistas, bailarinas, destaques, esse povo todo ia pra casa da gente e a gente ficava todo mundo costurando, bordando paetê, a gente ficava até altas horas, uma, duas, três horas da madrugada. Então era aquela bagunça na casa da gente, todo mundo participando, cada dia era numa casa, conseguia o material no Rio e levava pra casa da gente. Inventando aqueles adereços que a gente não tinha dinheiro pra comprar, então a gente ia montar, aquele sutiã pequenininho, a gente mesmo montava, torcia o arame. Aqueles enfeites de cabeça, então foi uma participação muito boa.

**P:** Em 83 vocês ganharam e dividiram o prêmio com as outras escolas pra incentivar. Isso aconteceu mesmo?

**M:** Certo. A gente ia participando, todo ano que a gente saía, a gente já sabia que ia ganhar. Por que não tinha jeito, a competição a gente tinha o pessoal de poder aquisitivo que ajudava, e as outras escolas não tinham. Então a gente, quando chegava na hora do desfile dos jurados, lógico que a gente tinha mais beleza. Então nós falamos "a gente não quer participar pra concorrer, a gente quer participar pela beleza". Então deixa o pessoal sentir que era assim. Até foi uma das coisas que foi acabando, a gente competia, mas quando fica muito diferente, um falava "não vou sair mais". Quer sair, mas quer ganhar.

**I:** Até porque, querendo ou não, quem quer sair, quer sair bonito. Pra ganhar. Tudo que os outros ganhavam de verba, a gente ganhava, mas no nosso tinha os outros blocos, que não tinham mais o carnaval de clube, eles se juntavam com a gente e faziam as fantasias.

**P:** Você falando que os blocos se juntaram. Quando eu conversei com o Carlos Thébit, ele falou que o Batuque ingressou...

**I:** Isso, Batuque, Mustangues, Kaaba não. Tinha o Ivaldo que era do nosso grupo.

**M:** O pessoal que saía no carnaval de clube, passou a sair na Figueira naquela época. Já tinha a turma formada, então eles faziam a fantasia e iam, como fariam se fosse pro bloco, ia pra escola e formava uma ala.

**P:** Mas quando os desfiles atrasavam, vocês chegavam atrasados no clube?

**I:** Mas carnaval não tem hora de acabar, não. Mas também nem todo mundo saía na escola.

**M:** Fazia parte. O pessoal do clube iam mais direto pro clube, nós que estávamos nas alas que íamos primeiro pra Avenida. E antes pra angariar dinheiro a gente fazia uma festa, um churrasco, reunia e fazia uma feijoada, cobrava ingresso. Então a gente tinha um diferencial grande na época. Mas o importante mesmo é a participação das outras escolas, porque sair sozinho seria muito ruim, então essa participação dessas outras escolas, a gente procurava sempre conversar, mesmo sendo concorrente, mas a gente fazia reunião quando tava chegando o carnaval pra acertar as coisas.

**P:** Teve um ano que deu uma confusão com gays, que teve escola que rejeitou, e a Figueira aceitou a participação deles. Teve algum ano antes disso ou esse ano que começou?

**M:** Acho que eles já desfilavam, né? Só que nesse ano a participação foi maior, uma adesão maior. Houve esse movimento, mas eles ajudavam muito.

**I:** E eles eram muito criativos, muito cuidadosos. Aí o pessoal olhava e pensava "nossa, isso deve ter vindo do Rio de Janeiro".

**M:** A gente fazia tudo, esses trem de cabeça tudo.

**P:** Mas vocês tiveram que aprender como fazer?

**M:** A gente aprendeu na marra.

**I:** A gente olhava os desfiles das escolas de samba, tirava foto, ficava olhando, pra ver o que a gente podia fazer de melhor.

**M:** Isso tudo que você tá vendo aqui, a gente que fazia. E o pessoal depois pensava que vinha do rio. a gente confirmava. A gente deixava eles pensarem, desmentir pra que?

**I:** Tem um caso muito engraçado . Tinha uma moça chamada Vera, maravilhosa, ela era stripper em Vitória, e todo carnaval ela vinha pra cá. E teve uma moça que trouxe um suíço pra passar o carnaval no Brasil, tava no Rio de Janeiro e trouxe ele pra cá, coitado, quanta diferença, mas ele acabou casando com essa moça. Hoje tão lá na Suíça.

**P:** Teve muita história engraçada nessas preparações pro carnaval?

**I:** Teve o meu pintor que, quando nós fomos descobrir, ele era traficante de drogas. E o meu vigia era o maior ladrão de bicicletas. O vigia era ladrão. Mas nunca sumiu nada da minha casa não.

**P:** Na última vez que vocês saíram, vocês fizeram um apelo pros valadareses ficarem em Valadares. Como surgiu essa idéia?



**M:** A gente distribuía a letra na rua, pro povo cantar. Na última vez que a gente saiu, a gente pensou "o que que nós vamos fazer pra não acabar?". O povo tava parando de sair, a preocupação mesmo pro povo voltar. Como o povo não tinha incentivo pra continuar, a chama ia apagando. Foi uma pena.

**P:** E quando acabou, vocês pararam porque não sentiam apoio da comunidade e tinham uma diferença ideológica das outras escolas. Era isso mesmo ou por que que acabou?

**M:** Acabou porque acabou. Porque o carnaval acabou. Todo mundo de Valadares vai pra praia, não tinha mais ninguém pra ficar vendo, a gente tinha dificuldade até pra ver as alas. Quem ficava nem tinha grana pra fazer as alas. O carnaval acabou e não volta, não tem carnaval de rua, nem de clube. Acabou. Foi declinando, nós paramos de fazer porque sentimos isso. O nossos componentes, a chama foi acabando. Não houve nenhum motivo determinante. O pessoal foi embora pra praia. Como acabou o carnaval de clube, que era ótimo, porque o pessoal não passa o carnaval aqui, vão pra ria. E hoje o carnaval em Minas e no Brasil são pontilhados, são alguns lugares que tem. Pontos locais, grande carnaval do Rio, Nordeste tem Salvador, Recife, Olinda, o restante virou show agora.

## Anexo 17- Entrevista com Moacir Marques

Data: 02.09.09

Local da entrevista: Local de trabalho do entrevistado.

Ocupação: Radialista.

**Pergunta:** Como que o senhor começou a se envolver com o carnaval em Valadares?

**Moacir:** É um prazer muito grande ter você aqui no meu horário para falar do carnaval do passado, porque hoje Valadares não tem carnaval, tem um circuito fechado que toma o dinheiro dos outros pagando caro, pagando 500, 600 reais por um tal de abadá, pano simples, que a gente usa e não vale mais nada. Antigamente carnaval era festa e era para o povão, aí vinha todo mundo, vinha povo do morro, dos bairros humildes, com as suas fantasias e brincavam o carnaval bem melhor do que o de hoje. Porque hoje não existe carnaval em Valadares, existe um circuito fechado que se chama GV Folia.

**P:** Como que era o carnaval de rua de antigamente?

**M:** Na realidade eu cheguei a pegar bons carnavais de Valadares, eu comecei em 72 com várias escolas de samba, a Bate Papo, Império de Lourdes, a Bambas da Princesa, a Unidos do Morro, do saudoso Manoelão, do morro do Carapina, tinha a famosa escola de samba do Buti, Milionários do Ritmo, que tinha mais de 2 mil componentes e por aí se iam. Treinavam, ensaio por exemplo, se o carnaval era em fevereiro, eles começavam a ensaiar no final do ano, um ano antes. E aí o pau comia.

**P:** E o senhor já fazia cobertura de rádio?

**M:** Já fazia. Eu tive uma oportunidade, porque eu, na verdade, comecei no rádio como operador de som, aí passei a ser repórter policial porque mataram dois repórteres daqui e a saudosa Maria da Conceição Botelho me escalou que fosse ser repórter policial. Eu comecei como repórter policial. Mas era muito difícil, matavam, uma época perigosa. Então estamos no rádio até hoje, mas sempre respeitando todo mundo.

**P:** E na época de carnaval, como que era a cobertura?

**M:** A cobertura a gente levava a emissora para o centro da cidade com a ilha de som. Hoje é tão fácil, hoje você comunica através do celular, através de um microfone desse tamaninho assim. O microfone antigamente nosso era desse tamanho assim, mais ou menos, quase 30 cm de gravador. Aí carregava aquele peso, e saía pelas ruas da cidade gravando e aí tinha microfone pra fazer as transmissões no Minas, no Ilusão, na Lira Trinta de Janeiro, na Cosmopolitana, no Ilusão, no Garfo, na Lira, ali o primeiro carnaval de locutor quem fez foi eu, desde bordoadas. Foi muito bom.

**P:** E teve uma vez que a escola de samba Rosas da Vila, cuja maioria de integrantes era gay, eles homenagearam o senhor...

**M:** Não, esse negócio de gay não. O que eu recebi foi outra homenagem, eu recebia homenagem de todas as escolas de samba da cidade como o melhor, não digo que eu era o melhor, mas por um lado eu trabalhava mais, os outros tavam dormindo, eu tava trabalhando.

Eu fui homenageado pelo Milionários do Ritmo, pela Bambas da Princesa, pela escola de samba dos ricos. Depois que acabou o carnaval, porque os ricos, médicos, advogados, engenheiros, doutores e as empresas aí pegaram todo o dinheiro que era dessa escola de samba, que era a escola de samba dos ricos. Aí os pobres querendo ganhar dinheiro, aí o baterista lá, que batia surdo, ele queria passar pra cá. Teve também a escola de samba Bafo de Bode, que era dos comerciantes do Mercado Municipal, que encarava mais ou menos a escola de samba do Antônio Paulino e do Buti. Mas aí quando chegou a escola de samba dos ricos foi o que acabou com o carnaval em Valadares.

**P:** Essa era a Figueira Samba Comigo?

**M:** Figueira Samba Comigo. Muito bem. Do meu querido Massoca, e da Isabel. São pessoa extraordinárias que começaram o carnaval em Valadares com a Figueira Samba Comigo. E aí era escola de samba de luxo. O que tinha no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, tinha aqui em Valadares também.

**P:** Mas as outras escolas não tinham condições...

**M:** Não tinham condições. Os outros é banda de Mercado, banda de segunda categoria, verdade. Mas foi muito bom.

**P:** Mas a escola Rosas da Vila sempre falou que o senhor defendia a participação deles...

**M:** Eu sempre defendi todo mundo. Eu sou um repórter que sempre defendia, eu nasci para defender o povo, principalmente os menos favorecidos pela vida. Porque no pobre, minha filha, todo mundo quer bater. Nos ricos não existe ladrão, existe desviador, desvia uma verba, ele não é ladrão, ele desviou uma verba. Se eu roubar uma galinha, Moacir Marques é ladrão, e eu vou pro pau, chega lá dá um cacete. Eu não conheço justiça, a justiça é uma teia de aranha que só pega os pequenos insetos. Por exemplo, vem o mosquito fica preso na teia de aranha ele para lá, mas se vier um besouro, o maior passa direto. E a realidade é essa.

**P:** E quando o carnaval tava acabando o jornal disse que o senhor era o único que tava tentando mobilizar a população a se interessar pelo carnaval. O senhor tinha um programa...

**M:** É, de segunda a sexta era de 5 as 6 da tarde. a gente só tocava música de carnaval, mas quando a gente não tem a força financeiramente, não adianta nada. Ninguém acredita na gente, e foi uma tristeza muito grande porque quem já viu carnaval aqui em Valadares igual eu, seu pai já viu, pergunta ele, de mais de 50 mil pessoas aqui na Minas Gerais até lá na antiga onde tem o mergulhão hoje, ali tinha uma corda de isolamento de um lado e do outro, de tanta gente que não podia passar. pessoa tinha que ver as escolas de samba passar pra ver. Geralmente as escolas saíam dali da rua Sete de Setembro com Avenida Minas Gerais e iam pro centro da cidade. O nosso saudoso Hermírio Gomes da Silva, que foi um baluarte do carnaval em Governador Valadares, mas depois disso tiveram outros prefeitos que na realidade acabaram com o carnaval na nossa cidade, não sabemos o porque, por qual razão, ou se tiveram razão ou se não tem.

**P:** E as próprias rádios, a partir da década de 80 não estavam mais recebendo músicas de carnaval...

**M:** É verdade se tocavam mais as músicas antigas e dali pra os baús da discoteca antiga, se

pegava os lps de vinil e fazia o carnaval, mas na minha época, que eu era jovem, não deixou o carnaval morrer. Eu fui um dos lutadores, juntamente com o Antônio Paulino, o Buti, o saudoso Manoelão, a Baiana, e sempre contando com o apoio de um grande administrador que teve aqui que se chamava Hermírio Gomes da Silva, que era o primeiro a sair e o último a deixar o palanque da Minas Gerais. Juntamente com sua esposa dona Lídia, o Dr. Hermírio faleceu parece que pouco tempo. O carnaval já foi bom, as melhores escolas de samba da região eram daqui, vinham de longe pra participar do nosso carnaval. E tinha também o carnaval da zona, da boemia, tinha a Rosinha, que tinha a melhor boate da boemia, na época, que ficava na Israel Pinheiro, esquina com rua 50, logo em seguida tinha a boate da Dulce, Dulcelina Maria de Jesus, já falecida, e tinha também a parte dos pobres, que também não deixavam de participar do carnaval, o local denominado Torresmo. Eu me lembro que saíram com um caminhão enfeitado cheio de bambu e mulheres à vontade, em trajes mais simples que hoje, você vê hoje muita mulher andando em trajes na rua que nem as mulheres da zona andavam naquele tempo. Quando o Hermírio lançou o carnaval aqui, o Buti contratou uma mulher do Rio de Janeiro pra sambar aqui, mas a mulher rancou o sutiã e jogou o peito pra fora, e aquilo foi o maior vexame do mundo. O pessoal achou que o mundo tava acabando. E a mulecada toda aí e o carnaval continuando do mesmo jeito. E o pau comeu.

**P:** Fizeram ela vestir de novo?

**M:** Teve que vestir de novo. Você faça essa idéia, uma ignorância dessas, porque o corpo da mulher é a coisa mais bonita que tem, o homem tem que valorizar o corpo da mulher, que a coisa mais bonita que a mulher tem é o corpo. E se ela não valorizar, se ela tem o seio bonito, naquela época, já poderia mostrar, não mostrava tanto igual mostrava tanto igual hoje. E o carnaval foi acabando por causa de besteiras.

**P:** Quando as moças da zona boêmia desfilavam, existia algum preconceito?

**M:** Tinha, tinha uma fantasia que saiu em 1958, uma mulher da zona que saiu dentro da boca de uma cobra muito grande, vestida de sutiã e calcinha. Aí os carros do Ilusão não comparou com os carros da zona, a alta sociedade ficou em segundo lugar. Pareceu que o pessoal tava prestigiando mais a boemia que a sociedade.

**P:** Mas a população reagia como ao desfile delas?

**M:** Com respeito, porque a boemia eu fui um dos grande frequentadores da zona, posso falar a verdade. Quando eu entrava de férias na Rádio Educadora era dia 1º de abril, eu era solteiro, morava na Esplanada, eu não ia pra minha casa, eu ia direto pra zona. Ficava 30 dias, lá tinha mulheres, bebidas, música ao vivo, não tinha coisa melhor, do que o homem viver a vida com o que ele gosta. Não precisa ser droga, não tinha esse negócio de tráfico de drogas, não tinha roubo, não tinha nada. Você tinha o quê? Alegria, bebidas, músicas e mulher bonitas à vontade.

**P:** E por que a zona acabou?

**M:** Ah, deixa saudades, não devia ter acabado nunca. Porque hoje, você não conheceu o mundo que eu conheci, naquele mundo existia respeito, hoje não tem mais, e aquele tempo a mulher tinha vergonha de mostrar o rosto, a mulher que era da zona, quando ela vinha no centro, era só depois das 10 da noite. A não ser quando a Dulce, ela escalava mulher tal, mulher tal, mulher tal, e escolhia cinco mulheres, ela lançou o carro mais importante que a

cidade teve, foi o Cincajangada, seu pai já ouviu falar nisso, pegamos a que tinha as mulheres, ia na loja mais famosa que tinha na época, que só vendia para as maiores madames, se chamava a Brasileira "A Brasileira, a loja que veste o estado". Aí a Dulce chegava lá com as suas meninas, e comprava tudo lá, as melhores roupas eram vendidas primeiro para as mulheres da zona boêmia. Elas que lançavam o sucesso. Mas foi muito bom, eu tenho saudades. Coração bate alto.

**P:** E por que o senhor acha que hoje não há atrações culturais, não há carnaval, não há nada?

**M:** Valadares, na verdade, é a cidade do já teve. Valadares já teve o Ilusão que era o local da maior atração de Valadares e hoje é usado somente pra festinha de casamentos. Antigamente era festa, de modo em geral para o povo, você vê a situação do Garfo hoje, acabou. Nós tamo aqui pra falar a verdade, vai lá, você não vê ninguém. E assim tá indo as coisas. Não sei porquê.

**P:** Aqui tinha a Rádio Educadora, é essa...

**M:** Não, essa era a rádio que eu trabalhava, que eu entrei em 1962, a saudosa Rádio Educadora que era do saudoso Osman Monteiro da Costa, que foi assassinado aqui na avenida Brasil com sete tiros. Morreu do dia 27 de setembro de 1964.

**P:** Tinha muito tiro aqui na cidade.

**M:** Nossa, demais. Fazia uma reportagem e mataram três, ninguém sabe quem matou até hoje. Era difícil você falar que era repórter policial. E até hoje eu mexo com isso.

**P:** E o próprio Manoelão foi assassinado. Como que foi isso?

**M:** É confusão no morro, ele tava bebendo uns gole e jogando carta de baralho, ele desentendeu com um elemento lá e o elemento matou ele. Mas de escola de samba, o único que foi assassinado foi o Manoelão, os outros tão aí. Antônio Paulino tá aí ainda, com seus 70, 80 anos, o Buti tá aí ainda e a Baiana que mudou para Vitória. E o Zezinho também da Bate Papo, morreu, mas foi de morte natural. A vida foi essa.

**P:** Teve algum caso que marcou você durante o carnaval?

**M:** Na verdade era uma época boa, porque o radialista naquela época era valor, era valorizado, porque naquela época não tinha televisão, não tinha nada, que a pessoa tem que olhar é o nome dele e a dignidade, porque enquanto ele tiver dignidade, ele é homem. Terminou a dignidade ele não é homem, naquele tempo eu era um homem novo, jovem, eu tive oito mulheres, casadas mas dos outros, porque é um ditado que o cachorro só sai de casa pra comer fora quando não tem comida na casa dele. Porque você casa com um homem, ele só chega de madrugada, com álcool, drogas, ele bate em v muito tempo não. Mesma coisa o homem, que casa com uma mulher que não sustenta ele, não dá carinho.

**P:** Parece que o estilo da cidade mudou muito, as pessoas tinha a iniciativa de promover o bem da cidade...

**M:** É verdade, quantas vezes a Rádio Educadora, fico honrado em dizer isso, falava "nós tamo precisando disso, pra ajudar uma família que chegou na cidade, tá passando fome", e a gente

botava a sirene do rádio patrulha e ele conseguia 300, 400 reais. Hoje você não vê isso.

**P:** O senhor acompanhou a guerra entre os fazendeiros e os lavradores que teve aqui em 64?

**M:** Acompanhei. Foi muita encrenca, começou com invasões de terra, morreu muita gente, mas eu não quero citar que tem muito amigo que é filho de quem mandou matar. E terminou assim, morreu gente inocente, morreu um cidadão que chamava Seu Otávio, morreu inocente. Mas quem matou também já morreu, lá em Capelinha, chamava Vander Campos, seria candidato à deputado estadual e foi morto lá em Capelinha. Esse homem foi o homem que matou o seu Otavio, esqueci o sobrenome, mas foi um grande farmacêutico que tinha cidade. E homicídio, tivemos vários homicídios na cidade, morreu muita pessoa, morreu no Centro e morreu muito bandido. Era uma guerra, repercussão nacional, por exemplo, quando o Osman foi morto, começaram a colocar o corpo, lá no cemitério já tinha gente saindo da casa dele aqui, o mesmo aconteceu com o Casca Grossa, que foi radialista também..

**P:** E como foi a morte desse radialista?

**M:** Foi uma doença. Pegou uma infecção, não teve jeito e morreu. Mas assassinado morreu o Osman, morreu o Ailton, Helinho, Elder Barros de Oliveira e morreu tudo na boca de um 38, porque naquele tempo na boca do 38 não escapava ninguém. E só os fortes, igual o Paulinho Maloca fala, sobreviveram. E eu me considero forte, porque eu não sei jogar pedra em ninguém, para mim somos todos iguais.

**P:** E a enchente de 79?

**M:** Ah, nunca trabalhei tanto. Aquilo era dia e noite. A rádio Educadora fazia cobertura dia e noite salvando o povo, a enchente tomou conta da Ilha toda, casas e mais casas, bois morriam lá pra cima e desciam na água, derrubavam casa, vinha a água com a força de um boi, e derrubava paredes, você via a casa derrubada e quando via tinha um boi morto lá dentro. Eu mesmo tinha uma casa na Ilha e com a enchente nós mudamos tinha um homem morto dentro de casa, a minha mulher assombrou e nunca mais nós voltamos pra Ilha. Vendi a casa barata.

**P:** E custou a recuperar...

**M:** Nossa, um dinheiro daqueles era difícil de ganhar. Mas não dinheiro fácil, porque esse é muito fácil de ganhar ele, mas com dignidade.

## Anexo 18- Entrevista com Murilo Teixeira

Data: 02.09.10

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Policial reformado da Polícia Militar/ Escritor.

**Murilo:** Antes de mim, existiu carnaval em Valadares, mas era feito, logo depois da emancipação até a década de 70, o carnaval era feito pelos clubes, que iam com seus blocos, geralmente dominados pelo Minas Clube. Existiam dois clubes na cidade, o Minas e o Ilusão, depois que apareceram outros. Na época do carnaval era isso, bloco aqui, bloco ali. Mas quando o dr. Hermírio assumiu na prefeitura e eu fui trabalhar com ele, então ele resolveu botar, porque a prefeitura era relativamente nova e não seguia muito bem, como eu fui secretário lá, nós criamos na lei a criação do serviço de turismo, que é o responsável por essas coisas, e criações. Então resolvemos botar pra funcionar o serviço de turismo e fui eu o encarregado pra botar pra funcionar. Dentro das minhas limitações, porque não existia nenhuma base pra gente fazer nada, além de improvisar era inventar também. Então nós assumimos essa parte, uma delas que nós assumimos foi essa: carnaval. A prefeitura passou a fazer o carnaval. E com aquela raridade de informações nós passamos pra aquela de botar a inteligência pra funcionar, nós passamos a fazer decorações de carnaval. Junto com o Francisco Moreira de Melo que era serralheiro, porém artista, ele então conosco atendendo nossas opiniões, fazendo o carnaval. Durante um certo tempo, acho que em 72 ou 78, que eu estive no comando com o dr. Hermírio, eu fui praça lá no primeiro ano do governo dele, no primeiro governo. E fiquei lá três anos, dois anos, três. Nessa época estava mais pra secretaria de administração que de turismo propriamente. Então a gente criou a secretaria de turismo lá, fomos pegar um pedaço pequeno de tempo. Então de tal outra vez nós já voltamos junto com ele, ficamos 4 anos. Primeiro na década de 70, depois de 80, uma coisa assim. De maneira que nós tivemos carnaval, participamos de outras coisas, e assumimos o carnaval, criamos coisas. Mas quando foi na saída dele, do segundo mandato, nós fizemos um planejamento de carnaval e levamos pro futuro prefeito, que é preso com religião. De maneira que eu entreguei pra ele o planejamento todo, brigamos no dia, eu era secretário de turismo, ele ainda não tinha assumido, eu pedi uma audiência, ele marcou no consultório dele, já entrei sem muita vontade, e ele me recebeu como se funcionário dele, aí eu brequei. Eu sou muito orgulhoso, sabe? E aí ele naquela de ficar embuado eu falei " que que é? eu sou o secretário de turismo, você ainda não é o prefeito, não assumiu. Eu não sou seu funcionário. Então você vai me tratar na minha posição, que eu trato o senhor na sua posição. Tá aí o planejamento, se quiser usar, bem. se não quiser faça o que quiser dele, porque o senhor tá entrando em janeiro, não dá tempo de fazer nada, e o nosso planejamento tá aí". Nisso depois ele pediu audiência e foi lá conversar comigo, trocou o esquema, mas aí o carnaval morreu. Definitivamente, porque não houve mais nada. No Raimundo Resende, o Zé Venceslau, que é pastor protestante, ele que assumiu a secretaria de turismo e cassou tudo. Pronto, acabou. Teve essa desvantagem, a religião é a trava. Mas o negócio do carnaval é isso aí.

**Pergunta:** Na década de 70 já tinha crise econômica, inflação?

**M:** Não, o Brasil nunca passou sem isso não. Essas crises, ih já passou várias vezes. O brasileiro tem mania de inventar determinadas coisas, não sabe viver sem inflação. Pegaram de exemplo essa "América", foi a pior coisa.

**P:** Mas como que era tá na administração e começar com essas inflações, essas crises?

**M:** Não, aí eu já estava fora da prefeitura. Começa por aí, quando entregamos o posto o Júlio falava comigo assim "você não pode se afastar não, tem que ficar num cargo político". Eu falava "mas eu não sou político, eu trabalhei com o dr. Hermírio como técnico." Inclusive a gente estava no gabinete conversando, aí começava a chegar vereadores e ele falava "Murilo, daqui a pouco é reunião política", eu eu "muito obrigado, dr. tá na hora?", "tá", "então tá, tchau". Aí eu saía, porque eu não quero entrar em política, eu não tenho partido, não tenho nada. Terminada a nossa função lá, acabou o carnaval.

**P:** O Buti falou que uma vez o senhor procurou ele, pediu pra deixar outra escola ganhar, porque a dele sempre ganhava, podia desanimar as outras...

**M:** Não, não, apenas conversamos. Eu não pedi pra deixar a escola dele de ganhar, eu falei pra ele "tá ficando sem graça esse negócio". Ele mesmo aceitou.

**P:** Como que era a zona boêmia. Ela em si, e no carnaval?

**M:** A zona boêmia fez parte do carnaval na época dos clubes. Inclusive aqui onde nós estamos era um famoso cabaré, aqui era o da Dulce, o prédio chama Edifício Dona Dulce. Homenagem a ela, que era uma criatura fabulosa. Eu dei muito tiro aqui na época, era sargento. Ela participava ativamente do carnaval, saía com a zona boêmia pra desfilar. Ela era uma das promotora dos carnaval ao tempo dos clubes, antes de nós termos chegada. daí ao tempo da nossa chegada, isso aí foi lá por 50 a 60, por aí. De maneira que nessa época a zona boêmia tinha a participação com carros alegóricos, mulheres nas ruas, era muito interessante a participação dela. Agora nunca ouvi falar em outras participações. Era a zona boêmia e os clubes.

**P:** Eu fiquei sabendo que as mulheres da zona boêmia só podiam desfilar depois da meia-noite.

**M:** Isso aí eu já não sei, porque eu não interessava nada disso, na época. Ainda mais que tava aqui há pouco tempo.

**P:** Antes de ser secretário, o senhor já tinha envolvimento com carnaval?

**M:** Não, não. Aliás, tinha sim. A madame em Diamantina nós pertencíamos ao clube Acaiaca, que recebia o conterrâneo o presidente Juscelino Kubistchek. Nós não perdíamos carnaval, quando eu fui pra Teófilo Otoni, eu levei a carteirinha, e o disseram "nós já temos um militar no clube", mas fizeram uma exceção pra me colocar. Fui muito bem recebido. E no carnaval saíamos fantasiados, a madame e eu, participava do carnaval do clube. E fazia lá o policiamento sozinho nos clubes. No Minas eu também, fantasiado, fazia o policiamento dos clubes. Até que um dia o coronel Lair, era comandante do policiamento da cidade, então ele falou que achava ótimo o que fazia, eu falei que queria um policiamento diferente, indo com a farda de gala, pra população acostumar com a farda. Deixa o folião se esfregar nele, a mulherada se esfregar, o folião passar o perfume pra ele, pra população acostumar. Deu certíssimo. E essas coisas assim. Sempre me meti nessas enrascadas assim.

**P:** Como que o senhor conheceu o dr. Hermírio, pra ele te nomear secretário?

**M:** A história é a seguinte. Eu vim com um cavalheiro, coronel, que o dr. Hermírio convidou



pra ser secretário da educação dele e ele aceitou, e pouco tempo depois veio a minha reforma. Um dia eu passei e esse sujeito me chamou, me convidou pra vir pra prefeitura. Assim foi três vezes, daí eu peguei todas as leis da prefeitura pra estudar, que eu só ia pra lá quando eu tivesse gabarito pra trabalhar. Oito dias depois eu voltei pronto pro cargo, gabaritado. E o dr. Hermírio ficou sem me conhecer até quase o final do governo dele. Quando o coronel morreu, o dr. Hermírio ia levar ele pra Belo Horizonte, que era onde que ele queria ser enterrado, aí ele falou pro Dilermando Melo "assume aí, pode fazer o que tiver que ser feito que, quando eu chegar, eu assino tudo". E o Dilermando falou "eu? você tá enganado, quem faz as coisas é esse cara aqui". E o dr. Hermírio perguntou quem era eu, e o Dilermando falou "é o homem que faz tudo que o coronel assina, ele que é o comandante aqui". E ele me deixou fazendo o serviço, quando voltou me chamou no gabinete e falou "vamos nos conhecer". Ele quis me colocar como secretário, mas eu falei que tinha umas coisas pesadas pra fazer e que precisa de alguém com gabarito político pra fazer. Aí colocou o dr. Siva de Castro e nós fizemos tudo que tinha que fazer, eu fazia tudo com a mão do Siva, porque ele tinha peso político e eu não. Instituímos e destituímos coisas. Aí chegou uma época que o presidente da câmara exigiu a volta do doutor Siva pra Câmara, aí ele voltou e eu fiquei. E assim que eu e o doutor Hermírio nos tornamos amigos, companheiros, até cúmplices. Isso foi no primeiro mandato, quando ele voltou no segundo mandato já chegamos os dois juntos. Aí foi outra coisa. No jornal falou "criaram uma máquina na prefeitura que não tem defeito". Foi assim que nós começamos.

## Anexo 19- Entrevista com Otávio Magalhães Coelho

Data: 02.09.09

Local da entrevista: Casa entrevistado.

Ocupação: Aposentado.

**Otávio:** Eu vim pra Valadares em 1935, eu tinha 14 anos e até hoje eu estou por aí. Tenho família, tô com meus 90, mas com saúde boa, mas a memória muito fraca e vou tentar dar algumas informações conforme a pergunta for feita.

**Pergunta:** Quando o senhor veio pra cá ainda era Figueira?

**O:** Ainda era Figueira do Rio Doce.

**P:** E o senhor já via acontecer algum carnaval?

**O:** Ah sim, a década de 40, 50, o carnaval era muito animado. Ilusão, Figueira e outros clubes menores, o Minas Clube. Uma frequência muito grande, uma animação enorme, era uma fase muito boa da cidade, a cidade prosperava muito então as pessoas tinham recursos e encontravam para dançar, era um carnaval muito bonito, eu não tenho nenhuma fotografia da época, mas eu sei que era muito importante, foi uma época que muita gente saía de Belo Horizonte pra vim passar o carnaval aqui. Eles falavam que era o terceiro carnaval do estado, era Belo Horizonte, Uberlândia e Valadares, eram os três carnavais mais interessantes.

**P:** E o senhor pegou o ciclo das pedras preciosas que atraiu muita gente?

**O:** Ciclo da madeira, ciclo da mica.

**P:** Como foram esses ciclos?

**O:** A mica, que foi um dos fatores de desenvolvimento da cidade, quando eu cheguei aqui já era um comércio lucrativo desse material, em 1935. E prosperou talvez uns 20 anos, até depois da grande guerra, a segunda grande guerra, quando os americanos desinteressaram pelo produto. Eles falam que a mica era pra fazer o plano de esforço de guerra, a mica era muito importante. Então os americanos faziam as estradas aqui pro interior, compravam os produtos e davam uma assistência muito boa, na área de saúde, e várias coisas foram implantadas pelos americanos. Reformaram a estrada de ferro, então foi um período extraordinário pra nossa comunidade. A Segunda Guerra acabou em 1938.

**P:** 1945.

**O:** Hein? Ela começou em, não sei se foi 45.

**P:** Eu acho que ela começou em 38.

**O:** Ela deve ter começado em 38 e durou uns quatro anos. Eu não sei muito disso não. Mas esse período de guerra eu acompanhava através de jornal, o rádio ainda não existia pra todo mundo, aqui no interior tinha mais os jornais que chegavam de Belo Horizonte e vinham pela estrada de ferro, e a noitinha, sete horas, chegava o trem de Belo Horizonte, e todo mundo

corria pra comprar jornal, pra acompanhar o desenvolvimento da guerra na Europa. A Alemanha, Inglaterra, França, Itália, foram os países, depois a Rússia, depois os americanos, foi um período de muito movimento aqui e grande parte em virtude da guerra.

**P:** E como foi o ciclo das pedras preciosas?

**O:** Esse período já existia as pedras preciosas, mas era um comércio ainda fraco, não tinha um valor muito alto. Mas já havia comércio, ele servia pessoas da Europa, dos Estados Unidos, do Japão, interessados na compra de pedra estavam sempre aqui na cidade aonde se beneficiavam desse material para levar para o exterior.

**P:** E os ciclos de comércio em alta ele fez a expansão da zona boêmia.

**O:** Até 1990 ainda existia um comércio de pedra muito bom. Nesses últimos 15 anos caiu bastante. A produção diminuiu e os valores também não acompanhou a valorização, não acompanhou as dificuldades que existiam, de ir pras lavras, de fazer a pesquisa. Era muito difícil, as estradas muito ruins, chovia muito, então era um problema, mas vinha, tinha pedra na região em Safira, em São José da Safira, aqui mesmo na região, uma região de Chonim de Cima, a produção de pedra era razoavelmente grande.

**P:** E a zona boemia como que era?

**O:** Na época do carnaval existia também a participação da zona boemia com carro alegórico, eles davam o nome, era patrocinada por uma mulher que tinha uma pensão na região boêmia, era muito, era um destaque muito grande o carro alegórico que eles faziam, mas eram o direito deles eram muito limitado, não tinha muita liberdade não, era muito pouco, um pouco constrangidos. Mas participavam sim.

**P:** E como que o senhor vê a cidade agora? A cidade que tá meio parada...

**O:** Eu acho que as autoridades precisam cuidar desse problema de carnaval na época certa, estimular, financiar os clubes, pra voltar a cidade a viver aqueles tempos que passaram e foram de muito vigor, muito bonito, trazia gente de fora, em vez de sair o pessoal daqui pra fazer carnaval lá fora, gastar no Espírito Santo ou na Bahia, o interessante é que o de fora viesse pra cá, pra fazer carnaval com a gente aqui. Hospedando nos hotéis, gastando nos bares e restaurantes, seria muito bom, mas sem incentivo não se faz carnaval não, porque é muito custoso montar um carro alegórico bonito, fica caro. E a sociedade não tá organizada a ponto de cuidar com eficiência desse programa não. Sem incentivo da comunidade, da cidade, da prefeitura, dos órgãos municipais, sem esse incentivo creio que ninguém se animará a tomar a iniciativa de fazer lançamento com sucesso. Hoje nós temos a Univale que também podia ajudar muito. Uma juventude muito abrangente, enorme, então tudo isso contribuiria para o carnaval fosse novamente motivo de estímulo ao comércio. Porque o comércio ganha, os hotéis, pensões, os táxis, os bares, restaurantes, todo mundo ganha. Então cabe às autoridades reverter esse quadro. Não permitir ou fazer tudo pra que as pessoas daqui não saiam daqui no período de carnaval. Promover assim o nosso carnaval, porque tem tudo pra ser um êxito muito grande, segundo a gente assistiu, e hoje tem muito mais facilidade ainda, pelos recursos, a tecnologia evoluiu bastante. Então creio eu que se as autoridades estimularem nós vamos conseguir belos carnavais ainda.

**P:** E como que foi a gerra em 64 entre os lavradores e os fazendeiros?

**O:** Em 64, não houve guerra entre fazendeiro e operário não. Aqui o que houve foi que a sociedade reagia contra os desmandos do governo federal e o que estimulou, principalmente os governos da Guanabara e de Minas, a propiciar essa revolução de 64 que foi estimulada pelo povo, mas contou com o apoio do governo Magalhães Pinto e Carlos Lacerda na Guanabara. E os militares foram chamados a participar desse evento e com sucesso, o que o público queria era que cessasse aquela desordem que foi implantada no governo do Vargas e acabou aqui em Valadares aconteceu alguma coisa desagradável, com duas ou três, mas em regra geral não houve assim coisa muito de chamar muita atenção. A revolução em 64, eu fui um entusiasta dela, e continuo sendo, eu acho que nós vivíamos uma época de progresso, de tranquilidade, de respeito, e hoje não. Hoje a gente está assistindo a desordem generalizou, porque ninguém se dá ao respeito. Chama-se o presidente da república de "o Lula", não é "o presidente Lula", é "o cara", quer dizer, acabou aquela hierarquia do trato, das coisas e generalizou esse populismo que não leva a nada. Creio eu que o país tá precisando de regenerar seus costumes. Do jeito que está vai só piorando. Vai desiludindo os mais jovens, que vão ficando habituados com esse relaxamento dos poderes público, deputados, senadores, presidente, creio eu que tá fazendo falta hoje o que a revolução fez em 64 até 83, 84. Nós temos hoje no Brasil um progresso muito grande e deve-se grande parte desse progresso aos militares. Esse assunto creio que não é do agrado de muita gente, mas eu me sinto à vontade porque eu tenho oito filhos, vivi muito modestamente, comerciante de pequenas posses, mas consegui, porque a revolução nos deu a oportunidade de educar, de dar curso superior aos filhos, porque trouxe pra aqui, o MIT, que lá eu consegui pros meus filhos sete diplomas de curso superior, e hoje eles estão gozando o privilégio de bons empregos e ótimos salários. Eu devo muito à revolução e sinceramente acho que o desenvolvimento do Brasil se deu em virtude dos militares, que não cuidam de política, eles cuidam do Brasil, eles cuidam do país, eles aprendem, eles estudam, trabalham, eles vivem o Brasil. O Brasil é o objetivo deles. Então eu acho que vou desagradar muita gente com essas minhas declarações, mas eu sinto-me no dever de falar aquilo que eu sinto e que não arrependo nunca de ter participado com muito entusiasmo daquele movimento de 64. No dia 21 de abril eu não dormi à noite, passei a noite escutando rádio, o movimento das rádios, do Brasil inteiro entrando em cadeia pra divulgar os acontecimentos e com poucas horas o país se rendeu à revolução e a partir daí a ordem voltou a reinar e felizmente os acontecimentos desagradáveis foram relativamente pequenos. Porque eles falam que a revolução matou muita gente, mas eles falam em 396 pessoas desaparecidas, hoje em São Paulo eles matam por mês muito mais do que isso. Então ninguém tem o direito de ficar reclamando da revolução, pelos 396 que desapareceram.

**P:** E a enchente de 79? Do que que o senhor se lembra dela?

**O:** A enchente de 79, eu me lembro muito. Foi a semana que eu perdi um irmão, o Afonso, mais novo que eu, naquele tempo ele sofreu um acidente na fazenda, quebrou a medula e oito dias depois foi enterrado aqui, exatamente no período em que a grande parte dos bairros tavam alagados. Foi a maior enchente que nós tivemos. Eu acredito que não teve vítimas, não me lembro se houve vítimas, mas o prejuízo financeiro foi muito, mas a cidade recuperou pouco tempo depois. Pouco tempo depois a cidade tava recuperada, a Ilha muito bonita, se refez tudo. Quer dizer, às vezes tem coisas que acontecem que parecem que desagregam, mas a cidade voltou a ser muito mais bonita que antes da enchente.

**P:** O senhor foi presidente da Lira?

**O:** Uns 20 anos, a Lira enquanto eu tive condições de ser presidente, porque a idade foi

chegando, a paciência foi esgotando, então eu fui deixando a Lira mais a distancia. e hoje infelizmente a Lira tá numa situação muito difícil, parece até que não tão tocando mais. Mas já tivemos participação em concurso de bandas, que todo ano tinha em Juiz de Fora, tinha em Caratinga, havia sempre os encontros de banda e a Lira sempre participava com 30, 32 pessoas, músicos. Hoje os veteranos cansaram parece, e a juventude não tem entusiasmo. Hoje a música tá muito banalizada, botam uma musicazinha que não leva a nada, a música baiana ela é muito viva, mas é só pra você ver, porque em matéria de conteúdo, de letra não acrescenta nada. Tem baianos cantores importantes a Gal, o Gil, Caetano, tinha o Luís Vieira que gostava muito e ficava nisso. E a moçada que faz tocar uma música mais africana que brasileira, mas eu acho que nós estamos perdendo tempo em adotar a música baiana. Ela não é música brasileira. Música brasileira é o samba, não é aquela coisa chamada axé, eu não sei nem o que que significa essa palavra, mas essa não leva a nada não. Ela é alegria, mas não tem conteúdo. Infelizmente a verdade é essa.

**P:** E como que eram os bailes de carnaval na Lira?

**O:** Os bailes da Lira eram muito entusiasmados, tinha muito... Enchia, a sede enchia, dava muito movimento e felizmente não existia desordem não, era muito organizado, muito sério. Hoje já não acontece isso, a Lira foi embora, a Lira tem uma sede boa, uma sede nova que em parte eu ajudei na sua construção porque quando a Lira tava saindo do meu controle, eu tava abandonando a direção, houve uma eleição, então eles pediram pra indicar uma pessoa pra fazer parte na diretoria. Então eu indiquei uma moça, muito entusiasmada e ela então trabalhou muito pra que a Lira conseguisse recursos pra fazer a nova sede e ela conseguiu, 80% dos recursos empregados na sede nova é fruto do trabalho dela. Ela era muito animada, ela buscava de qualquer maneira, na prefeitura, fez um convênio com a Associação Comercial, que participou, ajudou a construir. Dr. Hermírio também, mas infelizmente essa menina morreu. Morreu nova, ela chamava era Doca. A Doca era de um entusiasmo danado, pena que eu não tenho, na minha sala eu tenho fotografias da Lira, quando ela participava da diretoria, mas depois ela atritou com o presidente, o presidente não gostava dela, não sei se ele tinha razão ou não, eu acredito que não, mas ela era entusiasmada. E produtiva, ela pegava e levava pra frente, buscava recurso e 80% do produto que hoje tá empregado na sede é inspiração dela.

**P:** E o senhor participou das comissões julgadoras que julgavam as escolas de samba?

**O:** Não, eu não participava praticamente de nada, porque eu sempre trabalhei com bar, então eu trabalhava, 12, 14, 16 horas. abria o bar às 7 horas da manhã e ia até meia-noite, então eu nunca participava desses eventos não. Eu assistia porque o meu bar era o ponto muito frequentado exatamente por, eu não me lembro em que ano que foi, mas o carnaval tava assim meio sem entusiasmo, houve uma divergência entre os clubes e ninguém quis promover o carnaval. Então meu bar era na Avenida, no Centro da cidade, onde são diversas lojas hoje, mas era um bar enorme, um salão grande, então eu promovi um carnaval ali no meu bar. Foi um sucesso absoluto, sucesso total. Quatro dias e quatro noites de festa. Até hoje eu me recordo muito da trabalhadeira que eu tive, mas o resultado foi positivo. A melhor sociedade de Valadares participou ativamente, felizmente eu até hoje, desde aquela época, eu gozava de um conceito bom em termos de moral. Então propicieei à sociedade esse carnaval, foi realizado dentro do meu bar. botei grande, suspendi as portas de aço e botei grande, contratei música e fez sucesso.

**P:** Como que era o nome do seu bar?

**O:** Bar Avenida. Tinha sinuca, tinha sorveteria, na época, por exemplo, não tinha luz elétrica, eu tinha aqueles lampião Aladim e a sorveteria a gente tinha motor próprio pra poder tocar a sorveteria porque a luz da cidade não dava pra movimentar uma sorveteira. A luz aqui era muito fraquinha, era produzida por um motor pequeno, que era de propriedade do senhor Otero Ramos, então ela não dava pra tocar motor não. Era umas lampadazinha muito apagada, muito vermelha na rua, e dentro de casa era lampião. Eles contam até uma história mais ou menos assim: "Figueira do Rio Doce, cidade que me seduz, de dia não tem água, de noite não tem luz". Era uma cidade importante, teve muito orgulho de ter participado dos projetos todos da área social, a música a secretaria, o futebol através do Cruzeiro, que hoje tem sede na avenida Brasil, perto do SAAE. E felizmente eu participei dessas atividades todas e gosto ainda de falar sobre essas coisas, porque até hoje eu me sinto satisfeito quando chego a tocar nesses assuntos.

## Anexo 20- Entrevista com Ronaldo Perim

Data: 07.10.09

Local da entrevista: Escritório do entrevistado.

Ocupação: Empresário.

**Pergunta:** Como que o senhor começou a sua vida política?

**Ronaldo:** Bom, isso foi há pouco tempo, recentemente quando eu tinha quase a sua idade. Brincadeira. Bom, eu era empresário, com o sou até hoje e sempre tive uma vocação forte pra política, me inscrevi no MDB, filei ao MDB e era época ainda da recessão, do regime de recessão e nós estávamos em plena ditadura militar e concorri como candidato à vice-prefeito em 1972, formando chapa com o ex-prefeito Raimundo Resende. Perdemos a eleição daí a quatro anos voltamos novamente, aí fomos eleitos e exerci a presidência do Semov, como vice-prefeito. O Semov era uma autarquia muito importante à época. Depois eu fui eleito prefeito, deputado federal, secretário de estado e assim foi.

**P:** Na época da ditadura tinha muita crise econômica, e parece que muitas coisas tinham cota. Cota de cerveja, cota disso, cota daquilo. Como era isso?

**R:** Isso eram situações atípicas. Na verdade nós tivemos crise na época da ditadura como também tivemos momentos de crescimento acentuado. Teve um ano que, segundo as estatísticas, o Brasil cresceu 13% do seu PIB. Mas o problema do regime de recessão nem é tanto a questão econômica, o problema é a restrição às liberdades individuais, coletivas, a própria exercício da plena democracia, o surgimento de novos líderes. Uma situação que não pé perfeita, a democracia, mas é a menos ruim inventada pelo homem até hoje.

**P:** E quando o senhor era vice do Raimundo Resende, tem algumas pessoas que creditam a ele que o carnaval tenha começado a acabar por falta de subsídio da prefeitura. Como o senhor enxergava isso?

**R:** Não, na verdade nós tivemos bons carnavais na gestão do ex-prefeito Raimundo Resende, ainda. Como tivemos um bom carnaval, acredito que um carnaval muito expressivo no último ano do meu mandato. O que ocorreu e acontece é que a natureza humana é dinâmica. A sociedade vive em transformação, qualquer sociedade. E o que ocorreu, como alias tem ocorrido em todo país, é que o carnaval era uma festa praticamente comemorada no Brasil todo, passou a ser utilizado, dado o surgimento de novas tecnologias e estradas. Estradas asfaltadas que trouxe proximidade com as praias e houve uma mudança de costume. As pessoas preferiram, como ainda preferem, usar esses dias pra descanso, ir pra uma fazenda, pra uma praia, pra um lazer diferenciado. E com isso os carnavais de cidades menores foram perdendo a importância que tinham antigamente. Por exemplo, quando eu era da sua idade ou um pouco menos, isso recentemente, eu me lembro que Valadares tinha carnavais fantásticos. Isso porque a cidade tava crescendo muito, nós não tínhamos estradas, aqui era uma cidade já pólo, as pessoas vinham dos distritos, da zona rural, das cidades menores para ver o carnaval aqui. Inclusive uma coisa que pouca gente sabe, alguns dizem, a maior zona boêmia da história do Brasil, e as próprias prostitutas participavam do desfile, tinham carros alegóricos na avenida Minas Gerais. Era uma coisa muito mais eloqüente, muito mais participativa, porque, na verdade, havia muito pouca opção de lazer. Não havia televisão, nem se pensava em internet, computador, telefone celular. Aliás nem fixo tinha aqui. Então naqueles anos, era

normal que algumas festas, que hoje estão já caindo no esquecimento, tinham uma presença muito mais marcante na sociedade. Na sociedade, não só em Valadares, porque nas outras cidades também tem o congado, que hoje quase não existe, a única cidade que preserva é Coroaci. É, são os costumes que vão mudando mesmo. Não vejo nessa questão uma interferência, uma decisão positiva ou não do poder público, seja municipal, estadual ou até mesmo federal. A não ser em casos excepcionais como o Rio de Janeiro que tem o carnaval como um atrativo para atrair turistas, tanto daqui como do exterior. Recife, Salvador, mas fora essas cidades, mesmos as capitais como Belo Horizonte não aparecem no cenário carnavalesco com a importância que em outros tempos até tinham.

**P:** Mas em 87 decidiu não fazer o carnaval, conjuntamente com as escolas de samba, para fazer um carnaval melhor em 88. Houve algum tipo de hostilidade por parte da população?

**R:** Não, a bem da verdade houve uma tentativa de resgatar, de reoxigenar o carnaval de Valadares. Nós fizemos uma parceria, foi uma festa muito bonita. Eu me lembro que a avenida estava super lotada. E eu até tomei uma atitude incompatível com o meu temperamento, que poucas pessoas podem entender isso, eu sou muito tímido. eu eu acabei desfilando em um dos carros alegóricos, na avenida, e não fui vaiado, hein? Foi uma festa muito bonita. Outra questão que deva se colocar, é que, por exemplo, não é que isso seja decisivo, mas nós sabemos que Valadares tem uma população evangélica que seria proporcionalmente a maior população evangélica do Brasil em termos de cidade porte média. Em cidades de relevância, como é o caso de Valadares. E nós todos sabemos que por uma questão de prosseguimento, comportamento e crença, o evangélico ele é resistente a participar de festas momescas. Só por aí você encara o caso de Valadares, que tem uma parte da população que não se empolga por essa festa, com o carnaval. Já contaria só com uma parcela da população. E os próprios católicos hoje também prefere hoje ficar comodamente ficar sentado no seu sofá vendo o desfile das escolas de samba em Rio de Janeiro, São Paulo e o carnaval do baiano do que vir pra avenida, apesar dos esforços dos foliões, um desfile modesto, afinal os recursos são muito limitados.

**P:** Mas quando o senhor era prefeito continuava dando verba pra subsidiar os blocos também?

**R:** Nós ajudávamos, na medida do possível. mas eram ajudas muito modestas porque o município tinha outras prioridades, a sociedade clamava por outras coisas, a própria logística urbanística da cidade naquela época. Quase não tinha ruas pavimentadas, pra você ter idéia, quando eu assumi com o Raimundo Resende, os bairros de Valadares, com raríssimas exceções de algumas ruas, com raríssimas exceções de alguns bairros, tinha alguma rua pavimentada. A cidade era toda carente de água, de esgoto, de luz, de pavimentação, de escolas e postos de saúde. Enfim, tudo aquilo que é prioridade pra sociedade. Então realmente o município à época tinha uma arrecadação bem mais limitada. Nós tínhamos pouco acesso aos recursos estaduais e federais. Então fazia-se o que era possível, mas era muito empenho, muito suor e muita animação dos foliões.

**P:** E as escolas de samba viviam cobrando espaço da prefeitura pra ter uma quadra, pra se organizar melhor. Inclusive no processo da sua sucessão pro Rui Moreira, foi prometido essa área verde pras escolas. Por que que não conseguiu sair do papel?

**R:** Olha, eu não posso responder pelos atos dos meus sucessores. O que acontece é o que eu tô lhe dizendo, a coisa foi ficando tão assim minguada que não houve aquele entusiasmo, aquela pressão. Porque se houvesse, se as escolas realmente tivessem fôlego, se determinadas



parcelas da comunidade, sei lá, moradores do Pérola, Mãe de Deus, Palmeiras, aquela região ali, Bela Vista, que é uma região muito populosa. se tivesse uma escola de samba, ou um bloco, com participação efetiva, claro que eles conseguiriam do prefeito, da Câmara dos Vereadores, que tem que ser ouvida nesse caso, indispensavelmente ouvida, conseguiriam espaço. o que acontece, não só nesse caso como em outros tantos é que o poder municipal doa determinadas terras para algumas entidades e lamentavelmente essas áreas não são devidamente aproveitadas. Com isso vai criando cada vez mais resistente a esse tipo de procedimento. Se houvesse, ou se amanhã as escolas de samba ressurgirem em Valadares com ímpeto, com participação, com entusiasmo, certamente elas vão conquistar um espaço para suas atividades. Se não aconteceu no passado, e aqui eu não poderia de sã consciência criticar essa ou aquela administração, é mais porque o procedimento, o comportamento da coletividade passou por transformações, não só pelas facilidades que foram oferecidas, como também pela comodidade que a tecnologia que a televisão, programas oferecem àqueles que preferem ficar em casa a ir pra rua participar de uma festa tão tradicional como o carnaval.